



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ana Catarina Freire Dias

Orientadora

Professora Doutora Maria da Natividade Pires

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino no 1º ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria da Natividade Pires, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Março de 2020

Composição do júri

Presidente do júri

Doutora Maria Margarida Afonso de Passos Morgado

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutora Glória Maria Lourenço Bastos

Professora Auxiliar da Universidade Aberta em Lisboa (Arguente).

Doutora Maria da Natividade Carvalho Pires

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientadora)

Dedicatória

Aos meus pais...
que sempre acreditaram em mim
tornando possível o impossível.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, os meus pilares, que estiveram sempre presentes e me apoiaram nas horas difíceis, transmitindo a segurança e a calma fundamentais nesta etapa.

Ao meu avô, que aguarda na expectativa o meu sucesso.

À minha orientadora, Doutora Maria da Natividade Pires, pela orientação, pelas palavras sábias e conhecimentos transmitidos, o meu muito obrigada.

Às equipas de supervisão e aos professores da ESECB, que transmitiram ensinamentos que levo para a vida.

Um especial agradecimento à professora Dolores por todo o apoio e carinho, pelas palavras certas no momento certo. Sem as suas palavras provavelmente não estaria agora a terminar esta etapa tão desejada. Vai ter sempre um cantinho muito especial no meu coração.

Ao professor António Pais que não desistiu de mim e me deu a oportunidade de voltar a acreditar nas minhas capacidades.

À educadora Maria José Carvalho e à auxiliar Helena Marujo, por me deixarem ser eu própria e mostrarem que a educação pré-escolar ainda pode ser como eu sempre sonhei.

À professora Olinda pelo apoio e palavras sábias, numa altura em que eu não estava preparada para ouvir e aceitar, mas que foram muito importantes e permitiram que eu me tornasse melhor professora.

À professora Sara Vieira que acreditou em mim e me fez compreender que posso ser feliz como professora de 1.º Ciclo. Obrigada por todos os conselhos e amizade durante a Prática.

Aos meus meninos da sala dos 3 anos do Infantário “O Raposinho” e aos meus meninos do 3.º B, da Escola João Roiz, por me terem feito, pela primeira vez, sentir o que era ser educadora/professora de corpo e alma.

À Inês Luís, que nem a distância afastou e esteve perto estando longe e à Andreia Torres, amiga de sempre. Que a vida nos mantenha sempre no mesmo caminho.

À Tânia Carrilho, companheira de todas as horas, com quem tive o prazer de iniciar esta etapa e que, não sendo uma amiga de sempre, é de certeza para sempre.

À Patrícia Rico, a minha espanholita, um presente que a vida me deu e longe ou perto esteve presente nas horas difíceis. As suas palavras foram muitas vezes a esperança que guiaram o meu caminho.

À Sofia Pinheiro, companheira e amiga nesta última etapa. Foste o apoio que eu precisava e que não me deixou cair nos momentos em que as incertezas surgiram. Obrigada pela boa disposição e pelos “ralhetes”.

Por fim, mas não menos importantes, à D. Cacilda e à D. Guilhermina pelo colo, pelo apoio e principalmente pela paciência para me ouvir quando o desespero falava mais alto e eu não sabia o que fazer. Muito obrigada.

Epígrafe

No me importa si eres chica o chico
si eres negro o blanco
si entiendes bien mi lengua
y yo la tuya.

No importa de donde vienes,
o dónde has nacido.

No importa si tus padres
vivían ya aquí.

No importa si tenemos
creencias diferentes.

Nada de eso importa.

Porque de las diferencias
no haremos discriminaciones.

Porque las diferencias
nos enriquecen.

Porque estamos llamados a vivir
juntos.

Y vamos a entendernos.

Trae acá esa mano

Nos entenderemos.

Esteve Alcolea

Resumo

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito da nossa Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionado na Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar foi desenvolvida com um grupo de crianças de 3 anos de idade. A Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu numa turma de 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em que foi desenvolvida a nossa investigação “Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

A presente investigação pretende, acima de tudo, compreender e analisar a forma como os contos tradicionais com animais de países lusófonos contribuem para a aquisição de aprendizagens interculturais em crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os principais objetivos deste estudo são: promover a sensibilidade à diversidade cultural em alunos do 1.º CEB através de contos tradicionais; descrever a influência dos contos de animais dos países lusófonos em aprendizagens interculturais em alunos do 1.º CEB; analisar a importância dos contos de animais para a motivação na aprendizagem dos alunos do 1.º CEB; desenvolver atitudes de respeito pelo Outro em alunos do 1.º CEB; desenvolver atitudes de respeito pelo meio ambiente em alunos do 1.º CEB.

Os contos tradicionais alimentam a imaginação dos leitores e abrem espaços simbólicos para que estes se possam compreender a si mesmos e ao mundo que os rodeia. A utilização de contos de animais prende-se com o facto de os animais atraírem muito a atenção das crianças e, de uma forma geral, criarem facilmente relações de afetividade com eles.

A opção metodológica desenvolvida foi a investigação-ação, onde o investigador dá especial importância à prática, não descurando a reflexão, que pretende identificar problemas e planear estratégias para os ultrapassar. Deste modo, os dados foram recolhidos através de notas de campo, registos audiovisuais e registos gráficos (guiões dos alunos). Por fim, para dar resposta aos objetivos da investigação, procedeu-se à análise e interpretação dos dados recolhidos.

Palavras chave

Animais; aprendizagens interculturais; contos tradicionais; investigação; países lusófonos;

Abstract

This Internship Report is part of our Supervised Practice in Pre-School Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education, integrated in the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education, taught at Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

The Supervised Practice in Pre-School Education was developed with a group of 3 year old children. The Supervised Teaching Practice in Primary School was developed in a 3rd year class of the 1st Cycle of Basic School, in which our research was developed "Tales of animals from Portuguese-speaking countries - Promotion of intercultural education in the 1st Cycle of Basic School".

This research aims, above all, to understand and analyse how traditional tales with animals from Portuguese-speaking countries contribute to the acquisition of intercultural learning in children from the 1st Cycle of Basic Education.

The main objectives of this study are: to promote sensitivity to cultural diversity in 1st CEB students through traditional tales; to describe the influence of animal tales from Portuguese-speaking countries on intercultural learning in 1st CEB students; to analyse the importance of animal tales for motivation in 1st CEB students' learning; to develop attitudes of respect for the Other in 1st CEB students; to develop attitudes of respect for the environment in 1st CEB students.

Traditional short stories feed the imagination of readers and open up symbolic spaces so that they can understand themselves and the world around them. The use of animal tales is related to the fact that animals attract a lot of attention from children and, in general, they easily create affective relationships with them.

The methodological option developed was action-research, where the researcher gives special importance to practice, not neglecting reflection, which aims to identify problems and plan strategies to overcome them. In this way, data were collected through field notes, audiovisual records and graphic records (student scripts). Finally, in order to meet the objectives of the research, the data collected was analysed and interpreted.

Keywords

Animals; intercultural learning; traditional tales; research; Animals; intercultural learning; traditional tales; research; Portuguese-speaking countries;

Índice

1. Introdução.....	1
Capítulo I - Caraterização do Contexto Educativo em Educação Pré-Escolar	3
1. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar	5
1.1. Caraterização do Meio Envolvente.....	5
1.2. Caraterização da Instituição.....	6
1.2.1. Projeto Educativo da Instituição	7
1.3. Caraterização do Infantário.....	9
1.4. Caraterização da sala de atividades	11
1.5. Caraterização do grupo de crianças.....	14
Capítulo II – Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar.....	17
1. Vantagens da Prática em Educação Pré-Escolar.....	19
2. Organização da Prática na Educação Pré-Escolar.....	20
2.1. Cronograma de atividades	20
2.2. Reflexão sobre as semanas de observação.....	21
2.3. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas em grupo e em contacto com a família e a comunidade	24
2.4. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas individualmente.....	28
2.4.1. Primeira semana de atividades.....	28
2.4.2. Segunda semana de atividades	29
2.4.3. Terceira semana de atividades.....	30
2.4.4. Quarta semana de atividades.....	31
2.4.5. Quinta semana de atividades	32
2.4.6. Sexta semana de atividades.....	33
2.4.7. Sétima semana de atividades.....	35
2.4.8. Oitava semana de atividades.....	37
2.4.9. Nona semana de atividades.....	38
2.5. Reflexão geral sobre a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar	40
Capítulo III – Caraterização do Contexto Educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	41
1. Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico	43
1.1. Caraterização do Meio Envolvente.....	43
1.2. Caraterização do Agrupamento	44
1.3. Caraterização da Escola	47
1.4. Caraterização da sala de aula.....	48
1.5. Caraterização da turma.....	49

Capítulo IV- Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	53
1. Vantagens da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico	55
2. Organização da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico	56
2.1. Cronograma de implementação de unidades didáticas	56
2.2. Apresentação global e reflexão sobre as semanas de observação.....	57
2.3. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas em grupo e em contacto com a comunidade	59
2.4. Apresentação global e reflexão sobre implementação das unidades didáticas	62
2.4.1. Unidade Didática 1 – “A Magia das Plantas”	62
2.4.2. Unidade Didática 3- “O fantástico mundo dos animais”	65
2.4.3. Unidade Didática 5 – “Viagem”	69
2.4.4. Unidade Didática 6 – “Inventamos, criamos e aprendemos!”	75
2.4.5. Unidade Didática 8 – “Viagem à Floresta Tropical”	80
2.5. Reflexão geral sobre a Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico	84
Capítulo V- Investigação: enquadramento teórico	87
1. Justificação e contextualização do tema.....	89
2. Questões – problema e objetivos do estudo	89
3. Fundamentação teórica da pesquisa	90
3.1. A literatura tradicional	90
3.2. Os contos tradicionais.....	91
3.2.1. Os contos tradicionais com animais.....	93
3.2.2. Os contos tradicionais com animais nos países lusófonos.....	93
3.3. Diversidade cultural: uma sociedade multicultural e/ou intercultural?	95
Capítulo VI- Metodologia de investigação	101
1. Plano de investigação	103
1.1. Tipo de estudo.....	103
1.2. Participantes no estudo.....	104
1.3. Procedimentos da recolha e tratamento de dados	105
1.4. Princípios éticos da recolha de dados	106
2. Recolha de dados	107
2.1. Observação	107
2.2. Registo de observações	107
2.2.1. Registos audiovisuais	108
2.3. Documentos dos alunos	109
Capítulo VII- Análise de dados e discussão de resultados	111
1. Introdução à análise e interpretação de dados	113

2. Conto Tradicional “A raposa e o sapo” - Portugal.....	114
3. Conto Tradicional “O macaco e o cágado” – Moçambique.....	124
4. Conto Tradicional “Magia na Floresta Tropical” - Brasil.....	134
Capítulo VIII- Considerações finais	141
1. Considerações finais.....	143
Bibliografia	147
Anexos	151
Anexo A - Grelha de observação das crianças da sala dos três anos	153
Anexo B - Teatro de Fantoques (pré-escolar) - redigido pelas estagiárias	157
Anexo C - Planificação da semana de 11 a 14 de dezembro de 2017 (Educação Pré-escolar)	161
Anexo D – Matriz de Planificação didática N ^o 3 – 1. ^o CEB (26, 27 e 28 de março de 2019) ...	177
Anexo E: Pedidos de Colaboração para realização de Relatório de Estágio - Diretor do Agrupamento, Coordenador de Estabelecimento e Encarregados de Educação.....	207
Anexo F – Fichas de Trabalho realizadas pelos alunos da amostra sobre o conto “A Raposa e o Sapo”	215
Anexo G - Atividades da investigação desenvolvidas na Unidade Didática n. ^o 5	229
Anexo H- Atividades da investigação desenvolvidas na Unidade Didática n. ^o 8.....	235

Índice de figuras

Figura 1: Localização do Distrito de Castelo Branco no mapa de Portugal.....	5
Figura 2: Parque exterior.....	10
Figura 3: Planta da sala dos três anos.....	11
Figura 4: Sala dos três anos.....	12
Figura 5: Cantinho da cozinha	13
Figura 6: Cantinho das bonecas.....	13
Figura 7: Cantinho da Garagem	13
Figura 8: Cantinho dos Jogos	13
Figura 9: Cantinho da Informática	13
Figura 10: Zona de cabides das crianças	14
Figura 11: Zona de lavatórios	14
Figura 12: Fantoques de Meia	25
Figura 13: Teatro de fantoches.....	25
Figura 14: Fantoques de Colher de pau.....	26
Figura 15: Teatro de Fantoques sobre as profissões.....	26
Figura 16: Brincadeiras com elementos da natureza.....	26
Figura 17: Visita de Elementos do Fórum Castelo Branco.....	27
Figura 18: Teatro de Natal.....	27
Figura 19: Espetáculo de Natal.....	27
Figura 20: Jogos sensoriais: identificação de frutas através dos sentidos	28
Figura 22: Canção "As cores" e dança de roda	29
Figura 21: Formação de conjuntos e contagens.....	29
Figura 23: História <i>Pequeno Azul e Pequeno Amarelo</i>	30
Figura 24: Atividade de expressão plástica - formação de cores	30
Figura 25: Representação da chuva em guarda-chuva.....	31
Figura 26: Brincadeiras com peças de vestuário	31
Figura 27: Quadro do tempo	31
Figura 28: Audição da canção "Cheiro tão bem" e identificação de rotinas de higiene	32
Figura 29: Comportamentos corretos e incorretos	32
Figura 30: Cartas para o Pai Natal.....	33
Figura 31: Exploração das peças dos puzzles.....	33
Figura 32: As crianças exploram a textura e a cor dos ingredientes	34
Figura 33: A crianças utilizam os moldes.....	34
Figura 34: Jogo "A Mãe Natal manda..."	34
Figura 35: Lista de animais referidos pelas crianças	36
Figura 36: Contagem de palavras das frases	36
Figura 37: Contagem de sílabas das palavras.....	36
Figura 38: Dramatização com o Pai e a Mãe Natal	36
Figura 39: Diálogo com as crianças	37
Figura 40: Decoração de coroas criando sequências e padrões	37
Figura 41: pintura no painel utilizando a técnica da esponja.....	39
Figura 42: Elaboração de bolinhas de papel	39
Figura 43: Colagem das bolas de papel.....	39
Figura 44: Colagem do algodão húmido	39
Figura 45: Painel concluído.....	39

Figura 46: Mapa das Freguesias do Concelho de Castelo Branco	43
Figura 47: EBI João Roiz (Fonte: Google Maps).....	47
Figura 48: Planta da sala do 3.ºB.....	49
Figura 49: Desfile de Carnaval.....	60
Figura 50: Viagem de comboio.....	60
Figura 51: Visita ao Oceanário.....	61
Figura 52: Elemento integrador: "Pergaminho" com a estrutura da planta	64
Figura 53: Elemento integrador: puzzle e imagem que lhe deu origem	65
Figura 54: Teatro de fantoches: Raposa, Sapo e Texugo	67
Figura 55: Teatro de Fantoches	68
Figura 56: Random Name Picker.....	69
Figura 57: Elementos integradores: mala de viagem e barco de papel.....	70
Figura 58: Exploração do tangram	72
Figura 59: Maquete com o curso do rio	73
Figura 60: Trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos.....	73
Figura 61: Elemento integrador: A máquina de fazer palavras, José Vaz.....	75
Figura 62: Quadro síntese sobre as Unidades de medida de Capacidade	78
Figura 63: Elemento integrador - Máquina de fazer Palavras.....	79
Figura 64: Síntese da UD presente num guião do aluno	80
Figura 65: Mala de viagem - elemento integrador	81
Figura 66: Viagem de comboio.....	83
Figura 67: Observação de um aquário no interior do Oceanário.....	84
Figura 68: Contos, fábulas facécias e exemplos da tradição popular portuguesa.....	114
Figura 69: Fantoches	116
Figura 70: Teatro de fantoches: A raposa e o sapo	117
Figura 71: Contos tradicionais da CPLP	125
Figura 72: Grupos de trabalho – fauna e flora de Moçambique.....	134
Figura 73: Trabalhos de pesquisa organizados pelos alunos	134
Figura 74: Contos de animais.....	135
Figura 75: Mala de viagem com as bandeiras	136
Figura 76: Outra face da mala de viagem com mapa-múndi.....	136
Figura 77: Localização dos países no mapa-múndi	137

Índice de tabelas

Tabela 1: Atividades desenvolvidas de 30/10/2017 a 02/11/2017 (primeira semana)	28
Tabela 2: Atividades desenvolvidas de 06/11/2017 a 09/11/2017 (segunda semana)	29
Tabela 3: Atividades desenvolvidas de 13/11/2017 a 16/11/2017 (terceira semana)	30
Tabela 4: Atividades desenvolvidas de 20/11/2017 a 23/11/2017 (quarta semana)	32
Tabela 5: Atividades desenvolvidas de 27/11/2017 a 30/11/2017 (quinta semana)	33
Tabela 6: Atividades desenvolvidas de 04/12/2017 a 07/12/2017 (sexta semana)	34
Tabela 7: Atividades desenvolvidas de 11/12/2017 a 14/12/2017 (sétima semana)	36
Tabela 8: Atividades desenvolvidas de 03/01/2018 a 03/01/2018 (oitava semana)	37
Tabela 9: Atividades desenvolvidas de 08/01/2018 a 11/01/2018 (nona semana)	38
Tabela 10: Análise SWOT de acordo com o Projeto Educativo Agrupamento Amato Lusitano (aprovado em 27/11/2017 em Reunião do Conselho Pedagógico e em 04/12/2017 em Reunião do Conselho Geral)	46
Tabela 11: Conteúdos e objetivos da Unidade Didática 1	63
Tabela 12: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 1	63
Tabela 13: Conteúdos e objetivos da Unidade Didática 3	66
Tabela 14: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 3	66
Tabela 15: Conteúdos e objetivos da unidade 5	70
Tabela 16: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 5	71
Tabela 17: Conteúdos e objetivos da unidade 6	76
Tabela 18: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 6	76
Tabela 19: Conteúdos e objetivos a desenvolver na Unidade 8	81
Tabela 20: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 8	82
Tabela 21: Tabela de previsões e confirmação de acontecimentos sobre o conto "A raposa e o sapo"	115
Tabela 22: Previsões elaboradas e análise após a apresentação do conto	118
Tabela 23: Respostas dos alunos à questão 1 e 2 após leitura do conto "A raposa e o sapo".	120
Tabela 24: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto "A raposa e o sapo".	121
Tabela 25: Imagens extraídas da caixa literária	126
Tabela 26: Respostas dos alunos à questão 1 após leitura do conto "O macaco e o cágado".	128
Tabela 27: Respostas dos alunos à questão 2 após leitura do conto "O macaco e o cágado"	129
Tabela 28: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto "O macaco e o cágado"	130
Tabela 29: Respostas dos alunos à questão 4 após leitura do conto "O macaco e o cágado"	131
Tabela 30: Informação organizada pelos grupos e apresentada oralmente	133
Tabela 31: Respostas dos alunos à questão 1 após leitura do conto "Magia na floresta Tropical"	138
Tabela 32: Respostas dos alunos à questão 2 após leitura do conto "Magia na floresta Tropical"	139

Tabela 33: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto “Magia na floresta Tropical”	139
---	-----

Índice de gráficos

Gráfico 1: Número de crianças da sala dos 3 anos	14
Gráfico 2: Número de irmãos das crianças da sala dos três anos	15
Gráfico 3: Número de alunos do 3.º B.....	49
Gráfico 4: Número de irmãos dos alunos do 3.º B.....	50

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

ACICB- Associação Comercial, Industrial e Serviços de Castelo Branco

AEAL- Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

APEE – Associação de Pais e Encarregados de Educação

CATAA- Associação Centro de Apoio Tecnológico Agroalimentar

CPLP- Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor

ESE – Escola Superior de Educação de Castelo Branco

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JJ- Jardim de infância

OMS- Organização Mundial de Saúde

PES - Prática de Ensino Supervisionada (1.º ciclo)

PIDDAC - Plano de investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central

PSEPE – Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar

PSP – Polícia de Segurança Pública

SWOT- Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades), Threats (Ameaças)

UD – Unidade Didática

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

1. Introdução

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito das Unidades Curriculares de Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

O tema deste relatório é “Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico”. Esta temática surgiu de forma natural uma vez que vivemos num mundo cada vez mais globalizado e multicultural. Neste período de tantas mudanças e constantes migrações é fundamental abordar questões como a multiculturalidade e a interculturalidade. Como refere Cordeiro (2008, p.39) “sempre existiu diversidade, porque se há algo que o ser humano tem e nunca é demais sublinhar, é a sua identidade, é a nossa identidade. O facto de sermos únicos e insubstituíveis”. Como tal, é importante que as crianças compreendam que somos todos diferentes, todos temos uma cultura própria, mas que temos imenso a aprender uns com os outros. Como tal, o facto de se ser proveniente de uma cultura diferente não deve de forma alguma ser motivo de exclusão social. Por isso é que é tão importante falar de interculturalidade.

Optámos por abordar esta questão através de contos de animais porque as crianças facilmente aderem emotivamente à presença destas personagens nos contos. Por outro lado, a escolha de contos de países lusófonos permite explorar diferentes contextos culturais e naturais diversificados dado que as personagens animais remetem para essa realidade.

Os pontos cruciais desta investigação são a promoção da diversidade cultural através de contos tradicionais em alunos do 1.º CEB, a verificação da influência dos contos dos países lusófonos em aprendizagens interculturais, a compreensão da importância dos contos de animais para a motivação na aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento de atitudes de respeito.

Relativamente à estrutura do nosso Relatório, este encontra-se dividido em oito capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a caracterização do contexto educativo em que decorreu a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, onde incluímos a caracterização da sala de atividades e do grupo de crianças. No segundo capítulo, apresentamos as atividades desenvolvidas na Educação Pré-Escolar ao longo de toda a prática e ainda a reflexão sobre as atividades desenvolvidas e as aprendizagens adquiridas.

O terceiro capítulo, apresenta a caracterização do contexto educativo em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde incluímos a caracterização da sala de aulas e da turma. No quarto capítulo,

apresentamos algumas das atividades desenvolvidas em 1.º Ciclo ao longo da prática e também a reflexão sobre as atividades desenvolvidas e as aprendizagens adquiridas.

No quinto capítulo justificamos e contextualizamos o tema da nossa investigação, apresentamos as questões-problema e os objetivos do estudo e fundamentamos teoricamente a nossa pesquisa.

O capítulo seis corresponde à metodologia da investigação, sendo apresentado o plano de investigação e a forma de recolha de dados. No sétimo capítulo procedemos à análise e discussão dos dados recolhidos e no capítulo oito, o último deste Relatório de Estágio, apresentamos as considerações finais sobre a investigação.

Capítulo I - Caracterização do Contexto Educativo em Educação Pré-Escolar

1. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

1.1. Caracterização do Meio Envoltente

O Infantário “O Raposinho”, onde desenvolvemos a nossa Prática Supervisionada (PES), situa-se em Castelo Branco, uma cidade portuguesa localizada na Região Centro, mais concretamente na Beira Interior Sul. Esta cidade é capital de Distrito e é um dos concelhos mais extensos do país, sendo o maior dos cem concelhos da Região Centro.

Castelo Branco tem vindo a ganhar protagonismo ao nível da concentração populacional. É um polo administrativo e económico atrativo para a Beira Interior, principalmente devido à sua centralidade geográfica.

Este concelho é delimitado a Norte pela Serra da Gardunha, a Ocidente pela Serra do Moradal, a Sul pelo Parque Natural do Tejo Internacional e a Oriente pela Espanha, o que marca a paisagem. A sua proximidade com a fronteira é um elo de ligação à Europa.



Figura 1: Localização do Distrito de Castelo Branco no mapa de Portugal

As principais acessibilidades são a Autoestrada da Beira Interior, mais conhecida por A23, o Itinerário Principal do Interior (ou IP2) e o IC8.

Esta cidade possui uma estação ferroviária, assegurada pela Linha da Beira Baixa e um terminal de autocarros. Existe ainda uma infraestrutura moderna aeronáutica-um aeródromo com uma pista de 1.600 metros associada a uma estrutura de proteção civil licenciada pelo Instituto Nacional de Aviação Civil.

A cidade encontra-se referenciada como uma das cidades de média dimensão do país com melhor qualidade de vida, ocupando posições de destaque nos *ranking's*. Devido às recentes intervenções de requalificação urbana é uma cidade moderna e agradável para viver.

Deste modo, ao longo das últimas décadas tem registado um progressivo crescimento demográfico que também se deve à presença de um polo empresarial inovador e dinâmico assim como uma oferta diversificada de serviços de apoio ao cidadão e de espaços educativos, recreativos e desportivos.

Alia, assim, a modernidade à tradição, oferecendo espaços e atividades culturais ligados a um vasto património, aos saberes e aos produtos ancestrais.

A nível educacional possui várias instituições de educação e formação, desde o pré-escolar (e creche) ao ensino superior. Ao nível do ensino superior destaca-se o Instituto Politécnico. As instituições com intervenções no ensino profissional também desempenham um importante papel na cidade.

A cidade promove e dinamiza atividades culturais e criativas e valoriza fortemente o património cultural (material e imaterial) e natural. Ao nível cultural destacam-se o Museu Cargaleiro, o Centro de Cultura Contemporânea, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, a Casa da Memória da Presença Judaica, o recente Centro de Interpretação do Bordado, o Museu da Seda, o Museu do Canteiro (em Alcains), o Centro de Interpretação Ambiental, o Jardim do Paço e respetivo Centro de Interpretação, o Parque da Cidade, o Cineteatro Avenida, a sala da nora e a Galeria Municipal localizada no antigo edifício dos CTT. A cidade tem ainda uma Biblioteca Municipal, uma Piscina Praia, ciclovias e uma Zona de Lazer com um *Skate Park* e campos de jogos, entre outros.

Relativamente ao património cultural da região, destaca-se o famoso bordado de Castelo Branco e a Viola Beiroa.

A nível desportivo, a cidade possui inúmeros espaços desportivos, destacando-se o Estádio Municipal Vale do Romeiro e o Estádio da Associação R.C. Valongo e ainda os campos de Ténis do Albi Sport Clube. A nível musical destaca-se o Conservatório de Castelo Branco, a Orquestra Típica Albicastrense e o Orfeão de Castelo Branco.

1.2. Caraterização da Instituição

O Infantário “O Raposinho” é uma dependência do Centro Social Padres Redentoristas em Castelo Branco. O forte impacto social desta instituição levou à decisão de construir um novo infantário no Bairro do Montalvão, uma área urbana carenciada. A sua construção deveu-se também ao apoio do Centro Regional da Segurança Social de Castelo Branco que patrocinou a construção do edifício através de uma verba subsidiada pelo Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC). O terreno para a instalação do edifício foi cedido pela Câmara Municipal e o projeto arquitetónico foi oferecido pelo Engenheiro J. Calmeiro.

Este novo infantário recebeu o nome “O Raposinho” e foi inaugurado em setembro de 1992. O seu nome deveu-se ao facto de inicialmente a sua construção ter sido

projetada no Vale da Raposa. Trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) com o alvará n.º 22/95 de 20 de maio de 1995 e localiza-se na urbanização da Quinta do Socorro. Tem a valência de Creche, dos 0 meses aos dois anos, e de Jardim de Infância, dos três aos seis anos.

A área onde se insere é de construção recente e caracteriza-se por habitações unifamiliares cujas infraestruturas foram pensadas e construídas de acordo com a população existente. Trata-se, portanto, de uma zona residencial. Nas imediações podemos encontrar uma churrasqueira, um restaurante, uma lavandaria e um parque infantil. É uma zona com bons acessos, facilitando assim o transporte das crianças para a instituição, partindo de qualquer zona da cidade.

No que diz respeito ao horário da instituição, esta funciona entre as 7h30 e as 19h, podendo alargar-se o horário até às 19h30. Na segunda quinzena de agosto encontra-se encerrada.

1.2.1. Projeto Educativo da Instituição

O Projeto Educativo é, de acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei 115-A/98 “o documento que consagra a orientação educativa da escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa”. Este mesmo documento, de acordo com o artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, é “um documento objetivo, conciso e rigoroso, tendo em vista a clarificação e comunicação da missão e das metas da escola no quadro da sua autonomia pedagógica, curricular, cultural, administrativa e patrimonial, assim como a sua apropriação individual e coletiva”.

No nosso caso, o Projeto Educativo seguido pela instituição é o do Centro Social Padres Redentoristas em Castelo Branco e constitui-se como um documento fundamental da política interna da instituição, dando a conhecer a identidade desta e as prioridades da sua ação educativa, identificadas pelos intervenientes no processo educativo.

Este projeto assume-se como um instrumento fundamental do processo de autonomia da instituição, em conjunto com o Projeto Pedagógico, o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno.

O Projeto Educativo é o documento que tem a orientação educativa da creche e do Pré-escolar. Define os princípios, os valores, os objetivos e as estratégias que a Instituição adota para cumprir a sua função. Neste projeto constam, ainda, informações sobre o meio envolvente, o espaço educativo e os recursos (materiais e humanos), elementos facilitadores da implementação prática dos projetos pedagógicos, nos planos anuais de atividades e nos projetos curriculares de sala.

O Centro Social Padres Redentoristas, do qual faz parte “O Raposinho”, tem como missão a colaboração com as famílias na educação integral dos seus filhos na primeira e na segunda infância. Tem em vista a formação de adultos conscientes e válidos na sociedade através da transmissão de valores humanos, éticos, sociais e científico-pedagógicos.

A Instituição defende ainda os valores cristãos de família, amizade, respeito, solidariedade, tolerância e confiança.

A sua Política de Qualidade reflete-se no princípio da promoção da colaboração permanente, leal e franca com a família de modo a proporcionar um desenvolvimento global e harmonioso da criança; na criação de um ambiente favorável de forma a motivar e melhorar o desempenho institucional, promovendo a formação contínua de todos os colaboradores; na manutenção e melhoramento da colaboração com os atuais e potenciais parceiros visando sempre a sustentabilidade institucional e por fim, a promoção e divulgação das atividades do Centro de modo a aproximar, mutuamente, a Comunidade e o Centro Social.

Defende para a Educação Pré-escolar os objetivos gerais, de acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-escolar e como tal pretende:

- Contribuir para a segurança e bem-estar da criança, nomeadamente ao nível da saúde individual e coletiva;
- Ajudar a criança a conhecer-se a si própria para melhor conhecer as suas capacidades e superar as dificuldades;
- Estimular o desenvolvimento global da criança, através da realização de atividades que favoreçam aprendizagens significativas;
- Promover a autonomia, a autoconfiança e o sentido de responsabilidade;
- Desenvolver as suas capacidades de expressão e comunicação, tal como a imaginação criativa;
- Contribuir para que o desenvolvimento da criança seja o mais harmonioso possível;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo;
- Proporcionar às crianças oportunidades que facilitem o desenvolvimento cognitivo, afetivo-social e psicomotor;
- Entender e respeitar as características individuais de cada criança, assim como as suas necessidades básicas;
- Favorecer a igualdade de oportunidades entre todas as crianças, respeitando o seu ritmo e a sua individualidade.

1.3. Caraterização do Infantário

O infantário “O Raposinho” é um edifício de piso térreo, construído de raiz, com instalações amplas e adequadas à idade das crianças. É composto por um átrio amplo, onde funcionam as atividades de Judo e Educação Física, uma secretaria, uma sala que funciona como gabinete da direção, sala de reuniões da equipa técnica e ainda como sala de atendimento aos pais. Possui um amplo refeitório com ligação direta à cozinha, cinco arrecadações, lavandaria, onde funciona uma zona de costura, duas instalações sanitárias para adultos e uma destinada a pessoas portadoras de deficiência, um balneário para funcionários, uma sala de convívio para os funcionários da instituição, uma sala de apoio a atividades extracurriculares, um berçário, salas de um e dois anos com casa de banho comum, salas de três, quatro e cinco anos, cada uma delas equipada com casa de banho própria.

O pavimento é confortável, resistente, lavável e antiderrapante. As paredes são de cores claras e não abrasivas e permitem a fixação de expositores. Os tetos também são de cores claras. O mobiliário encontra-se adaptado à faixa etária das crianças, sendo que todos os anos estas transitam de sala.

Relativamente às instalações sanitárias anexas às salas de atividades e destinadas à higiene pessoal das crianças, podemos referir que estão equipadas com quatro sanitas, duas para rapazes e duas para raparigas, separadas por baias e sem portas assim como cinco lavatórios colocados à altura das crianças. O seu pavimento é resistente à lavagem e de fácil manutenção.

O parque exterior (Fig. 2) possui equipamento adequado à faixa etária das crianças. Podemos encontrar escorregas, baloiços, estruturas para trepar e zonas de equilíbrio, túneis e casinhas. Alguns destes elementos encontram-se ligados entre si, pertencendo à mesma estrutura. No que diz respeito aos escorregas, podemos encontrar três, sendo que a altura de cada um é diferente permitindo assim que todas as crianças possam usufruir de pelo menos um deles, de acordo com a faixa etária, sem riscos para a sua segurança. Existe ainda uma caixa de areia.

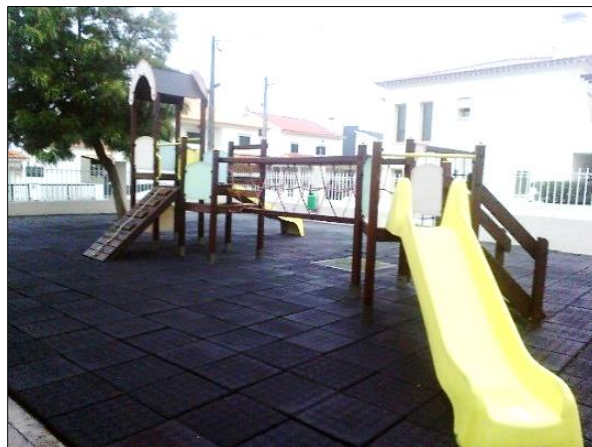


Figura 2: Parque exterior

O chão está revestido com material amortecedor, evitando lesões graves em caso de queda. Relativamente às condições de segurança, estas encontram-se de acordo com o Despacho Conjunto n.º 268/97, pois localiza-se em redor do edifício e possui ligação direta às salas (este Despacho define os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar). O espaço exterior encontra-se delimitado de forma não agressiva através de um gradeamento oferecendo condições de segurança.

No que diz respeito à segurança do edifício, este encontra-se devidamente protegido pois existe um equipamento eletrónico de acesso biométrico, onde se encontram registados todos os familiares que podem deixar e levar crianças, assim como todos os funcionários da instituição. Assim que acedemos ao interior entramos num pequeno átrio, que antecede o hall e que possui ligação à secretaria através de uma pequena janela de atendimento ao público.

No hall de cada uma das salas encontra-se uma folha de registos que deve ser sempre assinado por quem deixa e recolhe cada criança.

O jardim-de-infância possui ainda uma ampla cozinha, com arrecadação e um refeitório. O refeitório é constituído por mesas redondas e retangulares com várias cadeiras à sua volta, com proteção de braços, sendo de dimensões adequadas às diferentes idades das crianças. Possui uma zona destinada a adultos.

1.4. Caracterização da sala de atividades

A sala das crianças de três anos, grupo com o qual trabalhámos, é a primeira sala do lado esquerdo do átrio, assim que entramos na instituição.

É uma sala retangular, com 58 m² cujo espaço é bastante agradável. Possui iluminação artificial e também natural devido à existência de duas amplas janelas e de uma porta parcialmente envidraçada que dá acesso direto ao exterior. Ainda assim permite o obscurecimento total ou parcial. A existência destas janelas permite também o contacto visual com o exterior, o que se encontra de acordo com o Despacho Conjunto n.º 268/97.

O espaço encontra-se equipado com um aparelho de ar condicionado e com uma aparelhagem de som com ligação a todas as salas. Podemos ainda encontrar um aparelho de rádio que permite a reprodução de CDs. O mobiliário encontra-se adaptado à faixa etária das crianças. Todos os anos as crianças transitam de sala para que o mobiliário seja sempre adequado.

A organização do espaço, sempre que necessário, pode sofrer alterações ao longo do ano.

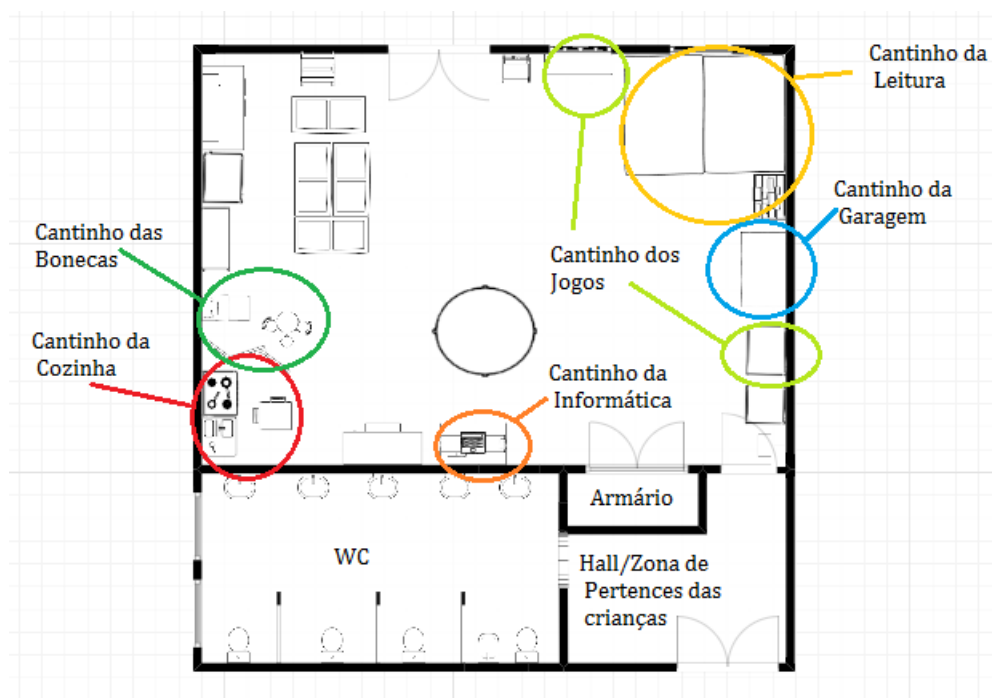


Figura 3: Planta da sala dos três anos

Em redor da sala, nas paredes, encontramos uma faixa de corticite que permite afixar os trabalhos das crianças. O pavimento é confortável, resistente, lavável e antiderrapante. As paredes e os tetos possuem cores claras e numa das paredes encontramos um pequeno quadro de ardósia. Para além de dois armários destinados à arrumação de jogos encontramos ainda dois armários para arrumação de materiais diversos e uma estante para arrumação de livros e outros documentos. Existe ainda um

armário de parede onde são arrumados os colchões usados na sesta das crianças uma vez que a sala funciona também como zona de dormitório.



Figura 4: Sala dos três anos

Na sala podemos encontrar dois grupos de mesas e cadeiras onde as crianças realizam atividades diversas, nomeadamente enfiamentos, puzzles, encaixes ou mesmo atividades orientadas. Uma das mesas, com capacidade para oito crianças, é circular enquanto as restantes são retangulares. Encontram-se na zona central da sala sendo que, à volta, junto das paredes se encontram organizados os cantinhos.

Podemos encontrar vários cantinhos:

- O cantinho da leitura, que é o espaço mais importante da sala pois é nele que se encontra uma manta, com almofadas, onde as crianças se reúnem todos os dias para comunicar, ouvir histórias, cantar e aprender coisas novas. Tem uma caixa com livros, no chão, ao alcance das crianças que os podem explorar livremente.
- O cantinho da cozinha (Fig. 5), equipado com mobiliário e utensílios relacionados com a cozinha: fogão, armário, mesa, talheres, copos, pratos, fruta, etc.
- O cantinho das bonecas (Fig. 6), que é a área do faz de conta onde as crianças podem representar a realidade que conhecem recorrendo a bonecas, a uma cama de bonecas e cadeiras. Este cantinho encontra-se separado do Cantinho da Cozinha por um módulo de madeira.
- O cantinho da garagem (Fig. 7), composto por uma pista e estradas, uma garagem, carros e outros meios de transporte.
- O cantinho dos jogos (Fig. 8), composto por dois armários, localizados em áreas distintas da sala, onde as crianças podem encontrar legos, puzzles, jogos de encaixe, bolas, jogos para exploração de texturas, sons, entre outros.
- O cantinho da informática (Fig. 9), onde se encontra um computador que permite às crianças contactar e explorar os meios audiovisuais.



Figura 5: Cantinho da cozinha



Figura 6: Cantinho das bonecas



Figura 7: Cantinho da Garagem

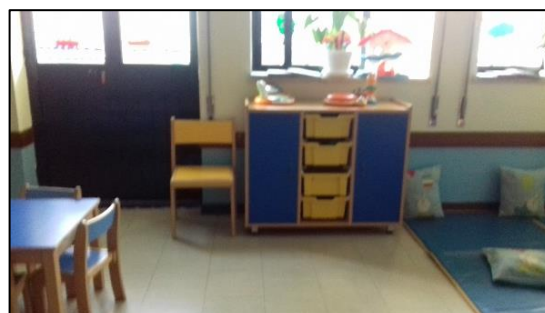


Figura 8: Cantinho dos Jogos



Figura 9: Cantinho da Informática

Esta sala dispõe de um espaço de arrumação e acesso direto à casa de banho através de um pequeno hall com cabides individuais para cada uma das crianças (Fig. 10). Neste espaço as crianças podem arrumar os seus pertences, seja nos cabides, seja na prateleira que podemos encontrar por cima destes. Cada um dos cabides encontra-se identificado com o nome de uma criança. Este espaço está ainda equipado com um extintor.



Figura 10: Zona de cabides das crianças



Figura 11: Zona de lavatórios

A casa de banho (Fig. 11), tal como já foi referido, é próxima da sala de atividades e destina-se ao uso exclusivo das crianças desta sala. O pavimento é resistente à lavagem e de fácil manutenção. As paredes encontram-se parcialmente revestidas com azulejos também facilmente laváveis. A casa de banho está equipada com pequenas janelas próximas do teto preservando assim a privacidade necessária a quem a utiliza. Podemos comprovar pela análise do Despacho Conjunto n.º 268/97 que a casa de banho se encontra de acordo com a legislação em vigor.

1.5. Caraterização do grupo de crianças

O grupo da sala dos três anos é constituído por 24 crianças: 15 rapazes e 9 raparigas, nascidos entre janeiro e dezembro de 2014. É um grupo que no ano anterior já frequentava a instituição e era acompanhado pela mesma educadora. Apenas cinco crianças entraram de novo.



Gráfico 1: Número de crianças da sala dos 3 anos

As crianças pertencem a um nível socioeconómico médio alto e na sua grande maioria os pais possuem como habilitações literárias um curso superior, exercendo

profissionalmente como enfermeiros, bancários, engenheiros, empresários, professores, etc.

Todas as crianças residem em Castelo Branco com exceção de uma que reside numa povoação próxima. Muitas das crianças permanecem mais de oito horas na instituição.

Relativamente aos agregados familiares, todas as crianças vivem com o pai e a mãe, exceto duas crianças cujos pais se encontram separados.

No que diz respeito ao número de irmãos há oito crianças que são filhos únicos, treze que têm um irmão, uma criança tem dois irmãos e duas têm três irmãos.

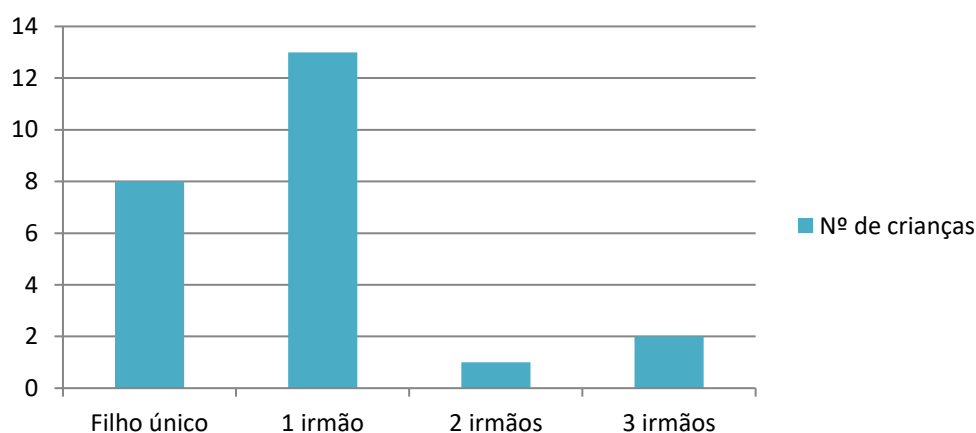


Gráfico 2: Número de irmãos das crianças da sala dos três anos

Relativamente a questões de saúde existe uma criança com alergia a frutos de casca rija e outra que possui pele atópica.

No que diz respeito a Necessidades Educativas Especiais, não existe nenhuma criança sinalizada. A educadora, no entanto, aconselhou que uma das crianças recebesse acompanhamento ao nível da terapia da fala para desenvolver mais a linguagem dado que se encontra um pouco menos desenvolvida do que o esperado para a sua faixa etária. O acompanhamento é feito pela terapeuta da fala da Instituição.

Este grupo de crianças é muito assíduo, meigo, relativamente calmo. É muito participativo e interessado em todas as atividades. As crianças são muito recetivas ao adulto, apreciam a atenção que lhes é dedicada. São muito curiosas, gostam de explorar o que se encontra à sua volta e imitam o que observam, comportamentos muito próprios desta faixa etária.

Ao nível da alimentação, é um grupo que segue uma alimentação muito variada, seguindo as ementas da instituição. Apenas uma das crianças ingere tudo passado pois com alimentos sólidos têm tendência para se engasgar. Encontra-se atualmente em fase de adaptação aos alimentos sólidos e como tal são-lhe colocados alimentos sólidos no prato para que possa desenvolver o paladar e, pouco a pouco, desenvolver o

processo de mastigação. Esta situação exigiu-nos algumas vezes um apoio personalizado.

No que diz respeito ao nível de desenvolvimento, apesar de todas as crianças terem nascido no mesmo ano, há algumas diferenças significativas. As diferenças surgem de forma natural uma vez que as crianças nasceram entre janeiro e dezembro e são observáveis principalmente ao nível da linguagem e da concentração uma vez que algumas têm quase um ano de diferença entre si.

Ao nível da concentração é bastante visível que algumas crianças já se concentram em determinadas atividades durante um período de tempo bastante longo, ainda assim, há outras cujo tempo de concentração é bastante menor e como tal circulam entre diversas atividades pois não focam a atenção apenas numa.

Ao nível da linguagem oral, as crianças mais velhas fazem-se entender de forma mais clara, possuindo um vocabulário mais alargado (em algumas situações até ao nível da língua inglesa) enquanto que as mais novas ainda mostram alguma dificuldade na articulação e produção de determinados fonemas.

Durante a sesta, todas as crianças dormem bem, entre duas a duas horas e meia. Algumas ainda se fazem acompanhar por um objeto que lhes transmita conforto durante o sono, podendo ser, na maioria dos casos, um brinquedo macio, a chucha ou uma fralda de pano.

Sempre que precisam dirigem-se ao adulto para que possam satisfazer as suas necessidades. Na sua maioria, já se fazem entender através da linguagem oral. Comunicam entre si, pedem brinquedos emprestados aos amigos e agradecem. É um grupo que ainda tem um pouco a tendência de fazer “queixinhas” dos amigos para resolver alguns conflitos que possam surgir. Outras crianças, por outro lado, resolvem os conflitos à sua maneira, seja através do diálogo ou afastando-se do colega (ou colegas). Em alguns casos, houve situações de conflito físico mas as crianças não faziam de imediato “queixinhas” aos adultos presentes.

É um grupo de crianças que se mostra confortável e à vontade no Infantário. Por vezes, pedem o pai ou a mãe, tratando-se, essencialmente, de crianças que se encontram em fase de adaptação à Instituição e passado algum tempo já brincam com as outras crianças.

As crianças são bastante autónomas, comem e bebem sem ajuda, utilizando a colher e o copo, calçam-se e descalçam-se sozinhas. Na hora das refeições algumas pedem ajuda, embora consigam comer sem ajuda se assim o desejarem.

Durante as atividades livres escolhem as atividades que pretendem realizar, desde jogos, puzzles, enfiamentos, desenhos, brincar nos cantinhos ou brincar com algum brinquedo trazido de casa.

Todas as informações apresentadas foram recolhidas no Projeto Curricular de Grupo, junto da educadora ou da auxiliar ou através de observação direta. Apresenta-se em anexo (Anexo A) uma das grelhas preenchidas durante o processo de observação.

Capítulo II - Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar

1. Vantagens da Prática em Educação Pré-Escolar

De modo a definir melhor o que é ser educador de infância, foi aprovado o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. Este documento refere que compete ao educador conceber e desenvolver o respetivo currículo, tendo por isso, de planificar, organizar e avaliar o ambiente educativo tal como as atividades e projetos curriculares sempre com o objetivo de favorecer aprendizagens integradas.

É também o educador que deve organizar o ambiente educativo, nomeadamente, os materiais, os recursos e o espaço. Deve também disponibilizar e usar materiais estimulantes e diversificados, organizando o tempo de forma flexível e diversificada permitindo que as crianças adquiram referências temporais. Também compete ao educador criar e manter condições de segurança, acompanhamento e bem-estar às crianças.

No que diz respeito à planificação e avaliação, o educador deve observar cada criança, na sua individualidade e enquanto membro de pequenos e do grande grupo de modo a planificar atividades e projetos adequados às necessidades do grupo e de cada uma das crianças. Sempre que necessário deve planificar intervenções educativas de forma integrada e flexível com base na observação e avaliação, assim como nas propostas implícitas e explícitas das crianças.

Como tal, a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar traz inúmeras vantagens para qualquer futuro educador. Em primeiro lugar, permite desenvolver habilidades e competências fundamentais à vida profissional. Permite também observar e participar no dia-a-dia de um jardim-de-infância e assim compreender o contexto educativo em que se encontra inserido.

As observações, assim como os momentos de partilha com a educadora cooperante, a auxiliar de ação educativa, as crianças e a restante comunidade educativa facilitam a compreensão do contexto real como complemento a leituras teóricas e conjeturas prévias sobre o mesmo, permitindo assim aprofundar conhecimentos e refletir sobre eles. A melhor forma de aprender é junto das crianças, seguindo sempre as orientações de quem já tem anos de experiência e está disposto a ajudar-nos a ser melhores educadores e melhores seres humanos.

2. Organização da Prática na Educação Pré-Escolar

A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PSEPE) decorreu durante o primeiro semestre do 2.º ano, no ano letivo 2017/2018 e foi realizada entre setembro de 2017 e janeiro de 2018 num total de quinze semanas. Podemos dividir este período em três fases:

- Primeira fase: organização da PSEPE (de 18 e 21 de setembro de 2017);
- Segunda fase: caracterização do Contexto Educativo e Observação sistemática do Trabalho Pedagógico (de 25 de setembro a 26 de outubro de 2017);
- Terceira fase: conceção, dinamização e avaliação de atividades educativas (30 de outubro a 11 de janeiro de 2018);

Esta Prática foi implementada sem par pedagógico, estimulando assim uma maior interação entre a estagiária e a Educadora Cooperante.

A PSEPE decorreu ao longo de quatro dias semanais. De segunda a quarta-feira a Prática decorria durante a manhã e na quinta-feira decorria durante a manhã e a tarde.

Em seguida apresenta-se um cronograma que permite conhecer os temas que foram desenvolvidos durante esta Prática.

2.1. Cronograma de atividades

Semana	Dias	Temática a trabalhar
26 a 28 de setembro de 2017	Semanas de Observação	
02 a 04 de outubro de 2017		
09 a 12 de outubro de 2017		
16 a 19 de outubro de 2017		
23 a 26 de outubro de 2017		
30 de outubro a 02 de novembro de 2017	30 e 31 de outubro	Halloween
	02 de novembro	Frutos e legumes
06 a 09 de novembro de 2017	06 de novembro	Os frutos e as cores
	07 de novembro	
	08 de novembro	As cores
	09 de novembro	
13 a 16 de novembro de 2017	13 de novembro	Os estados do tempo
	14 de novembro	
	15 de novembro	O vestuário

	16 de novembro	O estado do tempo e o vestuário
20 a 23 de novembro de 2017	20 de novembro	Saúde e higiene
	21 de novembro	
	22 de novembro	Segurança
	23 de novembro	
27 a 30 de novembro de 2017	27 de novembro	O Natal – carta ao Pai Natal
	28 de novembro	Observação de colegas noutras instituições
	29 de novembro	
	30 de novembro	O Natal – o presépio
04 a 07 de dezembro de 2017	04 de dezembro	Decorações de Natal
	05 de dezembro	Natal
	06 de dezembro	Decorações de Natal
	07 de dezembro	Visita de Estudo
11 a 14 de dezembro de 2017	11 de dezembro	O Natal: treino da consciência fonológica
	12 de dezembro	Natal
	13 de dezembro	Ensaio geral para a festa de Natal
	14 de dezembro	Natal: treino da motricidade fina
03 e 04 de janeiro de 2018	03 de janeiro	O Dia de Reis
	04 de janeiro	
08 a 11 de janeiro de 2018	08 de janeiro	O inverno
	09 de janeiro	
	10 de janeiro	
	11 de janeiro	

2.2. Reflexão sobre as semanas de observação

As primeiras cinco semanas da Prática Supervisionada foram para observar e compreender o grupo e as dinâmicas de funcionamento do Infantário. Desde o primeiro momento que nos sentimos integradas junto das crianças, assim como junto da educadora e da auxiliar, o que permitiu uma forma de trabalho descontraída, não querendo com isto dizer que era menos exigente e rigorosa. A interação com as crianças foi constante desde o primeiro momento, participando e auxiliando em algumas atividades sempre que nos sentimos preparadas para tal e contanto sempre com o apoio da educadora e da auxiliar.

A educadora sempre nos deixou à vontade dentro da sala (e fora dela), dando algumas indicações sobre as crianças e as atividades, algumas vezes de forma espontânea ou quando era questionada sobre determinada situação. Com a auxiliar a situação era idêntica. Uma vez que a auxiliar passa tanto tempo junto das crianças ao longo do dia tem, também ela, muitas informações e conhecimentos que nunca hesitou em partilhar.

Durante estas semanas ficámos a conhecer melhor a dinâmica do grupo e cada uma das crianças, como era a personalidade de cada uma, quais as que requeriam mais atenção, quais as que gostavam e pediam carinho e quais as que, por outro lado, demoravam mais tempo a dar confiança. Cada criança é diferente e como tal é preciso respeitar a sua personalidade e maneira de ser.

Rapidamente comprovamos que era um grupo bastante calmo, mas com interesse em aprender, que gostava de questionar e experimentar coisas novas. Ao longo destas semanas a educadora proporcionou diversas atividades às crianças, as quais participavam sempre com entusiasmo.

Na primeira e segunda semana trabalhou-se a temática do outono, explorando canções e atividades de expressão plástica. Reparámos que algumas crianças não mostraram muito interesse em pintar com lápis, optando rapidamente pela realização de atividades livres, mas que imediatamente regressaram à atividade quando perceberam que esta envolvia pintar com tintas. Esta situação demonstra que diferentes recursos proporcionam diferentes reações junto das crianças.

Na segunda semana, as educadoras das salas dos três, quatro e cinco anos dinamizaram um teatro de fantoches para todas as crianças na sala dos quatro anos, sobre o outono. Envolvia animais (ouriços, raposas...) e estabelecia relação com frutos de outono (uvas, castanhas...). As crianças mostraram-se muito entusiasmadas e atentas. De regresso à sala, as crianças sentaram-se na manta e reproduziram gestos realizados pela educadora, como bater palmas, tocar nos joelhos, etc. Isto permitiu desenvolver a atividade motora assim como a atenção pois se as crianças se distraíam não sabiam qual era o gesto ou movimento a reproduzir. Também cantaram canções de outono e mais tarde desenharam um ouriço. Nesta atividade observou-se que algumas crianças já desenhavam formas fechadas e algumas delas já desenhavam olhos, mostrando intencionalidade de dar vida às figuras.

De acordo com T. Bordoni (s.d), o desenho das crianças desenvolve-se de forma progressiva, passando dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais elaboradas e ordenadas, dando origem a símbolos. A mesma autora defende que a evolução só é possível devido às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas.

Na terceira semana, as educadoras realizaram, uma vez mais, uma peça de teatro. Desta vez envolvia uma raposa, um coelho e o Capuchinho Vermelho, e dentro da temática do outono centrou-se nas uvas e na vindima. De regresso à sala, a educadora demorou um pouco pois teve que despir as roupas de Capuchinho Vermelho, já que

fora ela que representara esta personagem. Ao entrar na sala questionou as crianças sobre quem tinha chegado e algumas crianças referiram que era o Capuchinho Vermelho. Outras, no entanto, referiram que era a educadora. Perante estas respostas, a educadora respondeu que agora já não era o Capuchinho e as crianças perceberam a alusão às roupas usadas para representar a personagem. Compreenderam que o vestuário e os adereços dão vida a uma personagem, mas sem eles a educadora volta a ser a educadora.

Outra atividade recorrente era o momento da história. Partindo de uma história sobre dois ouriços que iam ao bosque apanhar frutos, a educadora levou vários frutos para a sala. Alguns como a castanha, as nozes e as uvas eram familiares para as crianças. O mesmo não se pode dizer sobre o diospiro que as crianças não conseguiram identificar. Em seguida colocou cada um dos frutos dentro de arcos diferentes e distribuiu os restantes pelas crianças, pedindo-lhes que os colocassem nas “casinhas” corretas, ou seja, no arco em que já se encontrava um fruto igual. Esta atividade permitiu que as crianças fossem progressivamente adquirindo a noção de conjunto, organizando os frutos de acordo com os seus atributos.

Como referem Castro e Rodrigues (2008), as crianças são levadas a classificar, utilizando um ou mais critérios. Agrupar objetos pelo reconhecimento das suas propriedades mais comuns é algo que as crianças aprendem desde cedo. Com o passar do tempo, estas propriedades vão-se relacionando entre si, constituindo atributos, como é o caso em que azul, preto, etc. são propriedades do atributo cor e o léxico das crianças vai sendo alargado, aumentando assim o seu conhecimento sobre o mundo. Nesta atividade as palavras noz, castanha, uva e diospiro pertencem ao atributo “frutos (de outono)”.

Na quarta semana, a educadora contou uma história sobre a importância de comer sopa. Para isso recorreu a um livro, *O Rato Renato*, que falava sobre a sopa e fez as adaptações necessárias de modo a destacar a importância de comer sopa. Em seguida projetou uma canção sobre a alimentação e o que se deve e não deve comer.

Também nesta semana decorreu uma atividade conjunta dinamizada pelo pai de uma criança de outra sala. É prática habitual do infantário propiciar atividades de relação com a família. Neste caso, este pai, estando ligado ao mundo da música, propiciou às crianças uma demonstração de vários instrumentos musicais, tocando alguns deles. As crianças estiveram sempre atentas e muito motivadas. Outra atividade dinamizada pela educadora foi a criação de uma banda de música. Distribuiu vários instrumentos pelas crianças, lembrando o nome de cada um deles (já havia explorado estes instrumentos no ano anterior) e em seguida cantou com as crianças a cantiga “A bandinha vai passar/muito depressa, sem parar/prestem muita atenção/ porque o (nome do instrumento) vai passar”. Sempre que a educadora dizia o nome de um instrumento, era este que as crianças deviam tocar. Cada criança tinha um instrumento e apenas as que tinham o instrumento referido, deveriam tocar o seu instrumento. Os restantes ficavam em silêncio.

Na quinta semana de observação, a educadora criou uma atividade que envolvia frutas. Mostrava várias frutas às crianças e depois escondia uma e as crianças deveriam adivinhar qual a fruta que faltava.

Ao longo destas semanas estabeleceu-se uma boa relação com as crianças e isso era visível, por exemplo, quando de manhã, ao chegar, algumas crianças corriam para nós para nos abraçarem. Alguns pais comentavam, inclusivamente, que em casa as crianças falavam muito da estagiária. Isso era bom sinal pois significava que estávamos a conseguir deixar uma marca positiva junto das crianças e a construir uma relação sólida junto delas.

2.3. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas em grupo e em contacto com a família e a comunidade

A Prática Supervisionada decorreu sem par pedagógico, tal como já foi referido. No entanto, e uma vez que na mesma instituição estagiavam mais duas colegas, foi sugerido pela professora supervisora e coordenadora da Prática que realizássemos algumas atividades em grupo. Tal sugestão pareceu pertinente não só por proporcionar uma experiência diferente, mas também por ser uma prática recorrente entre as três educadoras das salas onde cada uma de nós se encontrava (sala dos três, quatro e cinco anos).

Assim, foram realizadas algumas atividades em grupo ao longo das semanas de estágio. Duas delas foram planificadas pelas três estagiárias e as restantes ocorreram no âmbito da planificação anual da instituição.

A primeira atividade, desenvolvida e planificada em grupo, foi um teatro de fantoches (Fig. 12 e 13) que abordava a temática do “Halloween” em comparação com a tradição portuguesa de pedir o “Pão por Deus” e decorreu no dia 30 de outubro de 2017. A atividade envolveu as crianças das três salas mas foi desenvolvida na sala dos quatro anos por ser a mais espaçosa. Esta atividade foi a primeira planificada e implementada em contexto de estágio e como tal sentíamos algum nervosismo apesar da presença e apoio das colegas. As crianças mostraram-se interessadas e responderam a algumas das questões colocadas pelas personagens. Destaco que esta peça de teatro de fantoches (Anexo B) foi inteiramente pensada e escrita pelas três estagiárias. Do mesmo modo, também os fantoches foram construídos pelas estagiárias com recurso à técnica da meia.

Esta atividade permitiu que as crianças compreendessem que nem sempre se celebrou o “Halloween” em Portugal e que antigamente existia uma tradição chamada “Pão por Deus” com contornos semelhantes mas sem a vertente dos disfarces.



Figura 12: Fantoches de Meia



Figura 13: Teatro de fantoches

Algumas semanas mais tarde, no dia 20 de novembro, implementámos outro teatro de fantoches, desta vez com recurso a colheres de pau (Fig. 14 e 15). Também aqui foi tudo idealizado e criado pelas estagiárias. Uma vez que cada uma de nós se encontrava a explorar uma temática diferente, foi mais complicado planificar a atividade. Foi necessário integrar as cores, as profissões e a saúde e higiene. Surgiram assim três personagens: um médico que falava sobre a saúde e a higiene, um pintor que abordava a questão das cores e um cientista que estabelecia a ponte para o trabalho experimental a realizar por uma das colegas com o respetivo grupo. As três permitiam explorar as profissões. Nesta atividade sentimo-nos mais confiantes e não estivemos tão dependentes do texto como ocorrera no primeiro teatro. As crianças mostraram-se atentas e interessadas, tentámos que houvesse mais interação com elas e por isso as personagens iam colocando algumas questões às quais as crianças deviam responder.



Figura 14: Fantoches de Colher de pau



Figura 15: Teatro de Fantoches sobre as profissões

Ao longo do estágio decorreram mais algumas atividades em grupo, mas enquadravam-se no contexto do Plano Anual de Atividades e em algumas situações permitiam o contacto com a família ou com a comunidade. Foi o caso do magusto que decorreu fora da instituição e que exigiu uma viagem de autocarro, o que levou as crianças à euforia. A atividade decorreu num ambiente campal, ainda que inserido numa zona urbana, o que permitiu que as crianças brincassem livremente e com recursos da natureza nomeadamente paus e pedras (Fig. 16). A utilização destes elementos exigiu da parte de todos os adultos presentes uma atenção redobrada de modo a evitar qualquer tipo de acidente.



Figura 16: Brincadeiras com elementos da natureza

Existiu também uma atividade teatral (Fig. 17 e 18) sobre a chegada do Pai Natal, dinamizada por elementos do Fórum Castelo Branco. Esta atividade captou muito a atenção das crianças, que quiseram, inclusivamente, tirar fotografias com os atores encarnando as personagens.



Figura 17: Visita de Elementos do Fórum Castelo Branco



Figura 18: Teatro de Natal



Figura 19: Espetáculo de Natal

Ocorreu ainda o ensaio geral para o espetáculo de Natal e o espetáculo de Natal em si (Fig.19), que decorreu no Cineteatro Avenida, em Castelo Branco, e que uma vez mais permitiu que as crianças viajassem de autocarro, o que as deixa sempre muito felizes. Com esta atividade foi também possível interagir um pouco com as famílias que acompanham sempre as crianças neste género de atividades.

2.4. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas individualmente

2.4.1. Primeira semana de atividades

A primeira semana de implementação decorreu entre 30 de outubro e 02 de novembro de 2017 e teve como temática o “Halloween” e a introdução à temática dos frutos e legumes.

Sendo esta a primeira semana, houve muito nervosismo, mas com o passar dos dias o à vontade e a confiança foram sendo maiores. A educadora foi um apoio fundamental, auxiliando sempre que considerava pertinente mas dando liberdade para intervir de acordo com a nossa personalidade junto das crianças. No final da atividade conversávamos e discutíamos o que tinha decorrido bem e menos bem e quais os aspetos a melhorar. Apresentam-se em seguida as atividades desenvolvidas ao longo da semana:

Tabela 1: Atividades desenvolvidas de 30/10/2017 a 02/11/2017 (primeira semana)

Atividades desenvolvidas na semana de 30 de outubro a 02 de novembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres. • Canção do Bom Dia. • Apresentação de um teatro de fantoches – Halloween e Pão por Deus (atividade de grupo); exploração da história através do diálogo. • Estampagem de abóboras utilizando batatas • Apresentação/desfile dos trajes das crianças no contexto do Halloween. • Canção “<i>Lá vem a bruxa</i>” de Tessa e a Banda Troilaré, associada a movimentos corporais. • Jogo sensorial: atividade de identificação e observação de frutas e legumes - tato e visão e olfato (Fig. 20). • Jogo sensorial: identificação de frutas e legumes – paladar (Fig. 20).



Figura 20: Jogos sensoriais: identificação de frutas através dos sentidos

2.4.2. Segunda semana de atividades

Na segunda semana de atividades (06 a 09 de novembro de 2017) exploraram-se os frutos e as cores. Nesta semana houve mais confiança persistindo ainda algum nervosismo. Ao contar a história, a velocidade ao falar aumentou automaticamente. No entanto, tomámos consciência do ritmo inadequado e chamando a atenção para as ilustrações e para determinados detalhes as crianças acompanharam melhor a história.

Tabela 2: Atividades desenvolvidas de 06/11/2017 a 09/11/2017 (segunda semana)

Atividades desenvolvidas na semana de 06 a 09 de novembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres. • Canção do Bom Dia. • Projeção e exploração da história <i>O Nabo gigante</i>, de Alexis Tolstoy e Niamh Sharkey. • Jogo “Identifica a cor” – formação de conjuntos de frutas de acordo com a sua cor; contagem do número de elementos de cada conjunto (Fig. 21). • Canção “Comer fruta” de Ricardo Reis Pinto. • Canção “As cores”, versão de Alda Casqueira Fernandes – audição, reprodução e dança de roda (Fig. 22). • Leitura e projeção da história - <i>Pequeno azul e pequeno amarelo</i>, de Leo Leoni, para introdução da temática da formação de cores (Fig. 23). • Atividade de expressão plástica “Vamos fazer cores” (Fig. 24). • As cores escondidas: procura de frutas (em cartolina) espalhadas pela sala e respetiva organização em arcos da respetiva cor.



Figura 22: Formação de conjuntos e contagens



Figura 21: Canção "As cores" e dança de roda

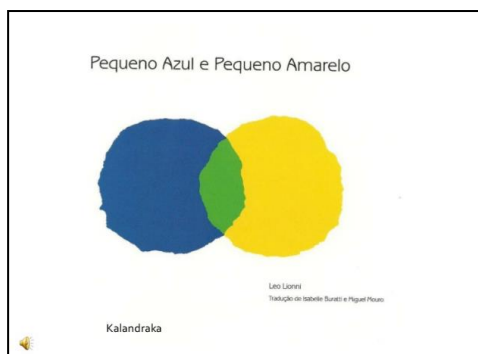


Figura 23: História *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*



Figura 24: Atividade de expressão plástica - formação de cores

2.4.3. Terceira semana de atividades

A terceira semana de implementação decorreu entre 13 e 16 de novembro com a temática dos estados do tempo associados ao vestuário. Assim, observou-se o tempo que fazia lá fora pois nada pode ser mais facilmente compreendido pelas crianças do que a realidade observável. Em seguida, com base nas ilustrações do livro *Os coelhos descobrem o céu* adaptou-se oralmente a história de modo a enquadrar-se nos objetivos propostos. As restantes atividades da semana estiveram sempre interligadas com as questões do estado do tempo e do vestuário. Nesta semana houve mais confiança nas atividades desenvolvidas e a interação com as crianças foi bastante proveitosa. Apresenta-se em seguida uma tabela com todas as atividades desenvolvidas durante a semana.

Tabela 3: Atividades desenvolvidas de 13/11/2017 a 16/11/2017 (terceira semana)

Atividades desenvolvidas na semana de 13 a 16 de novembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres. • Canção do Bom Dia. • Hora da História: <i>Os coelhos descobrem o céu</i>, de Joelle Barnabé (adaptada pela estagiária). • Pintura com os dedos: representação da chuva a cair num guarda-chuva (Fig. 25) • Identificação de sons associados aos estados do tempo: vento, chuva, trovoadas... • Observação do tempo que faz lá fora. • <i>A Magia do Natal</i>- Visita de elementos do Fórum Castelo Branco (atividade conjunta). • Identificação de peças de vestuário e respetiva associação aos estados do tempo. Brincadeira com as peças de vestuário (Fig. 26) • Exploração do quadro do tempo: observação do tempo que faz lá fora e identificação do vestuário adequado (Fig.27) • “Vamos desenhar” ... o tempo que faz lá fora.



Figura 25: Representação da chuva em guarda-chuva



Figura 26: Brincadeiras com peças de vestuário



Figura 27: Quadro do tempo

2.4.4. Quarta semana de atividades

A quarta semana de atividades decorreu entre 20 e 23 de novembro de 2017 e foi desenvolvida a temática da Higiene, Saúde e Segurança. Foi uma semana particularmente produtiva embora se tenha constatado que ainda havia alguma dificuldade em controlar o grupo. Não sendo um grupo particularmente problemático e sendo, aliás, bastante calmo e interessado, a questão que se impunha era a falta de confiança da estagiária na autoridade que exercia e também o facto de não variar muito o tom de voz para se fazer ouvir. Esta situação acabou por afetar algumas atividades, mas no final as aprendizagens propostas foram adquiridas pelo grupo.

Em seguida, apresentam-se as atividades desenvolvidas durante a semana.

Tabela 4: Atividades desenvolvidas de 20/11/2017 a 23/11/2017 (quarta semana)

Atividades desenvolvidas na semana de 20 a 23 de novembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Canção do Bom Dia. • Brincadeiras livres. • Teatro de fantoches (atividade conjunta) sobre as profissões, nomeadamente o médico. • Canção “Cheiro tão bem” de Sónia Araújo- identificação de rotinas de higiene presentes na canção (Fig. 28). • Identificação de ações que devemos ou não devemos fazer para manter uma boa higiene e saúde - elaboração de um cartaz (Fig. 29). • Prevenção de acidentes: o que podemos/ não podemos fazer – identificação de imagens. • Realização de percursos relacionados com a segurança rodoviária (passeios, passeadeira e estrada).

**Figura 28:** Audição da canção “Cheiro tão bem” e identificação de rotinas de higiene**Figura 29:** Comportamentos corretos e incorretos

2.4.5. Quinta semana de atividades

A quinta semana de atividades decorreu entre 27 e 30 de novembro mas apenas foram implementadas atividades no dia 27 e no dia 30 de novembro, uma vez que nos outros dois dias houve deslocação a outros jardins de infância com o objetivo de observar as práticas de outros colegas em contexto de estágio. Nesta semana foi introduzida a temática do Natal e como tal procedeu-se à exploração de questões como a carta ao Pai Natal e o presépio. Uma das atividades desenvolvidas foi uma história sobre o Natal, *O Natal do Rato Renato* de Valentina Mazzola, e ao contrário do que se tinha feito até aqui ao contar a história centramo-nos no texto, sem, no entanto, ler o mesmo. Para isto foi necessário conhecer bem a história pois não é conveniente estar sempre a mudar a posição do livro para ler o que está escrito. Não é uma boa forma de contar pois perde-se a dinâmica da história e as crianças não acompanham com tanto entusiasmo.

Apresenta-se em seguida o plano de atividade implementadas durante a semana.

Tabela 5: Atividades desenvolvidas de 27/11/2017 a 30/11/2017 (quinta semana)

Atividades desenvolvidas entre 27 e 30 de novembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres; • Canção do Bom Dia; • Observação do tempo que faz lá fora – registo no quadro do tempo. • Hora da história: “O Natal do Rato Renato”. • Atividade de expressão plástica: desenho com pedidos para o Pai Natal. Registo escrito dos desenhos/pedidos realizados pelas crianças (Fig. 30). • O presépio: exploração de uma figura. • Busca de peças de puzzle (representação do presépio) escondidas na sala. • Contagem das peças do puzzle; exploração de figuras geométricas para formação de conjuntos (Fig. 31) • Montagem dos puzzles.



Figura 30: Cartas para o Pai Natal



Figura 31: Exploração das peças dos puzzles

2.4.6. Sexta semana de atividades

Na sexta semana de atividades, que decorreu de 04 a 07 de dezembro de 2017, deu-se continuidade à temática do Natal explorando principalmente os enfeites de Natal, nomeadamente a sua confeção, recorrendo a massa de sal, totalmente preparada na sala junto das crianças. Trabalhámos alguns conceitos matemáticos, concretamente as quantidades necessárias a utilizar (recorrendo sempre a formas de medir compreendidas pelas crianças). Para realizar a atividade foi necessário reorganizar a sala e, para não se perder tempo útil, isso foi feito antes da chegada das crianças.

A atividade correu particularmente bem, as crianças puderam tocar nos ingredientes e assim explorar diferentes texturas (farinha, sal). No final mostraram muito interesse em modelar a massa e em criar as figuras de Natal que iriam dar origem a decorações de Natal. Depois de cozida a massa, cada criança coloriu os seus enfeites e foi visível que a liberdade criativa tem, de qualquer forma, de ser orientada. Se, por um lado, a utilização de diferentes cores pode tornar o trabalho mais criativo rapidamente foi visível que as crianças misturavam as cores nos recipientes sem lavar

os pincéis o que levou a que algumas cores ficassem misturadas. Mas, apesar dos imprevistos, a semana foi muito produtiva. Apresenta-se em seguida a sequência de atividades desenvolvidas.

Tabela 6: Atividades desenvolvidas de 04/12/2017 a 07/12/2017 (sexta semana)

Atividades desenvolvidas entre 04 e 07 de dezembro de 2017
<ul style="list-style-type: none">• Brincadeiras livres.• Canção do Bom Dia.• Observação do tempo que faz lá fora-registo no quadro do tempo.• Confeção de massa de sal e modelagem de figuras de Natal (Fig. 32 e 33).• Jogo "A Mãe Natal manda...": atividade de expressão físico-motora (Fig.34).• Hora da história: <i>Uma Noite de Natal</i> de Diana Hendry e Jane Chapman.• Pintura das decorações de Natal realizadas com massa de sal.



Figura 32: As crianças exploram a textura e a cor dos ingredientes



Figura 33: A crianças utilizam os moldes



Figura 34: Jogo "A Mãe Natal manda..."

2.4.7. Sétima semana de atividades

A sétima semana de implementação de atividades foi a última antes das férias de Natal. Decorreu entre 11 e 14 de dezembro, ainda com a temática do Natal. A título de exemplo inclui-se em anexo (Anexo C) a planificação desta semana.

Nesta semana planificou-se uma atividade que permitisse treinar a consciência fonológica. Mantendo a temática do Natal explorou-se uma história com alguns animais, estabelecendo assim uma pequena ligação com a temática em estudo no projeto a desenvolver no 1.º Ciclo. É sabido que os animais são, por natureza, um dos temas que mais cativa as crianças. Antes de apresentar a história, questionámos as crianças sobre os animais que conheciam e à medida que os iam referindo estes eram registados numa folha afixada num cavalete. O vocabulário já adquirido pelas crianças, dada a sua faixa etária, era já bastante amplo. Em seguida, chamou-se a atenção para a temática da história (os animais e as prendas de Natal) e indicou-se que deveriam prestar muita atenção para descobrir se já tinham mencionado os animais que participavam ou se havia algum diferente.

Durante a audição da história as crianças rapidamente identificaram o ouriço como sendo um dos animais já referidos (era o único que haviam referido, os restantes eram diferentes). No fim da história a nossa lista de animais foi lida novamente para que as crianças indicassem quais entravam na história e não estavam na lista. Registaram-se os novos animais a cor diferente. Uma vez mais foi perceptível que a estagiária recorreu pouco ao discurso direto na narração da história e isso é ainda um aspeto a melhorar.

Foi bastante evidente o nível de atenção das crianças quando recontámos a história e estas relembavam muitos detalhes, assim como a ordem dos acontecimentos.

Em seguida, foram ditas algumas frases curtas e exemplificámos que por cada palavra deveríamos bater uma palma. As crianças rapidamente compreenderam a estratégia e acompanharam batendo corretamente as palmas. Depois as frases foram escritas no cavalete e as crianças contaram corretamente o número de palavras. No final também contámos as sílabas das palavras referentes aos animais da história, ou seja, “os bocadinhos”. Como as crianças já estavam sentadas há muito tempo realizámos esta atividade em pé e batendo os pés por cada uma das sílabas.

Apresenta-se em seguida a sequência de todas as atividades da semana.

Tabela 7: Atividades desenvolvidas de 11/12/2017 a 14/12/2017 (sétima semana)

Atividades desenvolvidas entre 11 e 14 de dezembro de 2017
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres • Canção do Bom dia. • Observação do tempo que faz lá fora. • Hora da história: <i>Uma prenda de Natal</i> de Uma M. Christina Butler. • Treino da consciência fonológica: “<i>Vamos brincar com as palavras</i>” (Fig. 35 a 37) • Ensaio geral para o espetáculo de Natal (atividade conjunta). • Conclusão da pintura de decorações de Natal realizadas com massa de sal. • Pintura da rena Rodolfo. • Desenvolvimento da motricidade fina: criação de pequenas bolas de papel e colagem na rena Rodolfo • Dramatização sobre o Pai Natal e a Mãe Natal (Fig. 38) • Bandinha do Pai Natal - visita às outras salas.

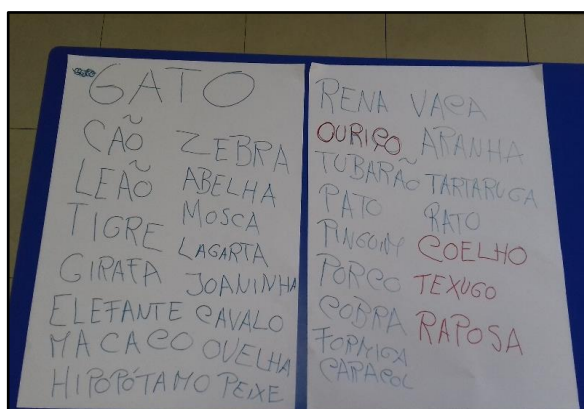


Figura 35: Lista de animais referidos pelas crianças

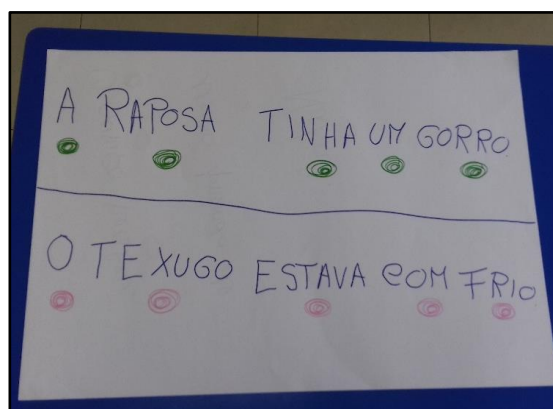


Figura 36: Contagem de palavras das frases

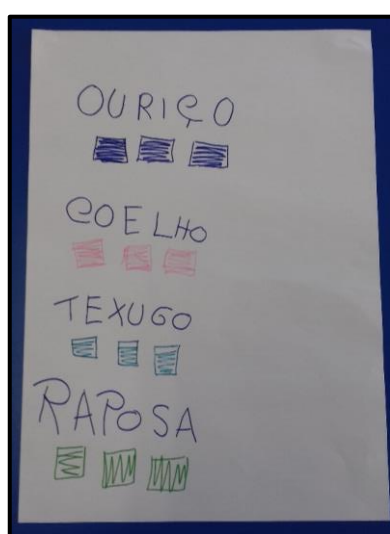


Figura 37: Contagem de sílabas das palavras



Figura 38: Dramatização com o Pai e a Mãe Natal

2.4.8. Oitava semana de atividades

A oitava semana de atividade decorreu após o Natal, mais concretamente nos dias 03 e 04 de janeiro de 2018. Teve como temática “O dia de Reis”. Para o seu desenvolvimento foi realizada uma dramatização com fantoches. Foi feita em conjunto com a educadora e causou-nos algumas dificuldades pois a dramatização foi feita através da improvisação (algo a que os educadores devem estar habituados). Esta situação aconteceu devido à falta de prática da estagiária e ao facto de estar habituada a ter sempre o texto em papel como suporte. Ainda nesta semana foram decoradas coroas alusivas ao Dia de Reis. Como a decoração foi feita com diferentes tipos de massa e tinta foi possível criar e explorar sequências e padrões.

Apresenta-se em seguida a sequência de atividades desenvolvidas.

Tabela 8: Atividades desenvolvidas de 03/01/2018 a 03/01/2018 (oitava semana)

Atividades desenvolvidas entre 03 e 04 de janeiro de 2018
<ul style="list-style-type: none">• Brincadeiras livres.• Canção do Bom dia.• Dramatização de uma história sobre o Dia de Reis• Diálogo com as crianças sobre a história• Decoração de Coroas alusivas ao Dia de Reis.



Figura 39: Diálogo com as crianças



Figura 40: Decoração de coroas criando sequências e padrões

2.4.9. Nona semana de atividades

Na nona e última semana de estágio, a temática explorada foi o Inverno. A semana decorreu entre 08 e 11 de janeiro de 2018. Para desenvolver esta temática começou-se por abordar a história *O sapo e o inverno* de Max Velthijs. Tal como já havia sido feito anteriormente, optou-se por organizar as cadeiras em semicírculo de modo a criar uma dinâmica diferente na sala. Ainda se estava a preparar a sala quando as crianças chegaram e ocorreram duas reações simultâneas: por um lado, houve crianças que se sentaram logo nas cadeiras e houve outras que de imediato pegaram em cadeiras para ajudarem a organizar a sala. Uma vez que as cadeiras estão adequadas para aquela faixa etária, precisamente para poderem ser manuseadas pelas crianças, a estagiária permitiu que ajudassem até porque é uma forma de se sentirem úteis.

Esta atitude das crianças mostrou autonomia e capacidade de iniciativa pois em momento algum lhes foi solicitado que ajudassem a organizar o espaço.

As crianças mostraram-se atentas durante a história, o que indica que estavam cativadas. No final conseguiram indicar várias características do inverno presentes na história. Em seguida foram questionadas sobre o que iriamos fazer em seguida, não por se esperar que respondessem corretamente mas para estimular a linguagem oral e para que levantassem hipóteses sobre as atividades possíveis. Foi surpreendente que uma das crianças tivesse respondido prontamente “Vamos fazer neve”. Efetivamente essa atividade estava programada mas para outro dia. Nesse dia estava programada a elaboração de um painel sobre o inverno uma vez que o procedimento científico inerente à produção de “neve” requeria mais tempo. O painel, caso não fosse terminado nessa manhã, poderia ser concluído noutro dia. Já o procedimento científico não poderia ser interrompido.

Relativamente à atividade da neve, foi bastante divertida para as crianças, mas a vertente científica perdeu-se um pouco pois o quadro que foi criado junto das crianças era demasiado elaborado e com simbologia pouco adequada. Futuramente é um aspeto a ter em atenção.

Apresenta-se seguidamente a sequência de atividades desenvolvidas.

Tabela 9: Atividades desenvolvidas de 08/01/2018 a 11/01/2018 (nona semana)

Atividades desenvolvidas entre 08 e 11 de janeiro de 2018
<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras livres. • Canção do Bom Dia. • Observação do tempo que fazia lá fora. • Leitura da história “<i>O sapo e o Inverno</i>”, de Max Velthijs. • Identificação de características do inverno. • Elaboração de um painel sobre o inverno-pintura com esponja (Fig. 41). • Desenvolvimento da motricidade fina: enrolamento de bolinhas de papel para colar no painel (Fig. 42). • Colagem de bolinhas de papel para representar um guarda-chuva para o painel (Fig. 43). • Colagem de algodão (húmido) no painel para representar as nuvens (Fig.44).

- Conversa sobre as características da neve/exploração sensorial de materiais.
- Procedimento experimental “Será que conseguimos fazer neve na nossa sala?”.
- Brincadeiras e exploração da neve de *faz de conta*.

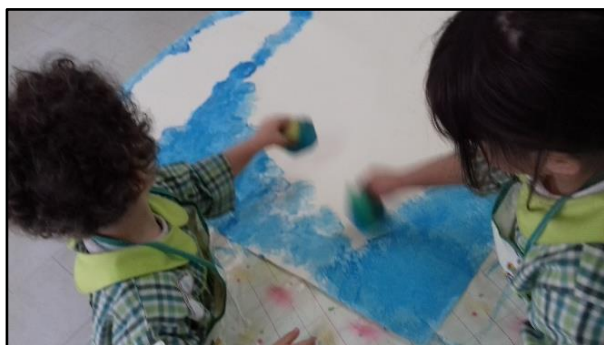


Figura 41: pintura no painel utilizando a técnica da esponja



Figura 42: Elaboração de bolinhas de papel



Figura 43: Colagem das bolas de papel



Figura 44: Colagem do algodão húmido



Figura 45: Painel concluído

2.5. Reflexão geral sobre a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Foram vários os estágios que tivemos oportunidade de frequentar e cada um deles permitiu adquirir novos conhecimentos. Este foi, sem dúvidas, um dos mais enriquecedores.

Felizmente, tivemos a oportunidade de estagiar numa instituição em que, desde início, nos sentimos muito bem-recebidas, por educadoras e auxiliares, assim como pela restante equipa (auxiliares de limpeza, funcionárias da cozinha...), não esquecendo nunca as crianças, que estão no centro de tudo, e as famílias com quem tivemos o prazer de ir lidando um pouco. São todas estas pessoas que fazem uma instituição, são elas que lhe dão alma e identidade.

Ao longo destes meses, aprendemos muito e essas aprendizagens enriqueceram-nos enquanto futuras educadoras e enquanto pessoas.

Há, no entanto, alguns aspetos que temos consciência que necessitamos melhorar. Acreditamos que, em alguns casos, só a experiência permitirá evoluir e crescer enquanto educadoras.

Foi um prazer trabalhar com a educadora cooperante e com a auxiliar. Desde o primeiro momento nos sentimos acolhidas e integradas nos ritmos da sala. Sempre nos deixaram confortáveis para questionar o que fosse pertinente, auxiliaram sempre que consideraram necessário e deixaram-nos crescer dando liberdade para arriscar, umas vezes com mais sucesso que outras.

Sáímos algumas vezes da zona de conforto, nomeadamente ao nível da expressão dramática e musical. Ainda assim, achamos que em todas as experiências aprendemos algo novo. É também com o erro que aprendemos e não apenas com os sucessos.

Relativamente às crianças, foi com grande satisfação que fomos, pouco a pouco, entrando nas suas rotinas e observando as suas evoluções. É um grupo muito recetivo a novas experiências e que demonstra entusiasmo com cada nova atividade, principalmente se for diferente daquilo a que está habituado. As crianças sempre nos aceitaram muito bem, conseguimos estabelecer uma boa relação com elas e foi com pena que deixámos de acompanhar os seus progressos.

Capítulo III - Caracterização do Contexto Educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico

1. Prática Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico

1.1. Caracterização do Meio Envoltente

A cidade de Castelo Branco situa-se na Região Centro, Beira Baixa, e sub-região Beira Interior Sul. Encontra-se aproximadamente a 50 quilómetros da fronteira com Espanha, a cerca de 100 quilómetros da cidade da Guarda e a 80 quilómetros de Portalegre, duas das capitais de distrito mais próximas.

O concelho de Castelo Branco é composto por 19 freguesias, tal como consta no mapa abaixo.

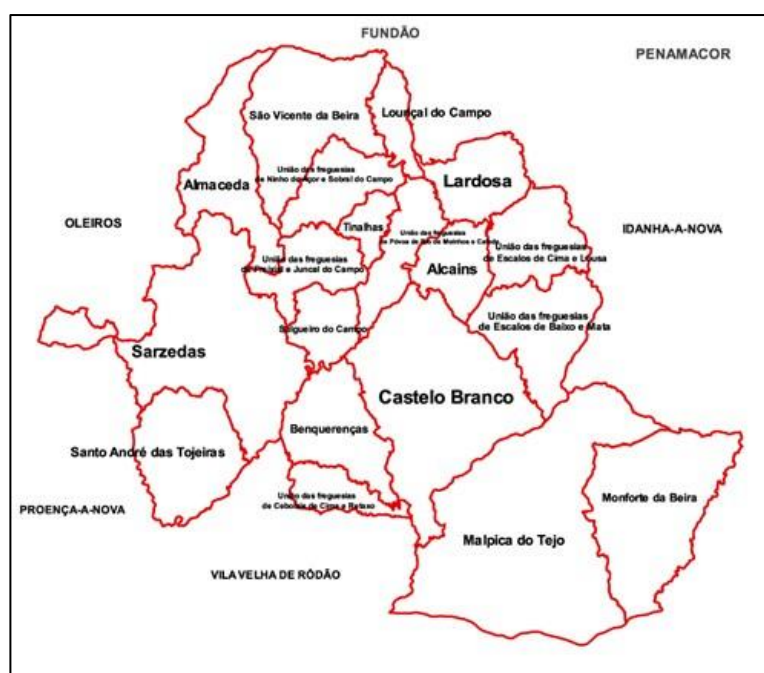


Figura 46: Mapa das Freguesias do Concelho de Castelo Branco

Em 2012, num estudo elaborado pela DECO, Castelo Branco foi considerada a segunda capital de distrito do país com melhor qualidade de vida. Em 2016, num estudo realizado pela *Bloom Consulting*, foi classificada como a melhor cidade do distrito para se viver, visitar e fazer negócios. Ao nível do interior do país ficou classificada em quarto lugar.

O concelho de Castelo Branco disponibiliza diversas infraestruturas para a instalação de atividades empresariais, destacando-se, entre elas, a Área de Localização Empresarial. Podemos também encontrar várias instituições de apoio ao desenvolvimento económico, nomeadamente a Associação Centro de Apoio Tecnológico Agroalimentar (CATAA) e Associação Comercial, Industrial e Serviços de Castelo Branco (ACICB).

Castelo Branco pretende desenvolver-se de forma integrada, baseando-se na promoção de um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, valorizando a

especialização produtiva atual com destaque para os ramos agroalimentar e agroflorestal, o têxtil, o automóvel e as indústrias mecânicas e eletrónicas e associadas como o turismo.

Assim, a cultura empresarial da cidade valoriza o que é endógeno e tradicional, havendo vários produtos com Denominação de Origem Protegida (DOP), reconhecidos a nível nacional e internacional. Sendo o setor agroalimentar uma das áreas de atividades económicas com maior potencial na região, aliado aos produtos locais e regionais é organizado anualmente o certame *Castelo Branco – Sabores de Perdição*. Este certame promove a divulgação dos produtos da região, desenvolvendo a comercialização direta.

1.2. Caracterização do Agrupamento

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano foi criado em julho de 2013 integrando a Escola Secundária de Amato Lusitano, a EBI João Roiz, a EB1 - Quinta da Granja, o Jardim-de-infância/ EB1 do Valongo, e as EB1 Cebolais de Cima e Retaxo. A partir de 1987, adotou-se a designação de Escola Secundária de Amato Lusitano. O ensino técnico-profissional, criado em 1983, teve grande sucesso na altura, continuando a distinguir-se na atualidade com o alargamento a novas áreas.

A sede do Agrupamento localiza-se na Escola Secundária Amato Lusitano, que antigamente funcionava como escola técnica e se designava por Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco.

Em 1974, quando desapareceu a distinção entre os diferentes tipos de escola e o ensino passou a ser unificado, a escola recebeu a designação de Escola Secundária de Castelo Branco e recebia turmas desde o 7.º ao 11.º ano. Posteriormente acrescentar-se-ia o 12.º ano ao Sistema Educativo Português.

Mais tarde, em 1987, receberia a designação de Escola Secundária de Amato Lusitano.

A EBI João Roiz entrou em funcionamento em 2001/2002 e em 2003/2004, agregou quatro escolas do ensino básico – a EB1 Quinta da Granja, o Jardim-de-infância/ EB1 do Valongo, a EB1 Cebolais de Cima e a EB1 Retaxo -, formando o Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco. Em julho de 2013, este Agrupamento foi integrado no Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, com a sede na Escola Amato Lusitano.

O Patrono do Agrupamento, João Rodrigues de Castelo Branco, nasceu na cidade em 1511. Era um médico do século XVI e foi dos mais destacados representantes do humanismo renascentista. Foi professor universitário em Ferrara e um ilustre investigador ligado, principalmente, à descoberta da circulação sanguínea.

Escreveu diversas obras em que referia as suas doutrinas sobre a medicina, passando a ser conhecido por “Amato Lusitano”. Foi perseguido pela inquisição e

deslocou-se para Itália onde, devido à sua fama, era procurado por pessoas humildes e por grandes senhores. A ele se deve a afirmação que serve de mote ao Agrupamento:

Sempre tratei os meus doentes com igual cuidado, quer fossem pobres ou nascidos em nobreza, sem procurar saber se eram hebreus, cristãos ou sequazes da lei Maometana.

Este Agrupamento pretende ser uma referência ao nível da excelência pelo sucesso académico, pela qualidade da formação prestada nos domínios da ciência, da tecnologia, do desporto, das artes, da educação inclusiva e da cidadania.

Tem como missão a promoção do sucesso individual dos alunos, favorecendo a aquisição de bases científicas sólidas com vista ao prosseguimento de estudos e oferecendo uma formação diversificada de modo a permitir a integração imediata no mundo do trabalho, assim como a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, através de projetos especializados.

O lema do Agrupamento é *O futuro em construção.*

A cidadania, o respeito pela diversidade, a solidariedade, o profissionalismo, a disciplina, o respeito mútuo e o espírito de pertença ao agrupamento são os valores seguidos.

O Agrupamento é uma referência no que se refere à educação bilingue de alunos surdos e à educação de alunos portadores de cegueira e baixa visão.

Está habilitado para o acompanhamento de alunos no domínio do apoio psicopedagógico, no apoio ao desenvolvimento do sistema de relações da comunidade escolar e ainda no domínio da orientação escolar e profissional e ainda na coordenação educativa e supervisão pedagógica, uma vez que possui um Gabinete de Psicologia e Orientação, de cariz técnico pedagógico.

Deste modo, existe uma Equipa Multidisciplinar que acompanha em permanência os alunos, principalmente aqueles que revelem maiores dificuldades de aprendizagem, risco de abandono escolar, comportamentos de risco ou violadores dos deveres do aluno e ainda alunos que se encontrem na iminência de ultrapassar os limites de faltas previstas pelo Agrupamento.

Ao nível da Educação Inclusiva existe um serviço especializado, destinado a todos os alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios resultantes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente. Este serviço desenvolve atividades em articulação com outras estruturas de orientação educativa em que se inclui o Gabinete de Psicologia e Orientação. Promove, assim, respostas pedagógicas adequadas e diferenciadas de acordo com o perfil de funcionalidade de cada aluno e seguindo a filosofia de escola inclusiva que promove o sucesso de todos. É composto por uma equipa multidisciplinar de Avaliação Especializada que tem várias competências:

- analisar e recolher informações sobre os diversos casos;
- proceder a uma avaliação especializada por referência à CIF;

- elaborar pareceres e proceder ao encaminhamento para outros apoios disponibilizados pela escola que melhor se adequem à situação;

A CIF é um sistema de classificação inserido na Família de Classificações Internacionais da Organização Mundial de Saúde, sendo o quadro de referência universal adotado pela OMS para descrever, avaliar e medir a saúde e incapacidade quer ao nível individual quer ao nível da população.

O Agrupamento possui uma Associação de Pais e Encarregados de Educação, a APEE, que representa os interesses das famílias, dos encarregados de educação e dos alunos. Assim sendo, faz-se representar nos órgãos da estrutura do Agrupamento, nomeadamente no Conselho Geral, que reconhece a APEE como um importante parceiro educativo.

O AEAL foi alvo de análise SWOT e, ao nível das áreas de intervenção, foram definidos os pontos fracos e os pontos fortes, assim como as oportunidades e as ameaças que se apresentam em seguida:

Tabela 10: Análise SWOT de acordo com o Projeto Educativo Agrupamento Amato Lusitano (aprovado em 27/11/2017 em Reunião do Conselho Pedagógico e em 04/12/2017 em Reunião do Conselho Geral)

Pontos fortes	Pontos fracos
<ul style="list-style-type: none"> • Escola inclusiva • Forte liderança da Direção • Ampla diversidade de oferta educativa • Estabilidade do corpo docente • Resultados acima da média nacional dos exames do 1º, 2º e 3º ciclos e no ensino secundário das disciplinas de Português, Economia, Geografia, Desenho A, Matemática B, e, História e Cultura das Artes • Bons recursos e equipamentos informáticos e tecnológicos • Bom apetrechamento das salas de aula • Bom funcionamento dos serviços de apoio educativo • Atividades extracurriculares com qualidade e impacto nas aprendizagens • Abertura do agrupamento ao exterior • Boa relação entre os atores educativos • Bom ambiente de trabalho • Existência de três bibliotecas, integradas no Programa Rede de Bibliotecas Escolares do MEC 	<ul style="list-style-type: none"> • Resultados abaixo da média nacional dos exames do ensino secundário das disciplinas de Matemática A, Biologia e Geologia e Física e Química A • Debilidades ao nível da ação de um plano global e integrado que apoie alunos com dificuldades de aprendizagem ao longo da escolaridade básica e secundária • Insuficiente monitorização e eficácia dos apoios prestados • Fraca articulação entre os diferentes níveis de ensino • Necessidade de intervenção em algumas instalações • Existência de alguns focos de indisciplina

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Localização privilegiada do Agrupamento no contexto urbano • Disponibilidade da autarquia, empresas e instituições para o estabelecimento de parcerias • Financiamento oriundo dos fundos comunitários no âmbito da formação profissional • Existência de concursos a projetos nacionais de índole cultural e/ou científico-pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • A proximidade de outras escolas • Fraca participação dos Encarregados de • Educação nas atividades extracurriculares • Insuficiência de espaços de trabalho • Insuficiência de espaços desportivos • Redução da rede de empresas para a disponibilização de estágios profissionais

1.3. Caracterização da Escola

A EBI João Roiz localiza-se na Avenida Cidade de Zuhai, na cidade de Castelo Branco, capital de distrito e situada na região Centro, mais concretamente na Beira Baixa



Figura 47: EBI João Roiz (Fonte: Google Maps)

Nas imediações da escola encontram-se diversos serviços e uma vasta zona habitacional constituída por prédios e vivendas. Ao nível dos serviços destaca-se o quartel dos Bombeiros Voluntários de Castelo Branco, o Comando Territorial da Guarda Nacional Republicana. Não muito longe encontramos o Hospital Amato Lusitano, o Centro de Saúde de São Tiago e outras escolas da cidade.

A nível desportivo e cultural destaca-se, nas proximidades, a Zona de Lazer que aloja a Piscina Praia e alguns campos de jogos. Um pouco mais longe encontramos um clube de ténis, o *Albi Sport*. Um pouco mais distante encontra-se o Fórum Castelo Branco e o Centro Comercial Alegro.

No que se refere à acessibilidade, a escola situa-se numa zona acessível por várias artérias rodoviárias, que permitem o acesso dos alunos que se desloquem a pé, de carro ou de transportes públicos. Nas imediações da escola são visíveis várias passadeiras que asseguram a deslocação dos alunos em segurança.

A escola é constituída por três blocos com 25 salas de aulas e um outro bloco em que funciona o refeitório.

No Bloco A podemos encontrar as salas destinadas aos alunos de 1.º ciclo. No presente ano letivo três delas eram ocupadas por turmas de 3.º ano e duas ocupadas por turmas de 4.º ano. Neste bloco podemos ainda encontrar salas destinadas a outros anos de escolaridade, assim como casas de banho. Este bloco é apoiado por diversos auxiliares de ação educativa que supervisionam os alunos, controlando as entradas e as saídas.

No Bloco B encontramos a secretaria, a sala de professores, o bar dos alunos, a reprografia e a papelaria, assim como a biblioteca, equipada com vários recursos, nomeadamente livros e computadores com acesso à internet.

O Bloco C é constituído por salas de aula e é onde se localiza o auditório. O Bloco D aloja o refeitório.

Todos estes blocos encontram-se ligados entre si por uma zona coberta, o que permite aos alunos circular por todos eles, mesmo em dias de chuva.

A escola possui um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos e um pequeno pavilhão equipado com balneários.

Os espaços exteriores são amplos, o que permite que os alunos possam circular livremente.

Toda a escola está protegida por gradeamento e na portaria encontra-se sempre um funcionário que supervisiona as entradas e as saídas. A entrada na escola depende da apresentação de um cartão de identificação de estudante, eletrónico, e as saídas ocorrem em função da autorização definida pelos encarregados de educação no início do ano letivo. Devido à utilização do cartão eletrónico, todas as entradas e saídas ficam registados eletronicamente nos sistemas da escola.

1.4. Caraterização da sala de aula

A sala da turma do 3.ºB era a sala 22 e localiza-se no 1.º andar do Bloco A da escola João Roiz.

A sala é ampla, mas ainda assim é necessária uma boa gestão do espaço e da distribuição do mobiliário. Possui iluminação natural proveniente de quatro janelas, com estores, localizadas no lado direito da sala. Encontra-se equipada com aquecedores de parede. Tem um grande quadro negro, de ardósia, e está equipada com projetor, sem tela para projeções, o que, por vezes, dificulta a eficácia de estratégias que se socorrem deste meio técnico. A sala possui ainda um computador com acesso à internet. A disposição das mesas é fixa (Fig.48) mas o mesmo não se aplica aos alunos que por vezes mudam de lugar para uma melhor gestão do comportamento dentro da sala de aula. Embora a disposição das mesas seja fixa se se justificar é possível efetuar alterações na disposição da sala.

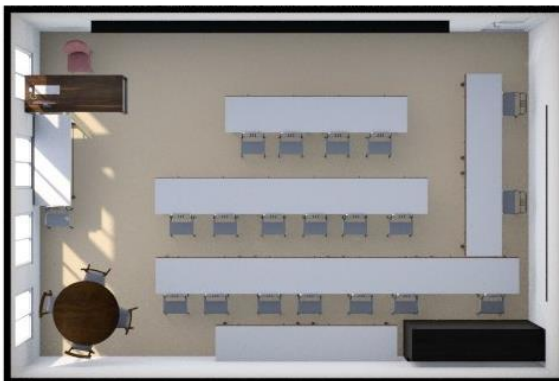


Figura 48: Planta da sala do 3.ºB

A entrada na sala faz-se pela frente da sala, pelo lado esquerdo do quadro. As mesas encontram-se viradas para o quadro e a secretária da professora situa-se junto às janelas e posicionada de modo a ver e ser vista por todos os alunos. Junto à porta e do lado esquerdo da sala, encontra-se um painel onde é possível afixar trabalhos realizados pelos alunos.

No fundo da sala encontram-se dois armários para arrumação de material e junto deles algumas mesas que servem de apoio para colocar os dossiês dos alunos. Ao lado destas mesas e junto da janela, encontra-se uma mesa redonda utilizada para fins diversos.

No exterior da sala existe uma parede destinada aos trabalhos elaborados pelos alunos da turma, o que permite a sua exposição para as restantes turmas.

1.5. Caracterização da turma

A turma com que trabalhámos foi a turma do 3.º B. Era uma turma constituída por 20 alunos, nove raparigas e onze rapazes, com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos, de nacionalidade portuguesa. Um dos alunos nasceu no Brasil.

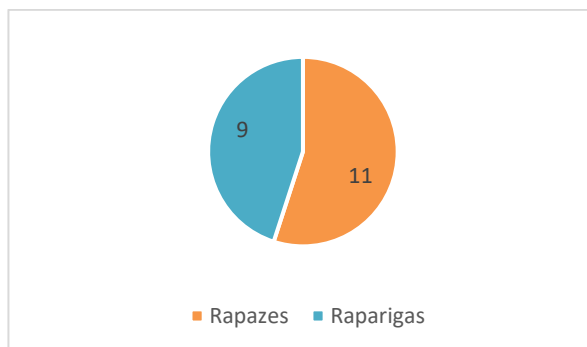


Gráfico 3: Número de alunos do 3.º B

Destes vinte alunos, três estavam sinalizados com NEE. Uma aluna era acompanhada no âmbito da dislexia/disgrafia e uma outra por défice de atenção e consequentes dificuldades de aprendizagem. Existia ainda um aluno acompanhado por

dificuldades de aprendizagem. As aulas decorriam de forma regular sendo necessário, ainda assim, disponibilizar um pouco mais de tempo e apoio a estes alunos na realização de algumas tarefas.

A estrutura familiar e a respetiva situação económica podem ter influência no desempenho escolar dos alunos. Como tal, foi importante conhecer cada aluno e ter noção de qual era a sua situação. Assim, de forma geral, podemos referir que a maioria dos pais se encontrava empregada e dadas as funções que desempenhavam podemos inferir que muitos frequentaram o Ensino Superior. Existiam situações pontuais de desemprego ou aposentação. A maioria dos alunos vivia com os pais, havendo situações de famílias reconstruídas em que os alunos residiam apenas com um dos progenitores, mantendo relação com ambos os progenitores (uma aluna não tem qualquer relação com o pai, mas mantém uma ótima relação com o padrasto). Havia um aluno cujo pai falecera quando este era ainda muito pequeno. Os agregados familiares eram mais numerosos que a média atual, havendo 11 alunos com 1 irmão, 4 alunos com 2 irmãos e apenas 5 alunos eram filhos únicos, como podemos comprovar pelo gráfico 4.

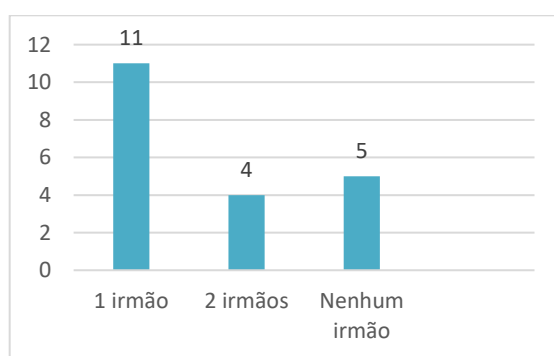


Gráfico 4: Número de irmãos dos alunos do 3.º B

Todos os alunos residiam na cidade ou em aldeias/vilas nas proximidades e deslocavam-se para a escola em transportes públicos ou de familiares. Alguns iam a pé para a escola.

A nível cognitivo, era uma turma heterogénea, adquirindo os conhecimentos pretendidos com facilidade, havendo alguns alunos que apresentavam mais dificuldades o que, em contexto de sala de aula, era mais perceptível no tempo de realização das atividades. Dois alunos tinham historial de retenções no 2.º ano (ambos recebiam apoio pedagógico e estavam sinalizados com NEE).

Relativamente a questões comportamentais, pode afirmar-se que se tratava de uma turma bem-comportada, existindo alunos que causavam alguma instabilidade por serem conversadores ou tentarem brincar uns com os outros. No entanto, com firmeza e autoridade por parte de quem lecionava e orientava a turma, impondo regras e penalizações (por exemplo mudanças de lugar para evitar conversas e/ou brincadeiras) era possível manter a ordem dentro da sala de aula.

Destacamos também a instabilidade emocional de alguns alunos, nomeadamente do aluno cujo pai faleceu e que era acompanhado pela psicóloga da escola.

No que se refere à realização dos trabalhos de casa, estes eram quase sempre realizados, existindo, ainda assim, alunos que pontualmente e por razões diversas não faziam ou não terminavam.

Os alunos mostravam preferência pela área do Estudo do Meio e do Português e alguma resistência e maior dificuldade na área da Matemática, sendo esta, no entanto, a área preferida de alguns alunos.

Capítulo IV- Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

1. Vantagens da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

De modo a definir melhor o que é ser professor do 1.º ciclo, foi aprovado o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. Este documento refere que compete ao professor desenvolver o respetivo currículo, num contexto de escola inclusiva tendo, por isso, de mobilizar e integrar conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam. Deve demonstrar competências que promovam a aprendizagem dos alunos.

O professor de 1.º ciclo coopera na construção e avaliação do projeto curricular da escola, concebendo em conjunto com outros docentes o projeto curricular da sua turma. Desenvolve as aprendizagens dos alunos mobilizando saberes científicos de cada uma das áreas curriculares e respetivos conteúdos curriculares, integrando todas as vertentes do currículo e articulando as aprendizagens do 1.º ciclo com as do pré-escolar e do 2.º ciclo.

Deve ter sempre em atenção as condicionantes individuais de cada aluno assim como o contexto que é mais benéfico para a aquisição das aprendizagens. Competem-lhe a organização, o desenvolvimento e a avaliação do processo de ensino, devendo ser capaz de ajustar a forma de ensinar uma vez que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira nem ao mesmo ritmo. É fundamental utilizar os conhecimentos prévios dos alunos assim como os seus obstáculos e erros na construção de aprendizagens.

O professor deve partilhar com os seus alunos métodos de estudo e de trabalho intelectual, ao nível da pesquisa, organização, tratamento e produção de informação, recorrendo sempre que tal seja pertinente, às tecnologias da informação e da comunicação. O desenvolvimento da autonomia para aprendizagens futuras é crucial.

No 1.º ciclo, o professor deve proporcionar situações de aprendizagem que fomentem o interesse e o respeito dos alunos por outros povos e culturas, e promover a participação ativa dos alunos na construção e prática de regras de convivência, respeito e colaboração.

Deste modo, a Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico traz inúmeras vantagens para futuros professores pois permite desenvolver habilidades e competências fundamentais à vida profissional. Permite também observar e participar nas rotinas diárias de uma escola e/ou agrupamento de modo a que melhor compreenda o contexto educativo em que se encontra inserido.

A observação, planificação, preparação e implementação unidades didáticas em contexto de sala de aula, assim como a respetiva avaliação do que correu bem e do que podia ser melhorado, são fundamentais para aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos. Embora a prática não seja possível sem a teoria, somos da opinião que só durante a prática é que efetivamente compreendemos a teoria, sendo necessário fazer ajustes pois cada aluno tem formas próprias de aprender e o que resulta com um aluno

pode não resultar com outro. Da mesma maneira, ao preparar uma aula temos sempre que ter em conta a turma a que se destina, pois podemos ter preparado uma excelente aula, todavia não ser adequada àquela turma. Para que a aula seja adequada deve ser sempre pensada de acordo com a turma a que se destina.

2. Organização da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

A Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu no segundo semestre do ano letivo 2018/2019, entre os meses de fevereiro e junho de 2019. Começou por ser desenvolvida em par pedagógico, mas a desistência do par pedagógico levou a algumas alterações na calendarização original. Assim sendo, definiu-se em conjunto com a professora cooperante e com a equipa de supervisão que seriam realizadas semanas de observação intercaladas com semanas de implementação, devendo esse ajuste ser feito entre a estagiária e a cooperante. As semanas de observação foram lecionadas pela cooperante, sendo esta auxiliada pela estagiária se tal fosse solicitado.

A Prática Supervisionada decorreu durante três dias por semana, de terça a quinta-feira, de acordo com o horário da cooperante.

Para que melhor se compreenda a sequência das implementações durante a PES, apresentamos o cronograma com as semanas e as temáticas das unidades didáticas, tendo apenas a Unidade 1 sido da responsabilidade do par pedagógico.

2.1. Cronograma de implementação de unidades didáticas

Semana 1	18 a 22 de fevereiro	Aulas de preparação na ESECB	
Semana 2	26 a 28 de fevereiro	Observação	
Semana 3	7 de março		
Semana 4	12 a 14 de março	Unidade didática 1 “A magia das plantas”	Par pedagógico
Semana 5	19 a 21 de março	Unidade didática 2 “A aventura de um pai” (observação)	Desistência do par pedagógico
	26 a 28 de março	Unidade didática 3	

Semana 6	Dia 27: atividades de investigação	“O fantástico mundo dos animais.”
Semana 7	02 a 04 abril	Observação
Férias Páscoa		
Semana 8	23 a 25 de abril	Observação
Semana 9	30 abril e 02 de maio	Unidade didática 4 “Descobrimos as rochas.”
Semana 10	08 e 09 maio	Observação
Semana 11	14 a 16 de maio Dias 14 e 15: atividades de investigação de maio	Unidade didática 5 “Viagem”
Semana 12	21 a 23 de maio	Observação
Semana 13	28 a 30 de maio	Unidade didática 6 “Inventamos, criamos e aprendemos!”
Semana 14	04 a 06 de junho	Observação
Semana 15	11 a 13 de junho	Unidade didática 7 “Da floresta ao mar: basta um círculo para lá chegar”
Semana 16	18 a 19 de junho Dia 8: atividades de investigação Dia 19: Visita de estudo ao Oceanário.	Unidade didática 8 “Viagem à Floresta Tropical”

2.2. Apresentação global e reflexão sobre as semanas de observação

Como já foi referido, a PES estava programada para decorrer em par pedagógico e assim aconteceu nas primeiras semanas. Durante esse período observámos a turma e a forma de lecionar da professora cooperante. Fomos muito bem recebidas por esta e pela turma, assim como pela restante equipa em que incluímos os outros professores, não só os que acompanhavam a turma regularmente como também das restantes salas, não esquecendo os auxiliares de ação educativa que de imediato se prontificaram a ajudar no que fosse necessário. Uma vez que existiam alunos sinalizados era frequente estarem outros professores na sala a dar apoio.

Na primeira semana em que estivemos em contacto com a turma conseguimos perceber algumas das suas dinâmicas, principalmente ao nível do comportamento e participação. Tratava-se de uma turma heterogénea, com alguns alunos mais perturbadores devido a brincadeiras ou participações menos pertinentes. Quando chamados à atenção pela professora sossegavam. Isto permitiu-nos compreender que era uma turma que estava habituada a cumprir regras, sabendo de antemão que haveria “penalizações” caso estas não fossem cumpridas. Não queremos com isto dizer que houvesse uma relação rígida entre professora e alunos. Muito pelo contrário, a professora era muito próxima da turma mas deixava bem claro o que era permitido ou não.

A turma era muito meiga, gostando de dar e receber afetos. Os alunos eram muito curiosos e desde o início mostraram interesse em aprender connosco, questionando desde cedo quando seríamos nós a lecionar as aulas.

Após a desistência de um dos elementos do par pedagógico ficou definido que as implementações ocorreriam em semanas intercaladas. Deste modo, foi possível ter mais tempo para observar a dinâmica da professora cooperante com a turma, dando particular atenção às atividades desenvolvidas e à forma como estas corriam. Registou-se, como referido, que os alunos tinham diferentes ritmos de aprendizagem, estando alguns deles sinalizados com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Os alunos colocavam questões sobre os conteúdos lecionados: umas vezes porque queriam saber mais, outras porque já sabiam algo e queriam partilhar com os colegas e as professoras.

As semanas de observação também foram úteis para contactar com a turma, auxiliando em algumas tarefas, esclarecendo dúvidas. Esta foi uma situação que achámos curiosa e simultaneamente vantajosa. Sempre que os alunos terminavam alguma tarefa ou tinham dúvidas na resolução de algum exercício dirigiam-se até à professora para que esta corrigisse ou esclarecesse algo. No entanto, rapidamente os alunos começaram a dividir-se entre a professora cooperante e a professora estagiária.

Esta situação permitiu-nos recolher dados importantes. Os alunos sentiam confiança em dirigir-se à professora estagiária para pedir ajuda. Experiências anteriores haviam-nos mostrado que quando estes duvidam do que é dito pela estagiária, deixam de a procurar ou então questionam a professora cooperante se o que havia sido dito estava correto ou não. Felizmente, não era esse o caso. O facto de os alunos pedirem ajuda permitiu-nos perceber o que lhes causava mais dúvidas e qual a melhor forma de ajudar cada um deles. Apesar de, por vezes, as dúvidas serem as mesmas, a mesma explicação poderia não ser esclarecedora para todos. Isto permitiu que explorássemos formas distintas de esclarecer as dúvidas para que todos os alunos alcançassem as aprendizagens. Durante esta experiência observámos que alguns alunos necessitavam de explicações mais individualizadas para compreender os conteúdos.

Era frequente os alunos conversarem entre si mas a determinada altura fomos percebendo que não era apenas “conversa”. Quando questionámos a professora cooperante, esta esclareceu-nos que alguns alunos com melhor capacidade de aprendizagem auxiliavam colegas que precisavam de mais ajuda. Assim, à medida que realizavam as suas tarefas, ou depois de as terminar, ajudavam o colega do lado. Compreendemos que a distribuição dos alunos na sala nem sempre era feita em função de quem conversa muito com quem, podendo ser também feita em função de quem pode ajudar quem.

Podemos, assim, afirmar que as semanas de observação são fundamentais para conhecer a turma, as suas rotinas, as metodologias que funcionam bem e as que devemos evitar porque não serão tão bem-sucedidas.

2.3. Apresentação global e reflexão sobre as atividades desenvolvidas em grupo e em contacto com a comunidade

Durante o período da PES foram poucas as atividades desenvolvidas em grupo e/ou em contacto com a comunidade, tendo ocorrido quase todas no mês de junho. Ainda assim, houve oportunidade para adquirir novas perspetivas sobre a prática.

Na primeira semana, ainda de observação, decorreu o desfile de Carnaval (Fig. 49) das escolas da cidade. Esta atividade decorreu fora dos dias estipulados para o estágio mas tratando-se de uma atividade que decorria fora da escola, num ambiente totalmente diferente, solicitámos permissão para participar, o que de imediato nos foi permitido. Pudemos assim observar a dinâmica da turma fora da escola. Destacamos que a deslocação para o local do desfile foi realizada a pé, com todas as turmas do 1.º Ciclo, o que envolve alguma logística pois são muitas crianças e a distância a percorrer ainda era alguma. Por esse motivo, fomos acompanhados por elementos da PSP durante o percurso. O desfile foi muito animado e enriquecedor para nós. A forma como a turma se comporta na sala de aula e fora dela é diferente e, como tal, também o modo de agir de professores, auxiliares e estagiárias, no nosso caso, sofreu alterações. A temática escolhida pelo Agrupamento, para o desfile, foi a poluição dos oceanos.



Figura 49: Desfile de Carnaval

No dia 11 de junho, a escola recebeu a visita da autora Maria Almira Soares para apresentar duas das suas obras: *A revolta das frases* e *Meu querido livrinho*. O encontro com a autora decorreu na biblioteca da escola. Os alunos tiveram oportunidade de questionar a autora e de a ouvir ler. O facto de a atividade ter sido um pouco demorada, sem qualquer tipo de movimento (os alunos estiveram sempre sentados) levou a que estes se mostrassem um pouco irrequietos. Esta situação obrigou a que fosse necessário chamar a atenção de alguns alunos para que a atividade decorresse com alguma normalidade.

No dia 20 de junho as turmas de 3.º ano realizaram uma visita de estudo ao Oceanário. A viagem efectuou-se de comboio (Fig. 50), algo novo para muitos alunos que mostraram medo. Mas, passado o receio inicial, as crianças começaram a descontraír e apreciaram a viagem. Após a chegada a Lisboa, os alunos puderam almoçar uma vez que a visita decorreria apenas durante a tarde. O almoço decorreu ao ar livre, na zona envolvente ao Oceanário, o que permitiu que os alunos pudessem brincar livremente depois de tanto tempo sentados no comboio.



Figura 50: Viagem de comboio

Já no interior do Oceanário (Fig.51) foi visível o entusiasmo dos alunos. Para a grande maioria era a primeira visita. Olhos abertos de espanto que tudo queriam ver e conhecer. Uma vez que havia mais visitantes, de outras escolas, no interior do Oceanário foi preciso especial atenção pois facilmente uma criança se pode separar do grupo. Todos os alunos levavam identificação e os contactos da escola e da professora, possibilitando assim comunicar com alguém responsável caso algo acontecesse.



Figura 51: Visita ao Oceanário

Uma vez mais, apercebemo-nos que o comportamento no ambiente escolar e fora dele é diferente. Como tal, temos que nos adaptar e responder adequadamente ao que cada situação exige. A visita, embora cansativa, foi bastante positiva, alargou horizontes e permitiu que os alunos saíssem do ambiente conhecido e descobrissem um pouco mais o mundo.

No final do ano letivo, foi solicitado às estagiárias, pelas professoras cooperantes, que desenvolvessem algumas atividades para as três turmas de 3.º ano e para as três turmas de 4.º ano, a realizar no dia 21 de junho. Dado que nem todas as turmas tinham estagiárias, foi necessário trabalhar com algumas turmas cujas dinâmicas de trabalho desconhecíamos. Outro ponto menos favorável foi o facto de existirem seis turmas mas apenas cinco estagiárias disponíveis para desenvolver as atividades.

De modo a responder a estes desafios e aos espaços disponíveis, o ginásio mais pequeno (o maior estava ocupado) e a biblioteca, optámos por dividir as turmas: os alunos do 3.º ano ficavam na biblioteca a assistir a um filme e os alunos de 4.º ano realizavam várias atividades no ginásio. Quando as turmas de 4.º ano terminavam as atividades no ginásio invertíamos as posições, levando estas turmas para a biblioteca e trazendo as de 3.º ano para o ginásio. Apesar dos vários desafios, conseguimos organizar-nos e realizar uma atividade bem-sucedida, que proporcionou aos alunos uns momentos de descontração da rotina escolar.

No final da tarde, já fora da escola, decorreu um sarau que marcava o final das atividades letivas. Incluiu música, dança e ginástica. Uma vez mais, essa experiência foi enriquecedora pois permitiu o contacto com a comunidade educativa e com as famílias.

2.4. Apresentação global e reflexão sobre implementação das unidades didáticas

Apresentamos, em seguida, algumas das Unidades Didáticas implementadas durante a PES.

No entanto, antes de apresentar as Unidades Didáticas explicamos que, de acordo com Pais (2010), trata-se, do ponto de vista do processo de ensino/aprendizagem, de uma metodologia que se baseia num conjunto de:

“opções metodológico-estratégicas que apresentam como fundamentos técnicos de base: uma forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático (...) com o fator tempo (...); a aposta na coerência metodológica interna, a partir da seleção de uma unidade temática e da definição de um elemento integrador; a consideração de que todos os elementos que intervêm no processo se articulam em percursos, como verdadeiros projetos de trabalho contextualizados” (p. 2-3).

Como é possível observar no cronograma de atividades, previamente apresentado, foram elaboradas oito Unidades Didáticas mas, no presente trabalho, apresentamos apenas cinco. Optámos por selecionar a primeira unidade dado que corresponde ao início da Prática e porque foi a única UD elaborada em par pedagógico. As unidades três, cinco e oito correspondem às semanas em que decorreram as atividades de investigação. A unidade seis é apresentada para que se possa compreender a continuidade do trabalho desenvolvido.

2.4.1. Unidade Didática 1 - “A Magia das Plantas”

A primeira unidade foi implementada nos dias 12, 13 e 14 de março de 2019 e tinha como título “A Magia das Plantas”. O ponto de partida para a sua elaboração foi o Bloco 3 “À Descoberta do Ambiente Natural, de Estudo do Meio, mais concretamente o conteúdo “Os seres vivos do ambiente próximo: as plantas.” Partindo deste ponto, interligaram-se os restantes conteúdos das diferentes áreas curriculares de modo a estruturar todas as aprendizagens a desenvolver. O elemento integrador escolhido foi um “Pergaminho” em papel de cenário (Fig. 52). Este elemento foi progressivamente desenrolado e preenchido com a colaboração dos alunos.

A unidade didática encontrava-se programada para três dias letivos, correspondendo a cada um deles um percurso de ensino e aprendizagem.

Apresentamos em seguida uma tabela com a síntese dos conteúdos trabalhados (Tabela 11):

Tabela 11: Conteúdos e objetivos da Unidade Didática 1

Área curricular	Conteúdos/objetivos
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Os seres vivos do ambiente próximo <ul style="list-style-type: none"> ○ Conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos); ○ Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios (cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis...);
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto (oral e escrito) • Produção de textos narrativos/informativos: a biografia • Conhecimento explícito da língua <ul style="list-style-type: none"> ○ flexão verbal: conjugação (1.ª, 2.ª, 3.ª); pessoa (1.ª, 2.ª, 3.ª) singular, plural; número (singular, plural)
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Representação decimal de números racionais não negativos <ul style="list-style-type: none"> ○ Frações decimais e números decimais; ○ A décima, a centésima e a milésima ○ Algoritmos para a adição e para a subtração de números racionais representados por dízimas finitas; ○ Leitura de números decimais;
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte, colagem e dobragem <ul style="list-style-type: none"> ○ Fazer composições colando diferentes materiais rasgados, desfiados e cortados; ○ Pintar utilizando materiais diferentes: guache, lápis de cera, lápis de cor, aguarelas.... ○ Pintar, recortar e dobrar

De modo a desenvolver estes objetivos e conteúdos foram planificadas diversas atividades que em seguida apresentamos (Tabela 12):

Tabela 12: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 1

Área curricular	Atividades
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos constituintes da planta – legenda dos elementos da planta no “pergaminho”. • Elaboração de esquemas síntese sobre: tipos de raiz; tipos de caule; tipos de folhas. • Distinção entre folha caduca e folha persistente. • Diálogo sobre a reprodução das plantas.
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão de texto: apresentação e exploração da capa do livro “Matilde Rosa Araújo- Um olhar de menina”, de Adélia carvalho; <ul style="list-style-type: none"> ○ Leitura de excerto da obra; ○ Resolução de questões do manual do aluno; • Pesquisa de informação para elaboração de uma biografia. <ul style="list-style-type: none"> ○ O que é uma biografia: breve explicação com base em biografias já elaboradas; ○ Trabalho de grupo: consulta de biografias de vários autores; apresentação das biografias elaboradas; • Classe dos verbos: conjugações verbais

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Leitura de texto; ○ Identificação das três conjugações verbais: organização dos verbos selecionados de acordo com as conjugações.
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Sistema de numeração decimal: frações decimais e números decimais <ul style="list-style-type: none"> ○ Introdução de uma pequena história/problema que interliga os conteúdos e o elemento integrador; ○ Colagem de pratos/círculos de cartão no quadro que simbolizam bolos e as respetivas partes de bolo. ○ Explicação de que o bolo corresponde à unidade e que as fatias correspondem a partes da unidade. ○ Explicação de que as frações podem ser representadas por números decimais. ○ Representação de frações na reta numérica. ○ Relação da unidade com 10 décimas, 100 centésimas e 1000 milésimas. • Representação da décima, centésima e milésima com recurso ao material multibásico. Leitura de números decimais.
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de um painel sobre a primavera <ul style="list-style-type: none"> ○ Pintura de folhas brancas com guache colorido. ○ Recorte das folhas coloridas secas, utilizando a régua com uma medida pré-definida. ○ Colagem dos quadrados no painel da primavera, em papel de cenário de acordo com o desenho elaborado.

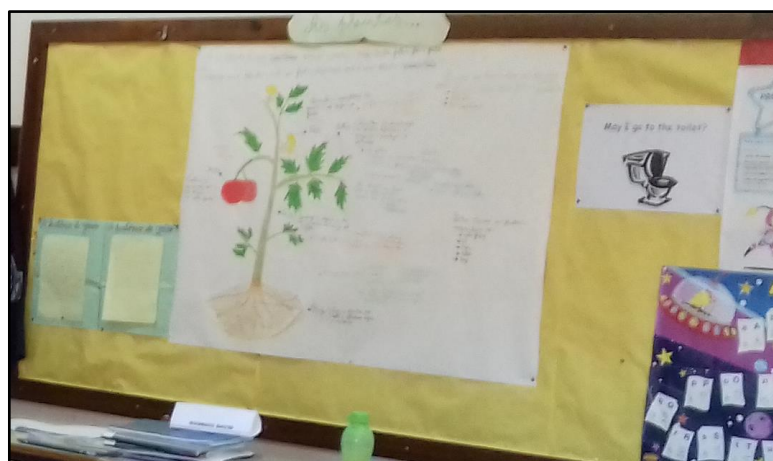


Figura 52: Elemento integrador: "Pergaminho" com a estrutura da planta

Refletindo sobre o que desenvolvemos nesta unidade didática, consideramos que a semana foi bastante positiva. Conseguimos estabelecer empatia com os alunos, conseguindo o seu respeito o que permitiu um correto desenrolar das atividades. Relativamente aos conteúdos e às atividades estabelecidas, conseguimos desenvolver quase todas, havendo apenas uma outra que não conseguimos terminaram nomeadamente o Painel da Primavera.

A maior dificuldade sentida foi, sem dúvida, a gestão do tempo. Se por um lado nem todos os alunos têm o mesmo ritmo de aprendizagem, por outro lado há conteúdos que necessitam de mais tempo para que os alunos, efetivamente, adquiram as

aprendizagens. Esta situação ocorreu principalmente ao nível da Matemática o que obrigou a prolongar o tempo destinado a esta área. Não fazia sentido avançar para outra atividade tendo nós consciência que os alunos não dominavam ainda os conteúdos. Deste modo, demos prioridade às aprendizagens dos alunos, colocando um pouco à margem os horários previamente estabelecidos.

A elaboração de biografias em modalidade de trabalho de grupo foi outra atividade que demorou mais tempo a desenvolver do que o inicialmente previsto. Isto aconteceu por se tratar de uma dinâmica de trabalho diferente em que é necessário apoiar cada grupo de forma mais individualizada.

Assim, consideramos que a semana correu muito bem, os alunos mostraram-se interessados e motivados, o que não invalida o facto de haver aspetos que é necessário melhorar, principalmente ao nível da gestão do tempo.

2.4.2. Unidade Didática 3- “O fantástico mundo dos animais”

A terceira unidade foi implementada nos dias 26, 27 e 28 de março de 2019. O ponto de partida para a sua elaboração foi o Bloco 3 “À Descoberta do Ambiente Natural, de Estudo do Meio, mais concretamente o conteúdo “Os seres vivos do ambiente próximo: os animais.” Partindo deste ponto, interligaram-se os conteúdos das diferentes áreas curriculares de modo a estruturar todas as aprendizagens a desenvolver. O elemento integrador escolhido foi um puzzle com uma imagem sobre os animais (Fig. 53). O puzzle é constituído por 20 peças (uma para cada aluno da turma), sendo que a dimensão de cada peça se encontra associada aos conteúdos de Matemática - decímetro.

Nesta semana iniciámos as atividades para a nossa investigação, com base no conto tradicional português “A Raposa e o Sapo”.

A unidade didática encontrava-se programada para três dias letivos, correspondendo a cada um deles um percurso de ensino e aprendizagem.

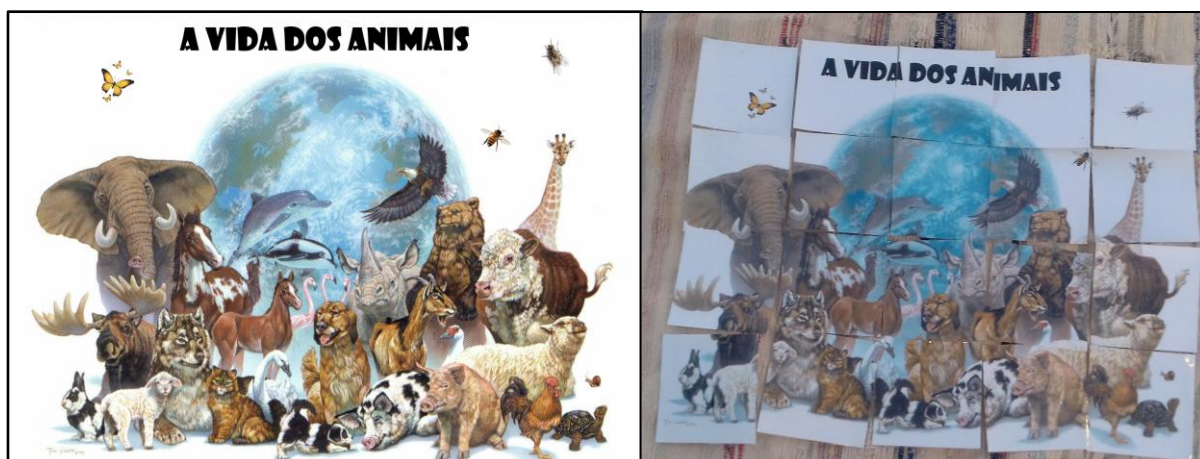


Figura 53: Elemento integrador: puzzle e imagem que lhe deu origem

Na tabela 13 apresentamos uma síntese dos conteúdos a lecionar nas diferentes áreas.

Tabela 13: Conteúdos e objetivos da Unidade Didática 3

Área curricular	Conteúdos/objetivos
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Os seres vivos do ambiente próximo <ul style="list-style-type: none"> ○ Comparar e classificar animais segundo as suas características e modo de vida
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto (oral e escrito) • Iniciação à Educação Literária: textos da tradição popular • Conhecimento explícito da língua <ul style="list-style-type: none"> ○ flexão verbal: conjugação (1.^a, 2.^a, 3.^a); pessoa (1.^a, 2.^a, 3.^a) singular, plural; número (singular, plural) ○ Pronomes pessoais
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de comprimento <ul style="list-style-type: none"> ○ Unidades de medida de comprimento do sistema métrico; conversões
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura: atividades de pintura sugerida <ul style="list-style-type: none"> ○ Pintar em superfícies planas

De modo a compreender as atividades planificadas para esta unidade, apresentamos a tabela 14 com uma síntese das atividades desenvolvidas. No anexo D apresentamos a planificação completa da semana para que se possa compreender a forma como uma Unidade Didática se organiza e como é aplicada.

Tabela 14: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 3

Área curricular	Atividades
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberta de peças do puzzle escondidas nas mesas dos alunos. • Comparação e classificação dos animais identificados no puzzle. <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificação dos animais observados ○ Distinção oral entre animais vertebrados e animais invertebrados. ○ Projeção do esqueleto interno de alguns animais; ○ Identificação de alguns animais invertebrados; ○ Distinção entre mamíferos, peixes, aves, répteis, anfíbios, insetos e moluscos – registo no quadro e em tabela. ○ Identificação do tipo de alimentação (omnívoros, carnívoros, herbívoros) de alguns animais ○ Elaboração de cadeias alimentares ○ Resolução de exercícios.
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidação de conteúdos de gramática: <ul style="list-style-type: none"> ○ Loto dos pronomes: projeção de uma roleta com os pronomes; preenchimento de cartões com os pronomes selecionados.

	<ul style="list-style-type: none"> ○ A saquinha dos verbos: projeção de uma roleta com verbos; extração de frases de uma saquinha de pano que os alunos devem completar com os verbos indicados na roleta. ● Leitura, análise e compreensão do conto tradicional “A Raposa e o Sapo” <ul style="list-style-type: none"> ○ Exploração de uma caixa literária; ○ Diálogo sobre os animais de estimação; ○ Apresentação do conto com recurso a um teatro de fantoches de luva. ○ Diálogo sobre o conto; ○ Leitura silenciosa ○ Exploração e registo de ações do conto ○ Resolução de questões de interpretação. ● Compreensão da oralidade: <ul style="list-style-type: none"> ○ Reprodução áudio do conto “A gaita milagrosa” de João Pedro de Mésseder ○ Resolução de exercício de escolha múltipla sobre o conto
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> ● Unidades de medida de comprimento <ul style="list-style-type: none"> ○ Diagnóstico de conhecimentos sobre unidades de comprimento; ○ Como se media antigamente? ○ Demonstração de instrumentos de medida atuais; ○ Formulação e registo de previsões sobre comprimento/altura de animais; ○ Desenho no quadro de uma linha com 1m de comprimento com recurso a uma régua graduada ○ Medição da sala e da mesa com recurso a um metro extensível; ○ Introdução do centímetro utilizando o metro articulado; ○ Medições e conversões. ○ Resolução de exercícios;
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> ● Pintura com os dedos <ul style="list-style-type: none"> ○ Decoração de ovos da Páscoa



Figura 54: Teatro de fantoches: Raposa, Sapo e Texugo



Figura 55: Teatro de Fantoches

Refletindo sobre o decorrer desta semana, em que foram introduzidos conteúdos novos em Estudo do Meio, os animais, e em Matemática, as unidades de medida de comprimento e em que se consolidaram conteúdos gramaticais em Português, há aspetos positivos a manter e aspetos menos positivos para melhorar. Recordamos que nesta semana foi desenvolvida a primeira atividade da nossa investigação, o que aumentou a nossa responsabilidade enquanto docentes, uma vez que tínhamos que assegurar que os alunos adquirissem as aprendizagens previamente definidas e, ao mesmo tempo, recolher dados que nos permitissem desenvolver a investigação.

Os alunos mostraram interesse e empenho nas atividades e participaram sempre que tal lhes foi solicitado (há alunos mais tímidos que é necessário estimular mais para participar em atividades). A atividade da caixa literária captou particularmente a atenção dos alunos assim como o teatro de fantoches (Fig. 54 e 55).

Como aspetos menos positivos, destacamos, uma vez mais, a gestão do tempo. Apesar de a duração das atividades ter sido previamente estabelecida, nem sempre foi possível cumprir o que estava definido. Por vezes esta situação ocorre porque é necessário repetir algumas explicações de modo a assegurar as aprendizagens, principalmente quando introduzimos conteúdos novos, como aconteceu esta semana. Outras vezes os incumprimentos dos tempos definidos acontecem porque os alunos se mostram mais agitados sendo necessário chamar a atenção e manter o controlo sobre a turma o que nos faz perder minutos preciosos de aula.

Dado que nesta semana foram desenvolvidas algumas atividades menos comuns era já previsível que houvesse algum entusiasmo extra. A turma é muito interessada e motivada e gosta sempre de explorar coisas diferentes. O teatro de fantoches criou logo alguma agitação pois quando os alunos chegaram à sala já se encontrava lá o fantocheiro (devido à sua dimensão era impossível instalá-lo apenas no momento da atividade). Esta situação deixou a turma muito curiosa e na expectativa sobre o que iria ser feito na aula.

Na área do Português utilizámos uma roleta para selecionar nomes e pronomes de forma a fazer a revisão de conteúdos gramaticais de forma mais inovadora e

recorrendo às tecnologias. No entanto, as tecnologias não funcionaram como tínhamos previsto. A aplicação que ia ser utilizada- *Random Name Picker!* – por motivos que nos foram alheios, não foi aceite no computador da escola o que impediu a sua projeção para a turma. No entanto, de modo a manter a atividade e uma vez que no computador pessoal a aplicação funcionava corretamente adaptámos a estratégia. Explicámos à turma que tinha ocorrido um imprevisto e como tal íamos trabalhar de forma diferente do que estava programado. Os alunos escutavam o som da roleta sempre que algum pronome era sorteado e em voz alta era dito qual tinha sido e este era registado no quadro.



Figura 56: *Random Name Picker*

Os alunos mostraram-se muito entusiasmados e eufóricos, causando barulho dentro da sala de aula. Após várias repreensões e chamadas de atenção optámos por interromper a atividade como forma de penalização. Deste modo os alunos compreenderam que há regras para cumprir e quando isso não acontece são penalizados.

Numa aula de Matemática também ocorreu um “incidente”. Ao lecionar o metro e o decímetro, no decorrer da aula devido ao entusiasmo dos alunos solicitámos a uma aluna que medisse a mesa. Teria corrido bem se já tivesse sido abordada a questão de o metro se dividir em dez partes mais pequenas. Como tal ainda não havido sido referido esta atividade deveria ter ocorrido um pouco mais tarde e não naquele instante. Ainda assim, o resto da aula decorreu com normalidade.

2.4.3. Unidade Didática 5 - “Viagem”

A quinta unidade foi implementada nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2019. O ponto de partida para a sua elaboração foi o Bloco 3 “À Descoberta do Ambiente Natural, de Estudo do Meio, mais concretamente o conteúdo “Os aspetos físicos do meio local: os meios aquáticos”. Partindo deste ponto, interligaram-se os conteúdos das diferentes áreas curriculares de modo a estruturar todas as aprendizagens a desenvolver. Os elementos integradores escolhidos foram uma mala de cartão (Fig. 57), com a função de caixa literária, e um barco de papel como símbolo das viagens. Nesta semana demos

continuidade às atividades para a nossa investigação com base no conto tradicional moçambicano “O macaco e o cágado”.

A unidade didática encontrava-se programada para três dias letivos, correspondendo a cada um deles um percurso de ensino e aprendizagem



Figura 57: Elementos integradores: mala de viagem e barco de papel

Na tabela 15 apresentamos uma síntese dos conteúdos a lecionar nas diferentes áreas.

Tabela 15: Conteúdos e objetivos da unidade 5

Área curricular	Conteúdos/objetivos
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos físicos do meio local: os meios aquáticos <ul style="list-style-type: none"> ○ Distinguir meios aquáticos existentes na região (cursos de água, oceano, lagoa...)
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto (oral e escrito) • A fábula • O resumo • Iniciação à Educação Literária: textos da tradição popular • Conhecimento explícito da língua <ul style="list-style-type: none"> ○ Conhecer propriedades das palavras (nomes próprios e nomes comuns, pronomes pessoais, verbos e respetivas conjugações, adjetivos)
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de área <ul style="list-style-type: none"> ○ Unidades de medida de área ○ Medição de área em unidades quadradas
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte, colagem, dobragem <ul style="list-style-type: none"> ○ Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel colorido ○ Fazer composições colando papel recortado/dobrado • Pintura <ul style="list-style-type: none"> ○ Pintura de expressão livre

Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Voz <ul style="list-style-type: none"> ○ Dizer rimas e lengalengas ○ Cantar canções • Corpo <ul style="list-style-type: none"> ○ Percussão corporal, batimentos, palmas... ○ Acompanhar canções com gestos e percussão corporal • Desenvolvimento auditivo <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificar sons da natureza
--------------------------	--

De modo a compreender as atividades planificadas para esta unidade apresentamos a tabela 16 com uma síntese das atividades desenvolvidas.

Tabela 16: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 5

Área curricular	Atividades
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de uma adivinha sobre o rio • Os meios aquáticos <ul style="list-style-type: none"> ○ Apresentação de uma maquete com o curso do rio e exploração de cada um dos elementos ○ Colocação de bandeiras com a legenda de cada elemento do curso do rio ○ Identificação e distinção de outros meios aquáticos: mar/oceano, lago/lagoa, ribeiro/ribeira utilizando imagens retiradas da mala ○ Utilidades dos meios aquáticos – pesca, agricultura, produção de energia; ○ Resolução de exercícios
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura, análise e compreensão do conto tradicional “O macaco e o cágado” <ul style="list-style-type: none"> ○ Exploração de uma caixa literária; ○ Preenchimento de protocolo de registos ○ Identificação de Moçambique no mapa-múndi ○ Audição da história em modo áudio com narrador moçambicano ○ Debate sobre a pronúncia do português europeu e do português de Moçambique; ○ Leitura ○ Diálogo sobre a história ○ Exploração e registo de ações do conto ○ Resolução de questões de interpretação. ○ Trabalho de grupo após pesquisa sobre a fauna e a flora de Moçambique ○ Apresentação oral do trabalho de cada grupo • Leitura, análise e compreensão da fábula “A pomba e a formiga” • O resumo <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificação de ideias principais para elaboração de um resumo ○ Elaboração de um resumo
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades de medida de área <ul style="list-style-type: none"> ○ Composição e decomposição de figuras utilizando o tangram ○ Noção de área utilizando o tangram ○ Visualização e análise de vídeo da <i>Khan Academy</i>: “Introdução à área e aos quadrados unitários” ○ Identificação e contagem de unidades quadradas

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cálculo da área do quadrado ○ Visualização de uma interatividade da escola virtual sobre o cálculo da área do retângulo ○ Revisões sobre a noção de perímetro ○ Introdução ao metro quadrado: apresentação de um metro quadrado em papel de cenário ○ Resolução de exercícios
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> ● Construção de um tangram com recurso a dobragem e recorte de folha de papel colorido ● Montagem de uma figura escolhida por cada aluno ● Colagem de algumas figuras no metro quadrado em papel de cenário
Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> ● Audição e identificação de sons da natureza ● Leitura da lengalenga “Na praia”, popular ● Audição e reprodução oral da lengalenga “À Ribeira Mota”, popular ● Audição da cantiga popular “O mar enrola na areia” interpretada por Jorge Palma com associação de gestos e movimentos corporais.

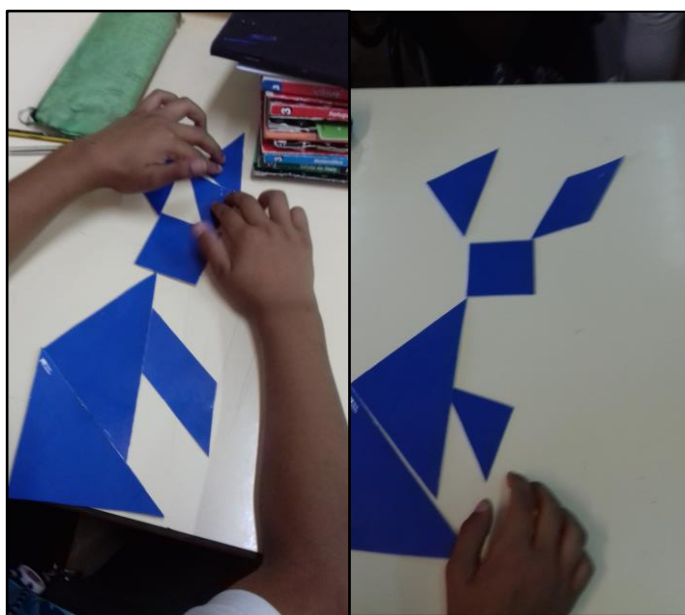


Figura 58: Exploração do tangram



Figura 59: Maquete com o curso do rio

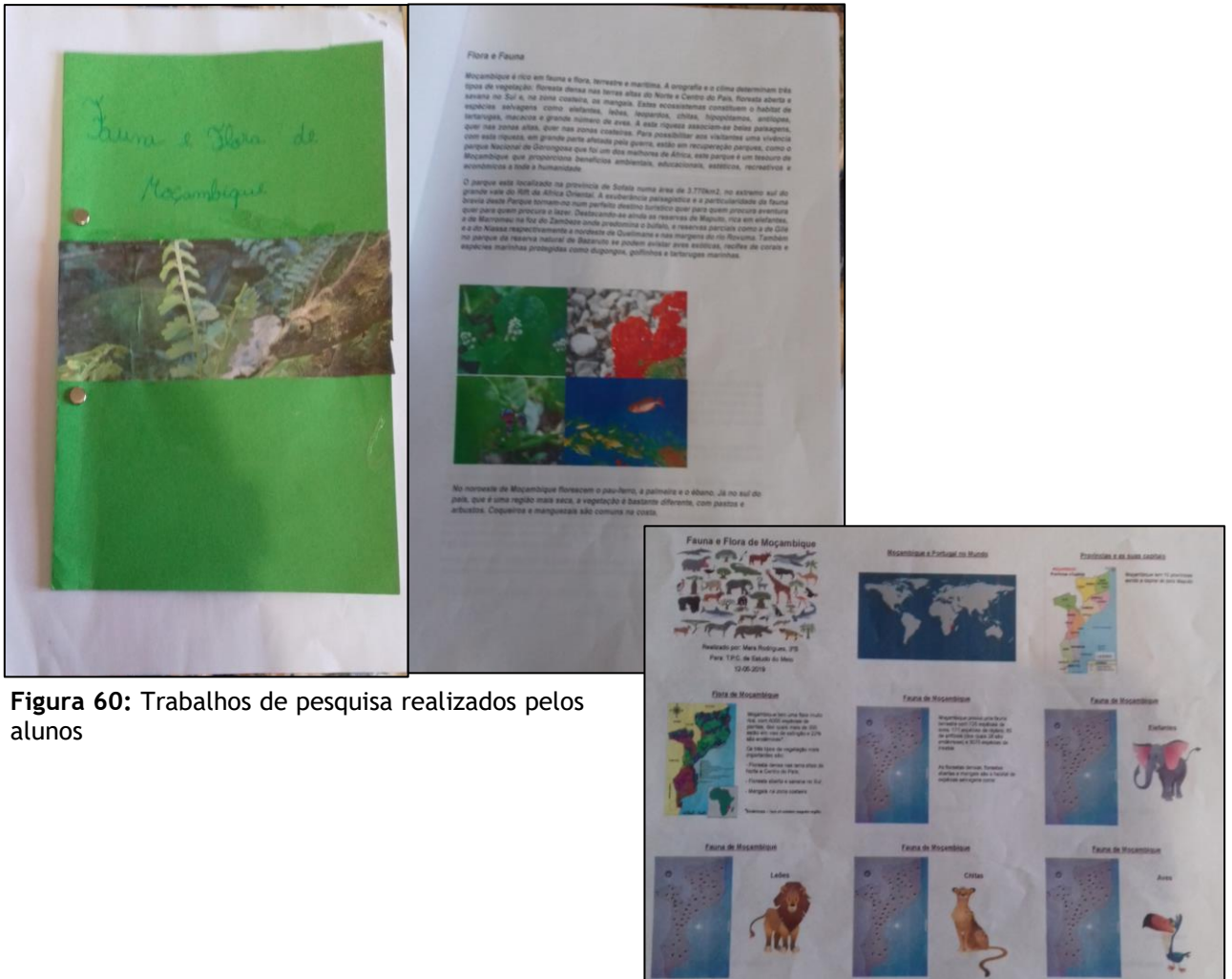


Figura 60: Trabalhos de pesquisa realizados pelos alunos

No início da semana houve necessidade de ajustar os tempos de algumas atividades. Como já referimos em unidades anteriores, por vezes surgem imprevistos que nos obrigam a fazer ajustes na planificação. Esta semana não foi exceção. A agitação da turma com o aproximar das férias e do fim do ano letivo, os diferentes ritmos de aprendizagem que nos levam a reforçar determinados conteúdos e a prolongar certas atividades para garantir o sucesso das aprendizagens de todos os alunos de maneira a que nenhum fique “perdido” sem conseguir acompanhar os colegas nas aprendizagens foram alguns dos aspetos que conduziram a que a planificação não fosse desenvolvida tal como havia sido programada.

Na área de Estudo do Meio houve necessidade de prolongar determinadas atividades pois foram introduzidos muitos conteúdos novos. A utilização da maquete (Fig. 59) mostrou-se uma boa estratégia pois os alunos puderam compreender e ver como é a estrutura real do curso do rio. Permitiu que cada conceito ficasse identificado na maquete através de pequenas bandeiras (leito, margem direita, margem esquerda, nascente, foz, etc.), que os alunos observaram ao longo da semana uma vez que a maquete esteve sempre na sala. Uma situação que nos deixou particularmente satisfeitas foi quando uma aluna veio ter connosco ao chegar à sala e nos disse, junto da maquete, que já sabia identificar as margens do rio olhando para ela. Destacamos que esta aluna se encontra sinalizada com NEE e tem, portanto, algumas dificuldades de aprendizagem. O uso da maquete motivou-a e facilitou a aquisição das aprendizagens.

Deste modo não conseguimos concluir, nesse dia, todas as atividades que tinham sido preparadas para Português, mas demos-lhe continuidade no dia seguinte e conseguimos, uma vez mais fazer as alterações necessárias para que as atividades/aprendizagens fundamentais fossem desenvolvidas.

Este tipo de situações obrigou depois a fazer pequenas alterações ao longo do resto da semana, mas foi possível concretizar a planificação.

Na área da Matemática a utilização do Tangram (Fig. 58) permitiu com sucesso explorar a noção de área. Ainda assim consideramos que o que gerou mais dificuldades aos alunos foi compreender as fórmulas para calcular a área do retângulo e do quadrado pois alguns alunos tinham propensão para misturar a noção de área e de perímetro. Escreviam corretamente as fórmulas e sabiam qual era a do perímetro e a da área mas depois, ao calcular, acabavam por misturar ambas. Deste modo foi necessário reforçar esta questão, resolvendo mais exercícios práticos.

Na atividade de construção do Tangram em papel, optámos por não dizer de imediato aos alunos o que estávamos a construir. Fomos explicando, exemplificando e por vezes auxiliando nas dobragens e recorte das peças, mas sem dizer concretamente o que era. Queríamos compreender até que ponto os alunos conseguiam identificar o que estavam a construir. Alguns alunos perceberam de imediato o que era. Outros, no entanto, ficaram muito espantados quando finalmente perceberam o resultado final. Deste modo levamo-los a descobrir o que estavam a fazer sem lhes dizer diretamente

o que era. Isto tornou a atividade mais interessante para eles pois iam descobrindo, peça a peça, que era um tangram. Como um dos elementos integradores era um barco em origami muitos pensaram, inicialmente, que seriam as dobragens para a construção do barco. Mas quando as peças começaram a ser recortadas compreenderam então tratar-se do tangram.

A caixa literária (mala de viagem) também foi uma boa estratégia pois os alunos ficam sempre na expectativa do que irá sair da caixa. Para além da área do Português a mala foi utilizada em mais atividades possibilitando assim manter o ritmo e motivação nas aulas.

2.4.4. Unidade Didática 6 - “Inventamos, criamos e aprendemos!”

A sexta unidade foi implementada nos dias 28, 29 e 30 de maio de 2019. O ponto de partida para a sua elaboração foi o Bloco 5 “À Descoberta dos Materiais e Objetos”, de Estudo do Meio, mais concretamente o conteúdo “Realizar experiências com luz.” Partindo deste ponto, interligaram-se os conteúdos das diferentes áreas curriculares de modo a estruturar todas as aprendizagens a desenvolver. O elemento integrador escolhido foi uma Máquina de fazer Palavras, sob a forma de um robot. A máquina, tal como o nome indica, permitia a formação de palavras. Tinha também uma componente áudio que fazia a ligação com todas as áreas e que, ao produzir discurso (previamente gravado) falava na 1ª. Pessoa do singular, introduzindo assim o discurso direto. Outro elemento integrador foi o livro “A máquina de fazer palavras”, de José Vaz.



Figura 61: Elemento integrador: A máquina de fazer palavras, José Vaz

A unidade didática estava programada para três dias letivos, correspondendo a cada um deles um percurso de ensino e aprendizagem.

Na tabela 17 apresentamos uma síntese dos conteúdos a lecionar nas diferentes áreas.

Tabela 17: Conteúdos e objetivos da unidade 6

Área curricular	Conteúdos/objetivos
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar experiências com luz <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificar fontes luminosas naturais e artificiais ○ Passagem da luz através de objetos transparentes ○ Jogos de luz e sombras chinesas ○ Reflexão da luz em superfícies polidas ○ Refração da luz
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de textos narrativos e informativos (instrucional) • Produção de texto narrativo e informativo (instrucional) • Conhecimento explícito da língua <ul style="list-style-type: none"> ○ Processos de formação e organização do léxico: radicais, afixos, prefixos e sufixos; família de palavras ○ Discurso direto e discurso indireto
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Medidas de capacidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Unidades de medida de capacidade do sistema métrico (múltiplos e submúltiplos) ○ Conversões ○ Medições de capacidade em unidades do sistema métrico
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho e pintura <ul style="list-style-type: none"> ○ Desenho de expressão orientada
Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem verbal e não verbal <ul style="list-style-type: none"> ○ Utilizar e explorar sombras

De modo a compreender as atividades planificadas para esta unidade apresentamos a tabela 18 com uma síntese das atividades.

Tabela 18: Atividades planificadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 6

Área curricular	Atividades
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • A luz e os objetos <ul style="list-style-type: none"> ○ Elaboração de mapa concetual sobre a importância do Sol para a vida na Terra ○ Realização de procedimentos experimentais: <ul style="list-style-type: none"> – Será que o movimento da Terra influencia a sucessão dos dias e das noites? – O que será que acontece à luz quando atravessa um meio diferente do ar? – Será que todas as superfícies polidas refletem a luz da mesma forma? – Será que todos os materiais deixam passar a luz? – Será que a sombra de um objeto muda se alterarmos a posição da fonte luminosa?
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de excertos do texto “A máquina de fazer palavras” de José Vaz (com guião de leitura) <ul style="list-style-type: none"> ○ Exploração da capa do livro ○ Leitura expressiva pela professora ○ Identificação do tipo de texto ○ Diálogo sobre a história

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Redação de texto: dar continuidade à história • Exploração do robô “Palavraluz”: regras de funcionamento <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elaboração de Famílias de palavras partindo de uma palavra base ▪ Registos no guião do aluno ▪ Formação de palavras: explicação pelo “Palavraluz” ▪ Exercícios de aplicação ○ O discurso direto <ul style="list-style-type: none"> ▪ Explicação da noção de discurso direto com referência às falas do robô durante as aulas e aos diálogos presentes nos textos. • Leitura, análise, compreensão e escrita de texto: <i>Montagem do telescópio Alfa 3000</i> <ul style="list-style-type: none"> ○ Projeção do texto e respetiva imagem; identificação do tipo de texto ○ Leitura do texto no manual do aluno; ○ Diálogo sobre o texto; resolução de questões de interpretação • Planificação, redação e revisão de texto instrucional sobre a construção de protótipo de máquina de fazer palavras e respetivo funcionamento.
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades de medida de capacidade <ul style="list-style-type: none"> ○ Observação de diferentes recipientes com diferentes capacidades <ul style="list-style-type: none"> ○ Identificação (previsão) dos recipientes que levam mais e menos líquido: ordenação do maior para o menor ○ Realização de trabalho prático: encher um balde com recipientes de diferentes capacidades; registo das previsões e dos resultados observados ○ Construção de um decilitro ○ Preenchimento de tabela com as unidades de medida de capacidade: unidade principal, múltiplos e submúltiplos ○ Resolução de exercícios de aplicação
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho de uma máquina de fazer palavras
Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo de sombras

Refletindo sobre o trabalho desenvolvido nesta semana consideramos que houve progressos mas continuamos a ter aspetos a melhorar. Em Estudo do Meio, o entusiasmo dos alunos perante os conteúdos experimentais prolongou um pouco mais a aula do que estava previsto. Em seguida estava programado lecionar a área do Português estando a área da Matemática programada para o final da manhã. No entanto, percebemos que seria mais fácil inverter a ordem e começar por trabalhar Matemática logo a seguir ao intervalo pois era necessário trabalhar com recipientes e líquidos (água) para introduzir as medidas de capacidade.

Esta mostrou-se uma boa estratégia pois conseguimos organizar a sala e os materiais no intervalo, evitando assim perder tempo de aula com a organização do espaço e dos materiais. Durante a execução dos procedimentos didáticos estabelecidos para a Matemática estava programada uma atividade que consistia em realizar

estimativas da capacidade de alguns recipientes e posteriormente comprovar se as estimativas estavam certas ou erradas. A atividade consistia em estimar a capacidade de um balde utilizando um copo, uma garrafa e um garrafão. A ideia inicial era encher o balde utilizando cada um dos recipientes. No entanto, a professora cooperante referiu que seria mais fácil, tanto a nível da gestão de tempo como da compreensão dos conteúdos se começássemos por observar com quantos copos conseguíamos encher a garrafa, quantas garrafas eram necessárias para encher o garrafão e por fim quantos garrafões seriam necessários para encher o balde.

A estratégia inicialmente pensada não era incorreta. Contudo, iria demorar o triplo do tempo e a estratégia sugerida pela professora mostrou-se mais eficaz e permitiu que os alunos compreendessem melhor a noção de capacidade.

Com o desenvolvimento desta atividade, que entusiasmou muito os alunos, ficámos com menos tempo para a área do Português e como tal foi necessário reformular a atividade. Embora estivesse programado explorar o antes, o durante e o depois da leitura, apenas foi possível executar o antes de ler. Poderíamos até ter iniciado a leitura, mas seria necessário repetir no dia seguinte. Como tal, optou-se por alargar um pouco mais a exploração da capa do livro, principalmente as palavras da capa, o que funcionou como introdução para a atividade do dia seguinte.

No segundo dia, quarta-feira, começámos por apresentar um desafio aos alunos que os fez ponderar em várias possibilidades sobre o recipiente que encheria em primeiro lugar. Poucos conseguiram alcançar a resposta correta, embora alguns o tenham conseguido. Assim, para que todos compreendessem o desafio e depois de ter sido dado tempo para a sua resolução, foi projetado um vídeo onde era mostrado de forma interativa o labirinto de recipientes a encher.

Demos continuidade às unidades de medida de capacidade e conseguimos avançar mais nos conteúdos do que estávamos à espera, pois, os alunos já conheciam as regras fundamentais sobre múltiplos e submúltiplos das unidades de medida. A utilização de uma tabela em papel de cenário (Fig. 62) idêntica à que havia sido anteriormente utilizada com as medidas de comprimento também facilitou o processo de aprendizagem.

Unidades de medida de Capacidade						
Múltiplos: (Unidades maiores que o litro)			Unidade principal	Submúltiplos: (Unidades menores que o litro)		
quilolitros	hectolitros	decalitros	litros	decilitros	centilitros	mililitros
kl	hl	dal	l	dl	cl	ml
1 kl	1 hl	1 dal	1 l	1 dl	1 cl	1 ml
1000 l	100 l	10 l	1 litro	0,1 l	0,01 l	0,001 l

Figura 62: Quadro síntese sobre as Unidades de medida de Capacidade

O ponto alto da semana foi sem dúvida a Máquina de Palavras. Os alunos mostraram interesse nos excertos da história “A Máquina de fazer Palavras” de José Vaz e compreenderam o que escutaram. Mas o robô *Palavraluz* conquistou-os. Desde a lâmpada (Fig. 63) que acendia sempre que este tinha uma ideia nova, o facto de falar (frases previamente gravadas com voz alterada), de modo a introduzir a questão do discurso direto posteriormente, até à criação de palavras.



Figura 63: Elemento integrador - Máquina de fazer Palavras

O guião de leitura e trabalho para a exploração da Máquina de Palavras mostrou-se um pouco extenso (devido às alterações efetuadas na programação do dia anterior) e como tal seleccionámos apenas alguns dos exercícios/atividades que considerámos mais importantes. Esta opção também ocorreu porque os alunos estavam excitados com o funcionamento do Robô e queriam vê-lo a criar palavras e não queriam ser eles a contruir as palavras. Deste modo, e uma vez que existiam exercícios idênticos no guião foi solicitado aos alunos que realizassem apenas alguns, possibilitando assim a exploração da máquina. Com o decorrer da aula compreendemos que utilizámos muitas palavras, principalmente nas famílias de palavras, e que poderíamos ter utilizado menos e a atividade teria igualmente sido um sucesso, mas com mais margem de manobra para serem os alunos criarem famílias de palavras.

O sucesso da Máquina de Palavras foi tal que até fora da sala se falou no assunto. Os alunos ficaram tão entusiasmados e surpreendidos que falavam no robô nos intervalos e contavam aos auxiliares como como era o seu funcionamento. Fomos até questionadas se “tinha sido a professora [estagiária] que tinha feito uma máquina que falava e tinha luz”. Um aluno quis também fazer a sua Máquina de Palavras, mas transformou-a numa máquina de seleccionar atividades/brincadeiras e trouxe para a escola para mostrar aos colegas e às professoras.

As restantes atividades decorreram de acordo com o previsto, com exceção de um procedimento experimental, previamente testado em casa, que durante a aula não correu de acordo com o esperado. Houve, portanto, necessidade de ultrapassar o imprevisto, sendo que um dos alunos já havia realizado a atividade com sucesso em Atividades de Tempos Livres (ATL) e quis explicar aos colegas o que havia observado.

Esta semana foi, sem dúvida, umas das que mais motivou os alunos. Para além das atitudes já referidas destacamos, a título de exemplo, a síntese da semana feita por um aluno no seu guião (Fig. 64), num espaço livre. Era um espaço deles, em que podiam escrever, desenhar, fazer perguntas e sugestões de atividades.

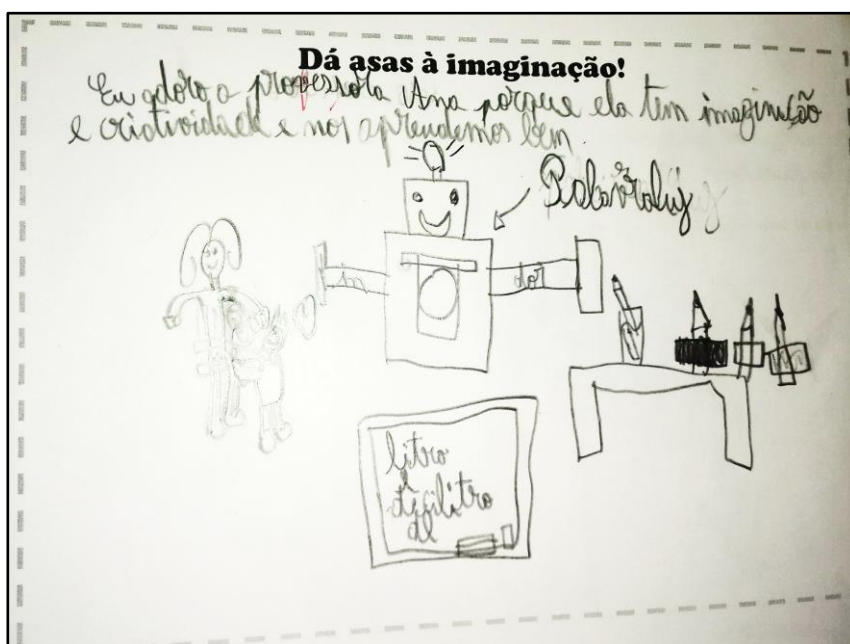


Figura 64: Síntese da UD presente num guião do aluno

Podemos observar que o aluno desenhou o robô, registou o nome que lhe atribuímos – *Palavraluz*, fez referência aos procedimentos experimentais e às unidades de medida de capacidade. Através do seu comentário, é visível a relação criada entre a estagiária e alunos. Escolhemos este porque, deixou várias evidências do trabalho desenvolvido.

2.4.5. Unidade Didática 8 - “Viagem à Floresta Tropical”

A oitava unidade foi implementada nos dias 18 e 19 de junho de 2019. O ponto de partida para a sua elaboração foram o Bloco 3 “À descoberta do Ambiente Natural” e o Bloco 6 “À Descoberta do ambiente natural e das interrelações entre a Natureza e a Sociedade”, de Estudo do Meio, interligando animais e plantas com o turismo e as florestas.

O elemento integrador escolhido foi, uma vez mais, a mala de viagem de cartão, enquanto símbolo das viagens que podemos fazer para diferentes pontos do mundo.

Neste caso o objetivo era viajar até à floresta tropical no Brasil e até Moçambique, país africano, partindo de Portugal. A escolha destes pontos do planeta não é aleatória pois tratam-se dos países de origem dos três contos tradicionais com animais de países lusófonos, integrados na investigação. Nesta UD desenvolveu-se a última atividade da nossa investigação e por isso mesmo optámos por reutilizar o elemento integrador da atividade anterior como forma de dar continuidade e coerência à investigação.

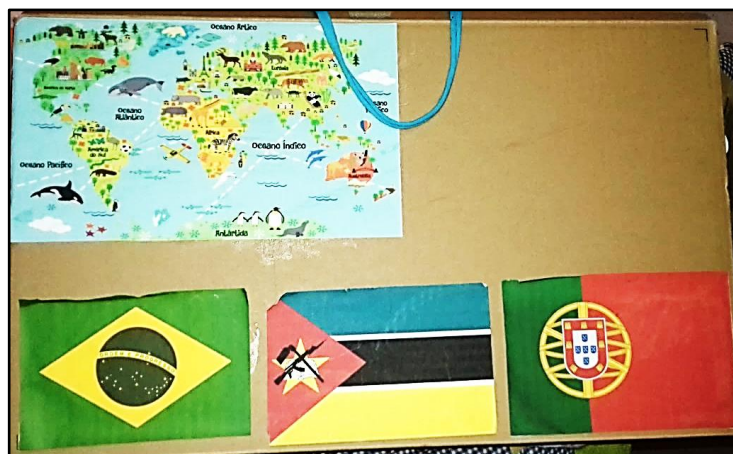


Figura 65: Mala de viagem - elemento integrador

A unidade didática estava programada para dois dias letivos, correspondendo a cada um deles um percurso de ensino e aprendizagem, sendo o dia 19 de junho inteiramente dedicado a uma visita de estudo ao Oceanário de Lisboa.

Na tabela 19 apresentamos uma síntese dos conteúdos a lecionar nas diferentes áreas.

Tabela 19: Conteúdos e objetivos a desenvolver na Unidade 8

Área curricular	Conteúdos/objetivos
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer tradições e costumes de outros povos • Outras culturas da sua comunidade • Os seres vivos do ambiente próximo • Os seus itinerários • Deslocações dos seres vivos (pessoas e animais – migrações) • Meios de comunicação • Exploração florestal • Turismo
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de texto narrativos e da tradição popular
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Itinerários e direções • Medir o tempo: unidades de medida de tempo; calendários e horários.

De modo a compreender as atividades planejadas para esta unidade apresentamos a tabela 20 com uma síntese das atividades.

Tabela 20: Atividades planejadas para os conteúdos a trabalhar na Unidade 8

Área curricular	Atividades
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração da capa do livro “Contos de animais de todo o mundo” de Naomi Adler • Identificação do Brasil no mapa-múndi • Identificação de animais da capa do livro e respetivo habitat • Leitura de excerto do conto • Diálogo sobre a história • Resolução de questões de interpretação sobre a história- guião de leitura
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de fauna e flora brasileira em apresentação PowerPoint • Visita de estudo ao Oceanário
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração de itinerário e meios de transporte • Diálogo sobre o que é um calendário e um horário e quais as suas funções

Refletindo sobre tudo o que foi feito nesta unidade didática, a última a ser implementada, coincidindo assim com o final do ano letivo, consideramos que não foi a UD que teve melhores resultados no seu todo. Não queremos com isto dizer que correu mal ou que os alunos não adquiriram as aprendizagens desejadas. Contudo, a euforia dos alunos, assim como o seu desgaste, impediu que estes dessem o melhor de si, estando menos motivados que o habitual para a realização de algumas atividades.

Esta UD, tal como já referimos, foi programada apenas para dois dias. O primeiro dedicado à investigação e o segundo destinado à realização de uma visita de estudo ao Oceanário. Nesta semana tentámos trabalhar de forma um pouco diferente. Por norma, trabalhávamos cada área individualmente com elos de ligação entre si. No entanto, como o tempo era menos que o habitual e era necessário ainda desenvolver uma atividade de investigação trabalhámos as áreas curriculares como um todo não distinguindo de que área era cada uma das atividades.

No primeiro dia, começámos por desenvolver as atividades da investigação que correspondiam à área do Português mas o conto selecionado, *Magia na floresta Tropical*, possibilitou trabalhar em simultâneo a área de Estudo do Meio. Assim, explorámos as características do texto e os comportamentos dos animais. Abordámos a fauna e flora do Brasil, de onde o conto era originário, estabelecendo comparações com a fauna e flora portuguesa e moçambicana (de onde eram originários os outros dois contos da nossa investigação).

Conversámos sobre a língua falada nos três países, o português, que sendo comum tem características próprias em cada país. Identificámos diferenças e semelhanças.

A atenção dos alunos foi captada devido ao tema das viagens e à ligação com os contos anteriores, possível com recurso a um elemento integrador que já conheciam – a mala de viagem – e que continuaram a explorar.

O facto de a aula ter sido gravada interferiu um pouco no comportamento dos alunos. Se para nós, enquanto investigadoras, esta forma de recolha de dados foi uma mais valia, para a aula em si acabou por ser um aspeto menos positivo. Os alunos que nas últimas semanas já se mostravam agitados com o aproximar das férias, mostraram-se ainda mais agitados e menos concentrados com a presença da câmara de vídeo.

O dia da visita de estudo foi muito proveitoso para os alunos que descobriram o mundo fora do seu meio habitual e para nós que observámos e vivenciámos a forma como os alunos descobrem o mundo, como se comportam face ao desconhecido em ambientes de aprendizagem diferentes e como nós, professores, lidamos com essa descoberta. Ficámos muito satisfeitas ao perceber que afinal os alunos não estavam tão desatentos no dia anterior como fizeram transparecer. Durante a visita ao Oceanário fizeram questões relacionadas com a floresta tropical estabelecendo relação entre o que viam e o que haviam estudado e aprendido ao longo das semanas da investigação.



Figura 66: Viagem de comboio

Para a maioria dos alunos foi dia de entusiasmo, brincadeira e descoberta. Para muitos foi a primeira viagem de comboio (Fig. 66), a primeira ida a Lisboa, a primeira visita ao Oceanário (Fig. 67). Houve crianças com medo de andar de comboio por ser algo desconhecido e que tivemos que ajudar a ultrapassar todos os receios e a viver a experiência em pleno. Algumas crianças nunca tinham viajado para longe sem os pais e isso foi assustador para elas. Como tal, foi necessário transmitir-lhes segurança e atenção, dar-lhes a mão na rua e estar sempre disponível para alguma insegurança que surgisse.

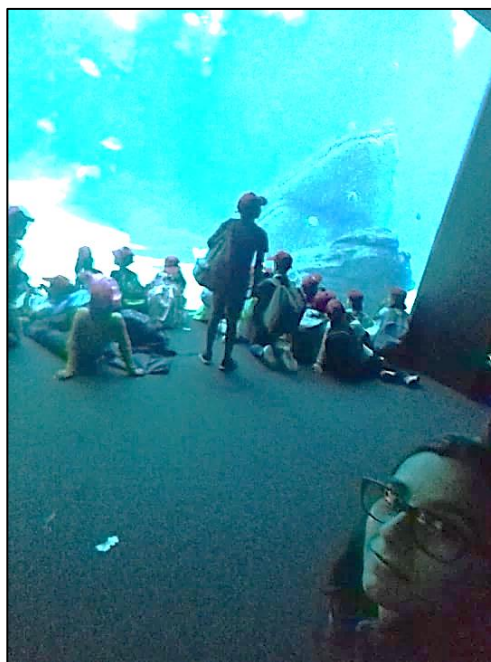


Figura 67: Observação de um aquário no interior do Oceanário

Recordamos uma criança em particular. Estava fascinada com a visita ao Oceanário. Queria ver, descobrir. Mas tinha medo. Via de longe porque receava que os seres marinhos saíssem dos aquários. Perguntava se o vidro não se ia partir. Não partiu. Regressou a casa feliz, com fotografias para mostrar aos pais e com vontade de descobrir mais.

2.5. Reflexão geral sobre a Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ao longo dos meses de estágio tivemos oportunidade de acompanhar a professora cooperante e os alunos em todas as atividades que envolvem uma turma de 1.º Ciclo. Foi com muito prazer que acompanhámos a turma. As oportunidades de aprendizagem foram muitas. Não só pela possibilidade de observar a forma de trabalhar da professora cooperante, possibilidade essa que foi mais prolongada devido à desistência do meu par pedagógico, mas principalmente pelo contacto direto com a turma.

Quando iniciámos o curso existiam muitas dúvidas relativamente às capacidades para estar frente a frente com uma turma de 1.º ciclo.

Demos o melhor de nós a estes alunos mas também recebemos imenso. Há muitas competências fundamentais para se ser professor e acreditamos que continuamos a ter muito para aprender. Ser professor é uma aprendizagem contínua.

Cada turma é diferente e cada aluno tem características próprias. Como tal, é necessário adequar o processo de ensino e aprendizagem à turma que orientamos. Como já referimos, cada aluno é diferente e o que até pode funcionar para uma turma

inteira pode não ser o mais adequado para apenas um aluno e nesse tipo de situação não podemos simplesmente ensinar a turma e “esquecer” o referido aluno que não aprende da mesma forma.

Todas as crianças têm capacidade de aprender, mas nem todas têm o mesmo ritmo de aprendizagem nem os mesmos interesses. Assim sendo, é necessário encontrar uma forma de chegar a esses alunos que, por questões várias precisam de apoio/acompanhamento diferenciado. Todos têm o direito de aprender, no seu ritmo, e de acordo com as suas próprias necessidades. Como refere Santos (2013):

“(…) na perspectiva de uma escola de todos e para todos em que o processo educativo assenta na diferenciação pedagógica inclusiva, destaca-se a tarefa de encontrar estratégias oportunas e adequadas à realidade dos alunos. Os professores como protagonistas no desenvolvimento do processo educativo terão, portanto, de procurar as estratégias e metodologias diferenciadas mais adequadas à interação entre todos os elementos do grupo turma. (p.19)”

Nem sempre foi fácil conseguir este propósito, mas tentámos sempre dar atenção a todos os alunos, de acordo com as suas necessidades. Por vezes, esse apoio não tem que ver propriamente com a forma de ensinar. Em determinadas situações basta um pouco mais de afeto para que o aluno tenha interesse em aprender e se sinta integrado na turma.

Outro obstáculo com que nos deparámos foram as questões de indisciplina. Durante estes meses de estágio compreendemos que é possível exercer autoridade não desleixando a questão dos afetos pois uma boa relação com a turma é fundamental para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Nos últimos dias do estágio, a questão da autoridade foi mais difícil pois os alunos mostravam-se já cansados e ansiosos pelas férias, o que tornava mais complicada a gestão da disciplina dentro da sala mas a vida docente é feita de obstáculos que é necessário ultrapassar.

Embora nem sempre tenha sido a nossa preferência trabalhar com o 1.º ciclo, esta experiência fez-nos perceber que este pode ser o caminho. É uma realidade diferente, mas tudo o que foi feito durante estes meses, a forma como nos dedicámos a estes alunos, tentando sempre fazer o melhor que sabíamos, por vezes com algum esforço pessoal, o carinho com que sempre fomos tratadas pela professora cooperante, pelos alunos, pelos restantes professores e funcionários da escola abriu-nos horizontes e fez-nos ganhar confiança e interesse por esta profissão.

Não sabemos o que o futuro nos reserva, mas esperamos poder colocar em prática tudo o que aprendemos, estudando sempre mais ao longo do nosso percurso e fazendo sempre o melhor que sabemos e o que for melhor para as crianças com que tivermos o prazer de trabalhar.

Capítulo V- Investigação: enquadramento teórico

1. Justificação e contextualização do tema

O presente estudo surge porque vivemos numa sociedade cada vez mais multicultural. Portugal foi desde sempre ponto de partida e chegada de e para outros pontos do mundo, continuando esta situação bastante atual. Existem, apesar de tudo, ainda muitas questões a consolidar na sociedade portuguesa (e noutras também mas centrar-nos-emos na portuguesa) relativamente a este encontro de culturas. Apesar de convivermos, diariamente, com culturas diversas, continuam a existir muitas diferenças a nível cultural nem sempre aceites pela cultura predominante. Quando referimos diferenças culturais, estas podem ser étnicas, de género, orientação sexual, religiosa, entre outras. Sejam quais forem as diferenças não podemos deixar de observar que há também muitas semelhanças.

É nestas diferenças e semelhanças que nos centramos para abordar com crianças do 1.º ciclo a questão da interculturalidade. Sendo a sociedade cada vez mais multicultural, é óbvio que as escolas sejam também elas, cada vez mais, multiculturais. Não nos basta, no entanto, ter escolas multiculturais. É preciso que para além de multiculturais se tornem interculturais.

Foram estes aspetos que tentámos desenvolver e para tal partimos da leitura e análise de contos tradicionais com animais de países lusófonos. Podíamos ter utilizado outros contos, no entanto, deu-se preferência aos contos de animais, uma vez que as crianças facilmente aderem emotivamente à presença destas personagens nos contos e, por outro lado, porque sendo diferente a fauna de países como Portugal, Moçambique ou Brasil, encontramos personagens animais que nos remetem para contextos culturais e naturais diversificados.

Convém destacar que uma vez motivadas para a leitura de contos (ou qualquer outro género literário), as crianças aumentam os seus conhecimentos sobre qualquer cultura, o que permite a desconstrução de muitos preconceitos vividos no quotidiano.

2. Questões - problema e objetivos do estudo

No presente estudo pretendemos responder às seguintes questões-problema:

- Os contos tradicionais com animais de culturas lusófonas promovem aprendizagens interculturais em alunos do 1.º CEB?
- Os contos tradicionais com animais são motivadores para a aprendizagem dos alunos do 1.º CEB?

Relativamente aos objetivos gerais deste estudo pretende-se compreender e analisar a forma como os contos tradicionais com animais de países lusófonos contribuem para a aquisição de aprendizagens interculturais em crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Deste modo, pretende-se que as crianças problematizem algumas situações presentes nesses contos compreendendo a importância do respeito pelo outro e pela sua cultura. Pretende-se ainda que as crianças contactem com a realidade e a riqueza cultural presente nos contos tradicionais de diversos países de língua portuguesa.

Assim sendo, este trabalho rege-se pelos seguintes objetivos específicos:

- Promover a sensibilidade à diversidade cultural em alunos do 1.º CEB através de contos tradicionais;
- Descrever a influência dos contos de animais dos países lusófonos em aprendizagens interculturais em alunos do 1.º CEB;
- Analisar a importância dos contos de animais para a motivação na aprendizagem dos alunos do 1.º CEB;
- Desenvolver atitudes de respeito pelo Outro em alunos do 1.º CEB;
- Desenvolver atitudes de respeito pelo meio ambiente em alunos do 1.º CEB;

3. Fundamentação teórica da pesquisa

3.1. A literatura tradicional

“Todos os povos sempre contaram histórias, desde os mais remotos tempos. Quando ainda não havia escrita, havia a palavra. E havia a memória. E as histórias eram guardadas como verdadeiros presentes, relicários feitos de ar, lembranças, emoções; objetos para encantar o outro, seduzir o outro, ensinar o outro, abrandar o outro, comprometer o outro com o seu passado, sua gente, seu tempo.” (Sisto, 2010 p. 11).

No decorrer desta investigação abordaremos textos de carácter tradicional e como tal convém, antes de mais, definir o que é literatura tradicional, sempre aliada ao conceito de literatura infantil. Verifica-se, como poderemos comprovar, que nem todos os autores utilizam a mesma designação para o mesmo tipo de textos.

A literatura infantil, assim como qualquer outra obra literária, apresenta estratégias que permitem ao leitor identificar-se com a mesma. O texto exhibe elementos de identificação cujo objetivo é estabelecer uma identidade com o sujeito, criando assim laços para a sua constituição. As estratégias para concretizar identificação com o leitor levam à consideração de determinados conceitos e padrões em detrimento de outros, proporcionados pelo texto apresentado ao leitor (Silva, Araújo e Piassi, 2014).

De acordo com Bastos (1999), a literatura tradicional é uma produção de origem indeterminada e perdida no tempo. A sua reprodução coletiva transmite-se, essencialmente, por via da oralidade e tem perdurado ao longo dos séculos.

Por exemplo, Ribeiro (2007) menciona que a *literatura tradicional de transmissão oral* é transmitida pelo povo, ao longo das gerações, desenvolvendo-se de forma

anónima, passando de boca em boca e sendo transformada e atualizada de acordo com as necessidades da sociedade. Os temas que a compõem são do interesse do povo e adequam-se às suas necessidades.

Já Balça e Pires (2013) referem que a literatura tradicional existe devido a uma criação coletiva indeterminada tanto ao nível do tempo como dos autores. Acrescentam que muitos dos textos que têm circulado ao longo de vários séculos, principalmente através do suporte oral, foram-se constituindo ao longo do tempo como histórias para crianças, a partir dos finais do século XVII. Inicialmente isto ocorria de forma pouco assumida, por parte dos contadores e adaptadores. No entanto, sobretudo a partir do século XIX, os textos de suporte oral foram progressiva e intencionalmente dirigidos a crianças. Deste modo, as autoras defendem que nos últimos anos os conceitos de literatura tradicional e de literatura infantil têm surgido, frequentemente, associados.

Os vários autores referidos apresentam, assim, conceitos próximos de literatura tradicional.

A forma como este género de textos é visto pela sociedade também tem vindo a sofrer mudanças ao longo dos anos. Como é referido por Sol (2009) a literatura oral está inserida numa tradição secular rica mas que durante muitos anos foi desprezada pelo meio académico ocidental. Segundo a autora, isto deve-se, parcialmente, à analogia, nem sempre correta, entre a literatura oral e as suas raízes populares. Esta analogia menos correta aumentou o mito “da subalternação da oralidade em relação à escrita”. No entanto, em anos mais recentes, estes textos têm sido vistos através de uma perspetiva que contrasta com a anterior uma vez que “substitui as noções de vulgaridade e inferioridade associadas à cultura popular pelas noções de autenticidade e de diversidade”, (Sol, 2009). Um aspeto prático que dá ênfase a esta questão é a elevação da tradição oral a património pela UNESCO, em 2001, nas reuniões de Turim e Elche, sob inspiração do então secretário-geral da UNESCO, Koichirō Matsuura.

A literatura tradicional integra formas narrativas como lendas, fábulas e contos e ainda formas líricas como as canções populares, as rimas e os provérbios. Para o caso em estudo interessa-nos compreender o funcionamento dos contos, que analisamos em seguida.

3.2. Os contos tradicionais

Para entender o que são contos socorremo-nos de vários autores, de modo a melhor compreender de que se trata.

De acordo com Traça (1992), o conto é um veículo transmissor de conhecimentos; é uma “palavra” cujo fio não deve ser quebrado ao passar de geração em geração, sob pena de pôr em perigo a coesão social e a sobrevivência do grupo, pois o ouvinte ou leitor encontra nas personagens imaginárias que povoam a narrativa, personagens e situações reais com que se depara no dia-a-dia.

No entender de Moreira (2006), “o conto tradicional encerra o saber natural do povo, fruto de conhecimentos depurados ao longo dos tempos, diretamente transformados em cultura”. Para este autor, o conto tradicional engloba a alma popular, os valores de um povo, a sua experiência, “a ordem original do mundo, a dimensão ética no sentido da correção do mundo para uma convivência que não há”.

No seu recente *Dicionário de Estudos Narrativos*, Carlos Reis (2018) refere que o conto é um género narrativo com tradição histórica e cultural, com raízes nos espaços rurais em que a dimensão da oralidade estava muito presente. É um relato breve cuja narração consiste numa ação simples com poucas personagens e que decorre num curto período temporal. Pode, por vezes, ter uma função moralizadora. Devido às características materiais do conto, as personagens não podem ser muito problemáticas e não existem intrigas secundárias. Estas características e o facto de a história ser breve permitem que a atenção do leitor seja rapidamente captada.

De uma forma geral podemos afirmar que os autores referidos defendem todos a mesma perspetiva, ainda que com maior ou menor detalhe. Podemos concluir esta breve apresentação sobre a definição de contos tradicionais através das palavras de Balça e Azevedo (2015) quando referem que “os contos tradicionais integram a cultura e o imaginário dos povos e acompanham-nos ao longo da sua existência”.

Para Bettelheim (2003), os contos transmitem ensinamentos pois utilizam uma linguagem simbólica que não perturba as crianças. As aprendizagens adquiridas envolvem conflitos vividos pelo sujeito, ao nível do seu inconsciente.

No que diz respeito à classificação dos contos, Bastos (1999) apresenta uma classificação criada originalmente por Michellle Simonse (1984) e posteriormente adaptada por Sylvie Loiseau (1992). Assim, os contos podem ser classificados como contos maravilhosos, contos de animais, contos etiológicos, contos faceciosos, contos morais ou filosóficos, contos acumulativos ou de repetição e contos de mentira.

Mais recentemente, e referindo-se exclusivamente aos contos portugueses, surgiu um trabalho mais completo e rigoroso no que concerne à classificação dos contos tradicionais portugueses, criada por Isabel Cardigos e referida por Balça e Pires (2013). De acordo com esta classificação, de 2006, os contos podem ser de animais, de magia, religiosos, realistas, contos do ogre estúpido (gigante, demónio), anedotas e contos jocosos, contos de fórmula e ainda “contos encontrados em catálogos com diferentes critérios de classificação”.

Para o nosso estudo interessam-nos os contos de animais, que colocam os animais em cena como únicos protagonistas ou como principais protagonistas.

3.2.1. Os contos tradicionais com animais

Tal como já foi referido, os animais sempre exerceram grande impacto perante as crianças, cativando-as desde tenra idade. Como destaca Bastos (1999), as histórias de animais são uma das vertentes mais produtivas da literatura para a infância pois as suas personagens encarnam, em simultâneo, características humanas e qualidades próprias à condição de animal e, como tal, as histórias com animais falantes suscitam forte adesão perante as crianças.

Neste sentido, já Bettelheim (2003) referia a forte ligação que os mais jovens estabelecem com o mundo animal, criando relações de proximidade e empatia. Segundo ele, é natural que a criança espere que o animal fale de coisas que sejam realmente significativas para ela, do mesmo modo que fala com os seus animais reais ou brinquedos. A criança está convencida de que o animal compreende e sente como ela, apesar de não o mostrar abertamente.

Há animais que, pela sua simbologia, surgem de forma mais recorrente e sistemática como é o caso da raposa, do rato ou do leão. A atração pelo mundo animal, pela sua diversidade e riqueza, assim como a ligação secular entre o Homem e a Natureza explicam a consistência em torno de determinadas espécies (Ramos, 2005). Destaca-se, porém, que de país para país, os animais que surgem podem não ser exatamente os mesmos, pois há países cuja fauna é muito particular. As características dos próprios contos podem ser alusivas ao país de origem, não querendo isto dizer que não existam elementos comuns entre culturas.

Na cultura africana, como indica Pereira (2011), são comuns histórias que envolvam pequenos animais arditos, como é o caso da lebre, do sapo, da aranha, ou da tartaruga. O mesmo autor refere ainda que, em Moçambique, o leão simboliza a prepotência e o cágado representa a inteligência, a esperteza e a sabedoria. Em Portugal e no Brasil, o macaco surge como uma personagem divertida, imitação do Homem. Aqui temos um exemplo concreto de como os animais que surgem nos contos tradicionais de cada país não pertencem necessariamente à fauna autóctone. É o caso do macaco nos contos da tradição portuguesa.

Os contos tradicionais integram a cultura dos povos e, não descurando outras culturas, os países lusófonos são muito ricos no que aos contos diz respeito.

3.2.2. Os contos tradicionais com animais nos países lusófonos

Antes de prosseguir, convém referir o que são países lusófonos. Assim sendo, a “lusofonia” é o conjunto de países e de povos cuja língua materna oficial, é o português. De acordo com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP, 2008) “A “lusofonia” também pode ser interpretada como um sentimento, como uma alma, como um desejo de viver em conjunto, partilhando um passado comum” (p. 2). O mesmo

documento refere ainda que há posições opostas no que se refere à lusofonia, uma vez que abrange territórios não incluídos na CPLP e que no espaço da CPLP há comunidades/populações que não falam a Língua Portuguesa nem são de cultura lusófona. Conforme refere Balça (2015), o espaço da lusofonia, fruto da Expansão Portuguesa, encontra-se distribuído pelas mais diversas regiões do mundo, mais presente numas que noutras.

Recordamos que os países integrantes da CPLP são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Para o nosso estudo vamos seguir a premissa de que a lusofonia, e como tal os países lusófonos, são países em que se fala a língua portuguesa, ainda que com as particularidades decorrentes da influência cultural e local. Ao longo do trabalho abordaremos um conto português, um brasileiro e um moçambicano.

Moreira (2006), referindo-se concretamente ao conto tradicional português, refere que, embora tenha características e potencialidades inerentes ao conto tradicional, vai mais longe e promove a identidade cultural, mostra, especificamente, o modo de ser português, proporcionando reflexão e fazendo ligação entre o passado e o presente e entre o presente e o futuro.

Sisto (2010) generaliza em relação aos contos africanos, não apenas aos lusófonos, explicando que os contos populares africanos podem ser vistos de várias formas. Por um lado, como sobrevivências nativas ou reincidências nacionais ou reconquistas míticas. Em relação à história narrada referem-se aos animais, ao quotidiano e à espiritualidade. No que se refere à origem espacial da história esta pode decorrer na savana, na estepe, na floresta, no deserto, em vales ou zonas montanhosas. Relativamente às personagens também elas podem ser de diferentes zonas ou posições hierárquicas ou socioeconómicas.

Quanto à finalidade do relato/conto/narração da história esta é também, à semelhança do que acontece nos contos portugueses, para manter as origens e identidades, recuperar trajetos históricos, reforçar a cultura material e servir de resistência ou modelo de conduta (Sisto, 2010).

O mesmo autor (2010) reforça ainda que as histórias orais revelam a expressão cultural dos povos, a sobrevivência de tradições desaparecidas e sabedorias antigas, reflexos das sociedades tradicionais, a forma como ensinam e transmitem valores ao grupo assim como formas de expressar problemas psicológicos.

Quanto à cultura popular brasileira, tem origem em diversas culturas regionais, nascidas a partir de tradições europeias, africanas e indígenas, espalhadas e misturadas por todo o Brasil. No entanto, também deve a sua cultura às influências de Portugal, África, outros países da Europa e até da Ásia (Azevedo, 2008). Esta mesma ideia é reforçada por Sales (2014) quando diz:

“A literatura tradicional brasileira se compõe de três etnias – branca, negra e indígena – para formar a memória que se estende desde as sociedades pré-colombianas até o uso do povo atual. Aborígenes, portugueses e africanos possuíam cada um seu folclore, mitos e lendas que se adaptaram umas às outras e se aclimataram neste solo, utilizando elementos locais. (p.21)

Todos estes estudos permitem compreender que os contos tradicionais, ou populares são muito próprios da região onde os encontramos mas isso não invalida que não tenham sofrido, ao longo dos tempos, influências de outros povos ou culturas.

Veremos mais à frente de que forma estes contos podem relacionar-se com a noção de interculturalidade.

3.3. Diversidade cultural: uma sociedade multicultural e/ou intercultural?

A diversidade ultrapassa em muito a localização geográfica de cada um dos países. Há imensas questões que conduzem à diversidade, seja pela língua falada ou pela cultura de cada povo ou grupo étnico. Há um sem fim de fatores que criam a diversidade. Mas isso não é, nem pode ser, fator de discriminação ou algo negativo. Há imensas potencialidades na diversidade e, uma imensa riqueza cultural por descobrir.

Na *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* a cultura é definida como:

“(…) o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2001).

Ao conceito de cultura surgem associados os termos “intercultural” e “multicultural”, algumas vezes usados como sinónimos, mas existindo na realidade diferenças entre eles. Na Europa dá-se preferência ao termo intercultural enquanto que, especialmente nos Estados Unidos da América, Austrália e Ásia predomina o uso do termo multicultural. Ainda assim, mesmo entre países da Europa por vezes, há diferenças no seu uso (Holm & Zilliacus, 2009). Assim, ainda que interligados convém distinguir ambos.

Cortesão e Pacheco (1991) definem “multicultural” como sendo “uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio e da procura de compreensão das suas especificidades” (p.32), enquanto que “intercultural” é um percurso “em que a criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo” (p.32).

Em Portugal, a Resolução da Assembleia da República n.º 10-A/2007, de acordo com a UNESCO (2005) define “interculturalidade” como a existência e interação

equitativa de diversas culturas, assim como a possibilidade de geração de expressões culturais compartilhadas através do diálogo e respeito mútuo.

Vejamos um esquema elaborado por Romero (2003), que apresenta os conceitos de interculturalidade e multiculturalidade:

Proposta de Termos e Conceitos

Plano factual ou dos factos O QUE É	MULTICULTURALIDADE = Diversidade cultural (linguística, religiosa)	INTERCULTURALIDADE = Relações interétnicas (interlinguísticas, inter-religiosas)
Plano normativo ou das Propostas sociopolíticas e éticas O QUE DEVERIA SER	MULTICULTURALISMO Reconhecimento da diferença 1. Princípio da igualdade 2. Princípio da diferença	INTERCULTURALISMO Convivência na diversidade 1. Princípio da Igualdade 2. Princípio da diferença 3. Princípio da Interação positiva
	Modalidade 1	Modalidade 2
	PLURALISMO CULTURAL	

Morgado e Pires (2010) acentuam que com um mundo mais globalizado, os contactos com as civilizações cresceram e acentuou-se a tomada de consciência das diferenças e semelhanças entre culturas, assim como as animosidades e resistências.

Como bem sabemos, a sociedade atual encontra-se cada vez mais globalizada principalmente devido aos constantes movimentos migratórios. A grande circulação de pessoas conduziu ao contacto frequente entre culturas, ou seja, vivemos numa sociedade multicultural. Isso não significa, porém, que exista uma sociedade intercultural.

Para se poder falar de uma sociedade intercultural, tem que existir interação, conhecimento e aceitação entre diferentes culturas (Holm & Zilliacus, 2009, Romero, 2003, 2010). Algo que nem sempre acontece. Como tal, é fundamental incentivar a comunicação e o diálogo intercultural.

Rodrigo (2000) refere que só é possível a evolução de uma cultura através do contacto com outras culturas mas que este contacto pode ter características muito diversas. O autor define os principais tópicos a ter em atenção para uma comunicação intercultural eficaz: uma língua comum, o conhecimento da outra cultura, o reconhecimento da própria cultura, a ausência de preconceitos, a capacidade de empatizar, saber meta comunicar-se (passar uma mensagem de modo a que esta possa ser interpretada) e ter uma relação equilibrada. Refere ainda que os maiores obstáculos para esta comunicação são a ignorância, a generalização excessiva, o sobredimensionar as diferenças e universalizar partindo de si próprio.

O nosso trabalho prático pretende dar um pequeno contributo para ultrapassar esses obstáculos junto de um grupo de crianças do 1.º Ciclo.

3.3.1. Educação intercultural

Como já enunciámos, a sociedade encontra-se cada vez mais globalizada em função dos movimentos migratórios conduzindo assim à interação de culturas, línguas, religiões e costumes. As escolas, enquanto reflexo da sociedade, são também um lugar de encontro de culturas.

Como refere Martins (2002), a educação intercultural (e multicultural) é um fenómeno social e político que assenta em vários fatores que surgiram nas últimas décadas e que originaram exigências educativas a que as escolas não podem ser indiferentes. Perotti (2003) reforça esta ideia ao referir que “Foi por causa da sua capacidade para enfrentar estes desafios que a educação intercultural foi solicitada a dar o seu contributo ao nível dos conceitos e das práticas educativas como parte integrante da educação para os direitos humanos e da educação contra a intolerância e o racismo (p.20)”.

Morgado & Pires (2010) entendem que a educação intercultural se encontra configurada como um espaço de formação para acolher a diversidade num ambiente cada vez mais diversificado devido à globalização e mundialização económicas. Assim é determinante gerir a diferença. Esta gestão, para as autoras, é entendida como:

“(...) promover a igualdade entre, e a integração de, pessoas tendo em conta as suas diferenças étnico-raciais, de classe social, de género, de opção de identidade sexual, de educação, de valores, ou outras, num mesmo território e em presença de uma cultura dominante e de atitudes culturais hegemónicas que estabeleçam e perpetuam relações de e que negam a certos grupos os seus próprios recursos simbólicos” (p.62).

As autoras acrescentam ainda, citando Oullet (1991), que uma educação intercultural é uma formação sistemática que visa desenvolver, em grupos majoritários e minoritários, atitudes, comportamentos e competências de compreensão de outras culturas e maior interação comunicativa e social, criando assim identidades e sentido de pertença comum à humanidade.

Assim sendo, torna-se essencial que as escolas consigam dar resposta a estas questões. Araújo (2005) indica que a interculturalidade na educação possibilita o fortalecimento da identidade cultural de diferentes sujeitos sociais, permite o diálogo entre eles, incentiva ao respeito e à convivência entre grupos étnicos distintos e tenta dinamizar relações não só entre as famílias como também entre a comunidade e a escola. De acordo com a autora, a educação intercultural enquanto ação educativa e prática pedagógica tem em consideração a pluralidade cultural dos alunos. Assim, deve preocupar-se com a coexistência entre culturas, relacionando-se com uma pedagogia do encontro entre a diversidade cultural. Silva & Rebolo (2017) acentuam que a educação é fundamental para que exista uma mudança na sociedade, para que se

discutam as diferenças culturais, tendo em atenção a legitimidade de todas as culturas. Na escola deve, portanto, haver espaço para discutir temas que envolvam questões e temas interculturais pois é sabido que as diferenças geram tensões e conflitos.

Peres (2001) defende, já há quase duas décadas, que se deve desenvolver uma nova conceção de escola e de professor, ou seja, escolas e professores que promovam sonhos e utopias para a educação. Para ele, as escolas democráticas e interculturais combatem desigualdades socioculturais e promovem o respeito pela diversidade cultural, questionando os discursos monoculturais e desenvolvendo práticas de justiça curricular, social e inclusão de todos os parceiros do processo educativo.

Nesta perspetiva, o professor tem um papel fundamental. É importante que a sua formação seja intercultural para que este possa colaborar de forma ativa na educação intercultural dos seus alunos. Compete ao professor, enquanto agente educativo da educação intercultural, ser mediador e desmistificar preconceitos, respeitar valores, valorizar diferenças culturais, fortalecer os diálogos e as negociações no sentido de enriquecer a compreensão e entendimento do processo de construção das diferenças dentro da diversidade cultural e fundamentalmente (re)conhecer e respeitar o “Outro” enquanto elemento do espaço intercultural. Deste modo, enriquece toda a comunidade: escola, famílias e meio envolvente (Marques & Bastos, 2016; Silva & Rebolo, 2017).

3.3.2. Aprendizagens interculturais: relevância da utilização de contos tradicionais lusófonos

A aprendizagem intercultural é um dos recursos fundamentais da educação intercultural. Esta aprendizagem refere-se ao processo individual que envolve atitudes, comportamentos e experiências relacionadas com a interação entre culturas diferentes. Deste modo, a aprendizagem intercultural relaciona-se com a compreensão e o conhecimento do contexto cultural onde estamos inseridos, respeitando e valorizando os outros. É um processo longo e complexo, de descoberta que desafia a identidade de cada um com o objetivo de alcançar o equilíbrio e a compreensão mútua (Marques & Bastos, 2016).

Dolan (2014), remetendo para Short (2009), define a educação intercultural como uma orientação em que os alunos:

- Exploram as suas identidades culturais e compreendem o conceito de cultura;
- Desenvolvem consciência e respeito pelas diferentes perspetivas culturais;
- Aprendem sobre questões relevantes e com significado pessoal, local e global;
- Valorizam a diversidade de culturas e perspetivas do mundo;
- Demonstram responsabilidade e compromisso para fazer a diferença no mundo;
- Desenvolvem-se enquanto seres humanos que questionam, conhecedores e atenciosos que tomam medidas para construir um mundo melhor e justo.

De acordo Banks (2004, citado por Banks, 2016), para se tornarem cidadãos eficazes, os alunos devem atingir conhecimentos, valores e habilidades necessárias para participar na sua cultura comunitária e doméstica, em outras culturas dentro do seu país, da cultura cívica do país e na comunidade global.

A literatura infantil, como referem Silva et al. (2017), é uma forma das crianças e jovens se expressarem e apropriarem da cultura, trabalharem a igualdade de direitos, transformarem a realidade social num contexto “plural e múltiplice”, vivenciar e respeitar a diversidade dentro da sua cultura e das culturas de outros povos.

O tema geral da literatura considerada multicultural, em que incluímos os contos tradicionais, é diversidade. O estudo da diversidade de culturas oferece às escolas um potencial mais rico em vez de uma atitude de uniformidade e cultura única. Deste modo, ao abordar a literatura multicultural o professor não deve valorizar uma cultura em função da outra, mas sim valorizar, aceitar e desenvolver um trabalho com os alunos, com cada criança enquanto ser único, devido à sua cultura e ir além da mesma (Vieira, 2006). Deste modo, a literatura multicultural permite a aquisição de aprendizagens interculturais. Assim, a escolha de contos de países lusófonos, nomeadamente de países africanos, assim como de Portugal e do Brasil, permite dar a conhecer às crianças aspetos das diferentes culturas de onde os contos são originários, pois como refere Balça (2015), os contos tradicionais estão presentes em diversos pontos do globo e geograficamente distantes mas ainda assim apresentam semelhanças.

Há vários estudos que defendem que o contacto de crianças do Ensino Básico com livros multiétnicos, assim como com outros materiais de ensino com essas características, contribui de forma positiva para o desenvolvimento de atitudes de tolerância e aceitação das diferenças culturais e étnicas (Gomes, 2008). Se considerarmos os contos tradicionais da mesma forma e aliados à temática animal, que sempre fascinou e prendeu a atenção das crianças, temos uma possível fórmula de sucesso para desenvolver aprendizagens interculturais junto de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Morgado & Pires (2010), referindo-se às estratégias pedagógicas para desenvolver a educação intercultural com recurso à literatura infantil, defendem que estas se baseiam na análise do conteúdo das obras e no diálogo sobre ele, podendo este assumir a forma de troca de ideias, análise colaborativa ou de atividades performativas – encenar histórias, reescrevê-las, ilustrá-las, comparar com outras, etc.

Concordamos com Vieira (2006), quando esta afirma que “As crianças ao ler, ao ouvir ler e ao conversar sobre histórias que apresentem uma visão multicultural da sociedade, serão capazes de compreender a diversidade do mundo em que vivem e estabelecer ligações entre a experiência que têm desse mesmo mundo com o que lêem e ouvem” (p.62). A relação criada entre o modo de vida da criança e o mundo apresentado nas histórias é um fator muito importante que interfere, certamente, no modo como esta reage à história.

Capítulo VI- Metodologia de investigação

1. Plano de investigação

1.1. Tipo de estudo

Para a realização de uma investigação é fundamental conhecer as várias metodologias para escolher a que melhor se adapta ao tema em estudo. Após várias pesquisas optámos por uma investigação do tipo qualitativo.

No entanto, antes de qualquer outro passo, convém compreender o que é uma investigação. Como referem Quivy & Campenhoudt (2005), uma investigação é antes de mais algo que se procura. É procurar um conhecimento melhor que deve ser aceite como tal. Isso implica todas as hesitações, desvios e incertezas. Muitos vivem esta realidade de forma angustiante. Outros reconhecem que é um fenómeno normal e estimulante. Assim, o investigador deve escolher em primeiro lugar um fio condutor que deve ser tão claro quanto possível.

Ao definir o que se quer estudar convém, como referem Carmo & Ferreira (1998), ter em atenção alguns critérios: por um lado é importante que o trabalho a desenvolver esteja enraizado nas experiências anteriores do investigador; por outro lado, é importante que a seleção do campo e do tema específico a investigar resulte da motivação pessoal do investigador, pois ninguém investiga bem um assunto de que não goste. Definido o tema, convém decidir quais as opções metodológicas que melhor se adequam ao estudo.

Grawitz (1993), citado por Carmo & Ferreira (1998), define métodos como sendo um conjunto de operações que são realizadas com o intuito de atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a organização de toda a investigação. É um conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas, em função de determinada finalidade. Estas, são procedimentos operatórios rigorosos, bem definidos e suscetíveis de ser aplicadas em situações com as mesmas condições, embora adaptadas ao tipo de problema e fenómeno em estudo

Quanto à metodologia qualitativa, aquela pela qual optámos, trata-se de um processo composto por diferentes fases que não se desencadeiam de forma linear, mas sim de forma interativa (Colás, 1998, citado por Aires, 2015). Ainda de acordo com Denzin & Lincoln (1994), o processo de investigação qualitativa define-se pela interrelação de três níveis de atividade genérica, sujeitos a uma grande variedade de terminologias, nomeadamente: teoria, método e análise; ontologia e epistemologia; metodologia. O processo de pesquisa está associado a cinco níveis de atividade:

1. Investigador e investigado enquanto sujeitos multiculturais;
2. Paradigmas e perspetivas interpretativas;
3. Estratégias de investigação;
4. Métodos de recolha e análise do material empírico;
5. Interpretação

De acordo com o paradigma qualitativo, não se pretende medir a realidade estudada, mas sim compreender a mesma. Parte-se dos atores em contexto, dos significados produzidos em redor da atividade que estes desenvolvem.

Concretamente, para a proposta de estudo apresentada interessa o método da investigação-ação. De acordo com McKernan (1998), citado por Máximo-Esteves (2008):

Investigação-ação é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático – primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano de acção -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção ou problema. A avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da acção realizada. Finalmente, os participantes reflectem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-ação. Investigação-ação é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática (p.20).

Num contexto educativo, este método foca-se num problema real. O objetivo é compreender o problema e fundamentalmente introduzir mudanças na realidade educativa. No nosso caso, os dados foram recolhidos recorrendo a abordagens qualitativas. As reflexões foram sistemáticas devido às incertezas resultantes da investigação, isto porque o professor assume um papel de investigador dando importância à prática e à reflexão, identificando problemas e planeando estratégias que conduzam à resolução dos problemas identificados.

1.2. Participantes no estudo

Para concretizar esta investigação, foi selecionada uma amostra de seis alunos de uma turma do 3.º ano de escolaridade, a frequentar a Escola Básica João Roiz, em Castelo Branco. A turma era constituída por 20 alunos e, devido ao tipo de estudo, optou-se por trabalhar com a turma inteira, recolhendo apenas os dados de uma amostra. Os alunos da amostra foram selecionados aleatoriamente, de modo a obter respostas o mais realistas possíveis.

Os elementos da amostra foram selecionados de forma aleatória, no entanto, por coincidência, um dos alunos é de origem brasileira e, portanto, uma mais valia para o nosso estudo.

1.3. Procedimentos da recolha e tratamento de dados

A metodologia qualitativa privilegia métodos centrados na análise documental, na observação naturalista e na observação participante. Os principais métodos utilizados por esta metodologia são o método interpretativo, o método etnográfico, a investigação-ação e o estudo de caso (Canastra, Haanstra e Vilanculos, 2015).

Uma vez que o projeto foi desenvolvido tendo por base uma metodologia qualitativa, com caráter de investigação-ação, decorreu em três fases. Primeiramente, procedeu-se à planificação do estudo, onde foi definida a estrutura o projeto. Em segundo lugar, decorreu a fase da ação que consistiu na implementação, observação (de atividades/aprendizagens) e intervenção educativa. Em terceiro lugar, decorreu a fase de reflexão sobre tudo o que correu bem e menos bem, onde se refletiu sobre todo o processo sob a forma de uma análise crítica e de autoavaliação.

Para podermos estudar e investigar a temática que nos propusemos, selecionámos três contos tradicionais, com animais, cada um de um país lusófono diferente: Portugal, Moçambique e Brasil. Assim, selecionámos o conto português “A raposa e o sapo”, o conto Moçambicano “O macaco e o cágado” e o conto brasileiro “Magia na Floresta Tropical”.

De acordo com o tema e a metodologia, previamente definidos, a exploração dos contos foi realizada em contexto de sala de aula. Procedeu-se à leitura, análise e interpretação dos contos. Exploraram-se os comportamentos e características dos animais presentes nos textos, assim como os habitats onde estes se encontravam.

Estabeleceu-se relação com o Estudo do Meio no que diz respeito à comparação e classificação de animais de acordo com as suas características e modo de vida, sendo também possível classificar e comparar algumas plantas. Focámo-nos na fauna e flora dos contos e dos países de onde estes eram originários. Foi também possível, não só devido à temática do estudo, mas também devido aos conteúdos desta área curricular no 3.º ano, dar a conhecer costumes de outros povos.

Na área do português foi possível explorar ao nível da leitura e escrita, a compreensão de textos narrativos e no que diz respeito à educação literária, desenvolveu-se a leitura e audição de textos da tradição popular.

Após a leitura de todos os contos analisaram-se as diferenças e as semelhanças entre os animais e os contextos onde estes se inseriam de modo a perceber o que motivava e/ou justificava os diversos comportamentos, tendo em vista a compreensão das diferenças ou semelhanças. Com base nos textos e nas relações entre os animais estabeleceram-se comparações com os seres humanos na medida em que, tal como os animais, se devem respeitar e aceitar ainda que diferentes e desde que os valores de vida sejam tidos em conta.

Para que se pudessem recolher dados assertivos foi necessário selecionar as melhores técnicas e instrumentos para a informação que pretendíamos obter. Assim,

para a recolha de dados selecionou-se a observação participante, acompanhada por notas de campo, fotografias, registos em vídeo e em áudio e ainda produções escritas pelos alunos.

As notas de campo por norma eram registadas após as aulas e/ou atividades e eram elaboradas de forma rigorosa de modo a que os dados recolhidos fossem o mais exatos possível. Em algumas situações as notas de campo eram registadas no próprio momento se existisse algum acontecimento que assim o justificasse. Como referem Bogdan & Biklen (1994), as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Os registos áudio e vídeo foram fundamentais para a análise posterior da informação transmitida pelos alunos pois nem sempre as notas de campo são suficientemente completas. Ao registar notas durante as atividades podemos não recolher toda a informação que desejaríamos (principalmente ao nível do que foi dito por determinados alunos). Recorrendo às gravações áudio e/ou vídeo pudemos transcrever com mais exatidão aquilo que foi dito.

1.4. Princípios éticos da recolha de dados

De forma a garantir todas as questões éticas resultantes de um estudo desta dimensão foi estabelecido um protocolo de colaboração com a escola e o agrupamento onde decorreu o estágio. Neste sentido, no pedido de colaboração constavam todas as informações sobre o projeto. Após a aceitação da colaboração por parte da escola foram entregues aos pais/encarregados de educação os pedidos de autorização para recolha de dados de cariz escrito, áudio, fotográficos e orais dos alunos. Neste pedido de autorização constavam também os objetivos da recolha de dados e a garantia de que os dados recolhidos seriam usados unicamente para o estudo em causa, de carácter académico. Remetemos para o anexo E os pedidos de colaboração dirigidos ao Agrupamento, à escola e aos pais e/ou encarregados de educação.

Todas estas questões vão ao encontro do que é defendido por Máximo-Esteves (2008) que refere precisamente:

“A primeira atitude a tomar, no ponto de vista ético, é dar a conhecer a finalidade e os objectivos da investigação-acção aos participantes. Depois, garantir (...) que nada será trazido a público sem o consentimento dos participantes, isto é, garantir a confidencialidade dos dados. E, ainda, assegurar o direito à privacidade, protegendo o anonimato dos intervenientes através do recurso a denominações fictícias, reconhecendo-se embora que, em certos casos, este é um gesto de protecção mais simbólico do que efectivo (...)”, (p.107).

No que diz respeito a esta última questão, e uma vez que utilizámos apenas uma pequena amostra, optámos por usar letras e não nomes. Assim cada aluno é

identificado com as letras A, B, C, D, E e F, respetivamente, de acordo com a ordem com que surgem na pauta. De modo a garantir a segurança e privacidade de todos os intervenientes, em todos os registos fotográficos utilizados a cara das crianças não é visível uma vez que evitámos fotografar de forma direta. Quando isso não foi possível optámos por desfocar digitalmente as suas feições.

2. Recolha de dados

2.1. Observação

A observação é composta pelo conjunto de operações através das quais o modelo de análise, em que se inserem as hipóteses e os conceitos, é submetida aos factos e confrontada com os dados observáveis. Nesta fase são recolhidas diversas informações, algumas analisadas de imediato e outras posteriormente. Assim, podemos afirmar que a observação é uma fase intermédia que decorre entre a construção de conceitos e das hipóteses e a análise dos dados recolhidos (Quivy & Campenhoudt, 2005).

No caso da observação participante, como refere Sierra Bravo (1991), o investigador mistura-se com o grupo observado e participa nas suas atividades de forma mais ou menos intensa. O mesmo refere Correia (2009), acrescentando que a observação participante “é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (p.31).

Deste modo, o investigador age de acordo com as interpretações que faz daquilo que o rodeia e participa nas relações sociais, procurando sempre compreender as ações no contexto da situação observada. Máximo-Esteves (2008), define o contexto como “o conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as acções e interacções das pessoas que nele vivem (p.87)”.

2.2. Registo de observações

As observações podem ser registadas de formas muito variadas. No entanto, a maioria dos investigadores opta por registar anotações durante o período das observações. Outros combinam esses registos com material transcrito de gravações áudio. Há ainda investigadores que registam os acontecimentos com recurso a fotografias e/ou vídeos.

No que diz respeito ao registo escrito, também conhecido como notas de campo, o recurso mais utilizado, não há regras quanto à forma de fazer anotações. Ainda assim, há alguns aspetos importantes que devem ser registados: quando são feitas, como são

feitas e onde são feitas. No que diz respeito ao quando, é importante que estas sejam registadas o mais próximo possível do momento da observação. Relativamente à forma como as anotações são registadas, podem existir várias formas, dependendo muito do tipo de observação que é feita. De uma perspetiva mais prática é pertinente registar em cada anotação o dia, a hora, o local da observação e a duração da mesma. Nos registos é importante perceber (ao analisar posteriormente as anotações) o que são descrições, falas, citações e comentários do investigador. Por fim, no que se refere ao suporte em que são feitas as anotações, alguns investigadores preferem um papel pequeno para não chamar demasiado a atenção, outros utilizam um caderno ou folhas soltas (Lüdke & André, 1986). Num mundo mais atual há quem prefira fazer os registos em computador ou noutros suportes eletrónicos.

Podemos concluir que este método de recolha de dados é vantajoso pois, como referem Quivy & Campenhoudt (2005), os comportamentos e os acontecimentos são apreendidos no momento em que ocorrem; o material recolhido é espontâneo e não produzido pelo investigador; os acontecimentos são autênticos quando comparados com as palavras ou com aquilo que foi escrito. Este método possui, no entanto, alguns aspetos menos positivos, nomeadamente o problema do registo. Ou seja, o investigador não deve confiar apenas na sua memória do que aconteceu, pois, “a memória é seletiva e eliminaria uma grande variedade de comportamentos cuja importância não fosse imediatamente aparente” (idem, p.199). nem sempre é possível fazer os registos no próprio momento e, portanto, resta apenas a descrição/transcrição posterior, nem sempre tão exata e rigorosa. Por esse motivo, optámos por utilizar os registos audiovisuais como complemento.

2.2.1. Registos audiovisuais

A utilização de fotografias, vídeos e áudios é uma forma comum de registar dados em sala de aula. Máximo-Esteves (2008) considera que a forma audiovisual é uma forma de registar notas de campo no momento em que as observações ocorrem, permitindo assim que os dados recolhidos sejam mais fiéis à realidade. Pode utilizar-se registos áudio durante a observação de ocorrências ou conversas, podendo estas ser posteriormente, passadas para o registo escrito de forma integral ou através de resumos ou comentários da mesma. Para registar as expressões das crianças ou a sua movimentação dentro da sala é comum recorrer-se a registos fotográficos ou vídeos.

Para Loizos (2008), o registo em vídeo é importante sempre que o conjunto de ações humanas é complexo e difícil de descrever claramente por um único observador, à medida que estas ocorrem, como é o caso de uma sala de aula.

Estes instrumentos são regularmente utilizados pelos professores, por várias razões, nomeadamente para registar:

- acontecimentos e/ou ações dos alunos;

- trabalhos realizados pelos alunos;
- registos no quadro;
- organização/distribuição dos espaços da sala de aula, etc.

Para o nosso estudo recorreremos à fotografia para registar alguns trabalhos dos alunos, a forma como estavam organizados em determinada atividade, entre outros aspetos que nos pareceram pertinentes para a investigação.

O registo áudio também nos foi muito útil pois, como já referimos, nem sempre é fácil registar com exatidão o que determinado aluno disse, pois, o registo pode não ser possível no momento em que ocorre e o registo posterior pode já não corresponder exatamente ao que foi dito. Por isso mesmo, nas atividades da investigação utilizámos sempre um gravador para registar o que acontecia. Se tal se justificasse, nomeadamente para registar a resposta oral de algum aluno da amostra, o gravador era aproximado, discretamente, do(s) aluno(s) em questão.

Deste modo, os dados recolhidos foram mais enriquecedores, sendo possível uma análise posterior mais detalhada.

2.3. Documentos dos alunos

Ao longo da nossa investigação, recorreremos muitas vezes ao registo gráfico durante as sessões implementadas juntos dos alunos. Como refere Máximo-Esteves (2008), “A análise dos artefactos produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos (p.92)”.

A maioria dos dados gráficos recolhidos dizia respeito às respostas dadas pelos alunos nos seus guiões, que já continham questões previamente elaboradas. O objetivo destas questões era compreendermos a interpretação que os alunos faziam dos contos que liam assim como de todas as questões inerentes aos mesmos e que diziam respeito a questões culturais ou comportamentais.

Capítulo VII- Análise de dados e discussão de resultados

1. Introdução à análise e interpretação de dados

Este capítulo tem como objetivo a apresentação e análise dos dados recolhidos, assim como a discussão destes no contexto da investigação e pesquisa realizadas ao longo de todo o estudo.

A principal base de trabalho foi analisar e compreender a forma como os contos tradicionais com animais de países lusófonos contribuem para a aquisição de aprendizagens interculturais em crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Deste modo selecionámos, como já foi referido, contos tradicionais de três países: Portugal, Moçambique e Brasil.

Na primeira fase, trabalhamos um conto de Portugal, “A raposa e o sapo”, recolhido e adaptado por Ana de Castro Osório. Devido às alterações ortográficas houve necessidade de adaptar alguns termos para a grafia atual, nomeadamente “ceara” para “seara”.

Na segunda fase, trabalhamos um conto de Moçambique, “O macaco e o cágado”, compilado numa edição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A recolha dos contos desta obra esteve a cargo de Inocência Mata, Abdulai Silá, Luís Costa e de Juca Delgado.

Na terceira e última fase, trabalhamos um conto do Brasil, “Magia na Floresta Tropical”, recolhido por Naomi Adler, junto de uma índia brasileira.

Ao longo deste capítulo apresentam-se, de forma detalhada, todas as atividades realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico, junto de uma turma de 3.º ano de escolaridade. Os dados recolhidos foram fundamentais para a concretização da investigação.

2. Conto Tradicional “A raposa e o sapo” - Portugal

A primeira sessão de atividades decorreu no dia 27 de março de 2019 (Anexo D) e teve como ponto de partida o conto tradicional português “A raposa e o sapo”, recolhido e adaptado por Ana de Castro Osório e posteriormente compilado na obra *Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa*, sob coordenação de Ângela Correia.



Figura 68: Contos, fábulas facécias e exemplos da tradição popular portuguesa

Este conto apresenta-nos a história de uma raposa e de um sapo que decidem semear uma seara de trigo a meias, sendo o sapo auxiliado pelo amigo texugo. A raposa engana o sapo mas este apercebe-se do esquema da raposa e no final acaba por lhe dar uma lição ficando com todo o trigo da sementeira.

A escolha deste conto não foi aleatória. Para além de referir animais bastante comuns em Portugal, principalmente a raposa e o sapo, faz alusão à antiga tradição do cultivo do trigo, ainda hoje tão presente na cultura portuguesa, referindo as várias fases que a compõem: sementeira, monda, ceifa, debulha na eira e posterior limpeza do trigo (“grão limpo e bem arneirado”).

Como foi referido anteriormente, a turma é constituída por 20 alunos e as atividades foram desenvolvidas por todos, no entanto, seleccionámos uma amostra de seis alunos.

Nesta primeira fase foi utilizada uma caixa literária de modo a motivar os alunos para a atividade e ao mesmo tempo explorar o vocabulário associado à sementeira do trigo. Assim, da caixa foram extraídas diversas imagens associadas ao ciclo do trigo, bem como imagens de alguns animais da história.

À medida que as imagens iam surgindo, os alunos faziam previsões sobre o que poderia acontecer na história e registavam, numa tabela previamente elaborada, o que

pensavam que poderia acontecer na história. Este tipo de atividade obrigava a que os alunos adaptassem as previsões pois as imagens tinham que estar interligadas entre si.

Inicialmente, estava previsto que os alunos preenchessem a coluna das previsões individualmente, mas como isso gerou algumas dúvidas e os alunos não estavam a compreender o que era pedido optou-se por desenhar a tabela no quadro e, à medida que surgiam previsões, estas eram registadas no quadro e os alunos copiavam para a sua tabela. Se os alunos tivessem previsões diferentes das selecionadas pela turma podiam escrevê-las também na sua tabela, desde que a previsão do grupo ficasse registada.

A tabela de previsões continha também uma coluna para preencher após a apresentação e exploração da história, de modo a que os alunos confrontassem as suas previsões com aquilo que efetivamente acontecia na história.

Tabela 21: Tabela de previsões e confirmação de acontecimentos sobre o conto " A raposa e o sapo"

Objeto/imagem	O que sugere sobre o texto - previsões	O que de facto aconteceu no texto?

A primeira imagem retirada da caixa correspondia a um texugo. Sendo um animal pouco conhecido pelas crianças, uma criança começou por referir que era um guaxinim, o que demonstra o conhecimento de vocabulário mais diversificado, sendo posteriormente identificado de forma correta por outra criança. Da caixa retirámos ainda imagens alusivas a diferentes fases de crescimento do trigo, assim como a imagem de uma foice e a imagem de uma eira. Os alunos, em conjunto, elaboraram várias previsões sobre as imagens, interligando-as e criando assim uma história coerente, posteriormente analisada para comparar diferenças e semelhanças.

Em seguida, estabeleceu-se um pequeno diálogo com os alunos sobre os seus animais de estimação, identificando que animais tinham, referindo a relação que mantinham com eles, e no caso de terem mais que um animal, qual a relação que os animais mantinham entre si (se partilhavam o mesmo espaço, brincavam juntos, partilhavam comida...).

Os alunos foram ainda questionados sobre o que levaria os animais a comportar-se de uma forma ou de outra e, caso fossem pessoas, se teriam ou não o mesmo comportamento.

Quando colocados perante estas questões, os alunos participaram com interesse e entusiasmo. Todos queriam partilhar a sua experiência, o que obrigou a uma boa gestão da conversa.

Os alunos referiram, de um modo geral, que mantinham uma boa relação com os seus animais. Quando questionados sobre as relações que estes estabeleciam entre si, chegámos a várias conclusões:

- Há animais da mesma espécie com uma boa relação entre si, no entanto, há também animais da mesma espécie que não mantêm uma boa relação;
- É possível a coexistência pacífica de animais de espécies diferentes mas em alguns casos essa coexistência é mais problemática;

Relativamente à questão colocada sobre o comportamento das pessoas, se teriam os mesmos comportamentos ou não, uma aluna respondeu que, “(..) tal como os animais as pessoas também podem ter más atitudes”.

No que diz respeito às espécies referidas, comprovámos a existência de uma grande variedade, predominando as espécies comuns no nosso país. Destacam-se algumas espécies de cães, de gatos, de cães e de animais de quinta. Neste último grupo destacam-se várias espécies de cavalos, de cabras, de ovelhas, de galinhas, entre outros. No entanto, também foram referidas espécies de peixes, que não encontramos em águas portuguesas, e aves de espécies diferentes como os papagaios e as caturras.

Sendo estas duas espécies (papagaio e caturra) predominantes no Brasil e existindo uma criança brasileira na turma, foi possível abordar em conversa com alguém oriundo desse outro contexto cultural, o facto de alguns animais não existirem em liberdade em Portugal mas serem encontrados com regularidade a sobrevoar os céus brasileiros. A criança brasileira que veio para Portugal nesse ano letivo, recorda com clareza o seu país de origem e referiu que “(...) no Brasil as caturras voam em liberdade”.

A estratégia escolhida para apresentar o conto foi através de fantoches, elaborados integralmente pela estagiária com recurso a feltro colorido (Fig. 70). Os fantoches permitiam o movimento das mãos das respetivas personagens.



Figura 69: Fantoches

Deste modo, após este diálogo com os alunos, reorganizou-se a posição das cadeiras de modo a que os alunos ficassem virados para o fundo da sala onde estava posicionado

um fantocheiro. A professora cooperante auxiliou na apresentação da história. Destacamos que os alunos mostraram imenso entusiasmo em relação ao fantocheiro e foi necessário algum tempo para conseguir que a turma sossegasse para o teatro ter início.



Figura 70: Teatro de fantoches: A raposa e o sapo

Preparámos previamente o conto, apresentando o texto de acordo com o original, mantendo os diálogos existentes, assim como a narração, recorrendo a vozes e entoações diferentes de modo a identificar os animais e o “narrador”. Durante a representação os alunos estiveram sossegados e interessados, observando e escutando a história com atenção e reparando em pequenos detalhes.






Após o teatro, identificámos as personagens, tendo os alunos imediatamente referido que o sapo e a raposa entravam na história mas não tinham surgido nas imagens (da caixa literária). Quando questionados se havia outras personagens na história que não estavam “visíveis”, os alunos referiram a presença dos sapos que a raposa não via mas que respondiam no lugar do compadre sapo, enganando a raposa que pensava estar a conversar com o compadre.

Os alunos também referiram que o sapo não ficou contente com a atitude da raposa e que se sentiu enganado com as tramoias da comadre e que, por isso, no final, o pedido de ajuda aos seus irmãos foi uma forma de se vingar das atitudes da raposa, “pagando-lhe na mesma moeda”.

De modo a explorar o vocabulário de forma mais completa, foi distribuída uma folha com o conto para os alunos lerem e sublinharem as palavras que não conheciam e/ou compreendiam. Algumas palavras já tinham sido exploradas com a caixa literária e, como tal, destacámos as palavras “compadre/comadre” como mais difíceis de compreender, assim como a expressão “grão limpo e bem arneirado”.

Depois da exploração da história e do vocabulário envolvido, observámos as previsões e analisámos se estavam ou não de acordo com o conto. Apresentamos na tabela seguinte as conclusões obtidas.

Tabela 22: Previsões elaboradas e análise após a apresentação do conto

Imagens	Previsões sobre o conto	O que aconteceu no conto
	<p>“O texugo vai comer o mel.”</p> <p>“O texugo vai procurar mel para se alimentar e vai cair-lhe um favo de mel em cima e as abelhas vão picá-lo.”</p>	<p>“O texugo ajudou o compadre sapo a ceifar o trigo.”</p>
	<p>“Um agricultor vai semear trigo que vai ser comido pelos pássaros e vai ficar muito chateado. Com a palha que sobra vai fazer um espantalho.”</p>	<p>“A raposa e o sapo semearam uma seara de trigo.”</p>
	<p>“A foice vai servir para cortar o trigo.”</p>	<p>“A raposa, o sapo e o texugo ceifaram o trigo.”</p>
	<p>“É o local onde o agricultor vai colocar o trigo já cortado.”</p>	<p>“A raposa e o sapo levaram o trigo ceifado para a eira.”</p>
	<p>“Na eira o agricultor vai separar o grão de trigo, colocar em sacos e levar para o celeiro. O texugo vai roubar os sacos de trigo.”</p>	<p>“O sapo pediu ajuda aos seus irmãos para levarem o grão de trigo para a sua casa e enganando a raposa.”</p>

Por fim, os alunos responderam por escrito, a algumas questões importantes para o nosso estudo:

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?
2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?
3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?
4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do conto. Achas que cada um dos

animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

Os 20 alunos da turma responderam todos às questões. No entanto, analisaremos aqui apenas as respostas dos seis alunos da amostra que apresentamos integralmente em anexo (Anexo F). Os elementos da amostra foram selecionados aleatoriamente e serão aqui apresentados anonimamente, por letras, de acordo com a ordem alfabética com que surgem na pauta. Destes seis alunos, temos duas raparigas e quatro rapazes.

- Aluno A: sexo masculino, oito anos, português;
- Aluno B: sexo feminino, oito anos, portuguesa;
- Aluno C: sexo masculino, oito anos, brasileiro;
- Aluno D: sexo feminino, oito anos, portuguesa;
- Aluno E: sexo masculino, oito anos, português;
- Aluno F: sexo masculino, oito anos, português;

Um dos elementos da amostra, por mera coincidência, é a criança de origem brasileira, o que vêm enriquecer a nossa investigação. Destacamos, no entanto, que mesmo que esta não fizesse parte da amostra, as suas opiniões e conhecimentos seriam sempre uma mais valia uma vez que um dos contos trabalhados é brasileiro e as suas origens permitem estabelecer ligação direta com a cultura de outro país lusófono.

Após a análise dos dados recolhidos, optámos por apresentar os dados da questão 1 e 2 em tabela (Tabela 23) uma vez que se complementam. A questão 3 será apresentada noutra tabela (Tabela 24) e, para a questão 4, por exigir dos alunos uma resposta mais elaborada, apresentamos o texto integral redigido por cada elemento da amostra.

Clarificamos que as respostas escritas dadas pelos alunos não tiveram qualquer interferência da professora durante a sua resolução e como tal correspondem totalmente à sua opinião. Realçamos também que todos os textos são apresentados tal como foram escritos. É, portanto, natural que surjam erros ao nível da ortografia ou coerência do texto.

Tabela 23: Respostas dos alunos à questão 1 e 2 após leitura do conto “A raposa e o sapo”.

Aluno	1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?	2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?
A	“Não. Porquê estão habituados au seu habitate”	“Não. Porque eles moreriam com as temperaturas elevadas e falta de alimentação.”
B	“Não, porque eles precisam de ter as condições ideais e existem determinados locais onde isso não acontece, variando de animal para animal.”	“Não, não haverá raposas nem sapos no deserto porque a temperatura é muito quente e eles assim não conseguiriam sobreviver muito tempo”.
C	“Não. Porque em outras partes do mundo pode não haver sementeiras, colheitas e comida para alimentalos.”	“Não. Porque o deserto não é o habitat do sapo nem da raposa.”
D	“Não, porque em todo o mundo não existe floresta e campos.”	“Não, porque no deserto não à água e estes animais precisam de água para viverem.”
E	“Não. porque a animais que não conseguem viver na água e outros na terra”.	“Não, porque não á agua”.
F	“Não. Porque á partes do mundo que á muito calor e partes mundo que são muito frias.”	“Não. Porque no deserto não a água nem alimento, assim nenhus dos animais sobrevivia.”

As respostas à pergunta 1 revelam que os alunos têm consciência da existência de animais em todo o mundo, sendo evidente, para eles, que há animais que são próprios de determinadas regiões e, como tal, há características que lhes são inerentes por habitarem nessa região/meio. Esta ideia ficou ainda mais clara durante esta semana uma vez que nas aulas de Estudo do Meio se abordaram os seres vivos do ambiente próximo tendo sido comparados e classificados vários animais quanto às suas características externas e modos de vida. Assim, os alunos partilharam os conhecimentos que possuíam sobre animais do seu quotidiano mas também sobre animais que conhecem através da televisão, da internet ou de livros.

As respostas à pergunta 2 confirmam que as opiniões das crianças são consistentes com o que responderam antes e é do consenso geral que o deserto não é um bom local para os animais viverem pois não encontrariam água e/ou comida e não aguentariam as elevadas temperaturas que ali se fazem sentir. Estas respostas demonstram que as crianças compreendem e estão familiarizadas com a importância da água e do alimento para os seres vivos assim como a questão das condições climáticas (temperatura) para a sua sobrevivência. Do mesmo modo demonstram compreender que no planeta Terra

há diferentes espaços e que de região para região as condições de vida não são sempre iguais.

Tabela 24: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto “A raposa e o sapo”.

Aluno	3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?
A	“Sim, porque a muita gente que ingana os outros e tambem mentem.”
B	“Sim, á pessoas que podem ter comportamentos como estes animais mas não devem.”
C	“Sim. Porque há pessoas que são gananciosas.”
D	“Sim, porque o ser humano muitas vezes também tem as atitudes da Raposa, enganar os outros, e quem não gosta de ser enganado reage como o Sapo. Logo devemos todos respeitarmos uns á os outros”.
E	“Sim.”
F	“Sim. Há pessoas que só querem as coisas para elas e só pensam nela própria.”

A tabela 24 demonstra que as seis crianças da amostra associam claramente os comportamentos dos animais aos das pessoas e que revelam sentido crítico em relação ao que é correto e incorreto. É visível que estas compreendem que há comportamentos a adotar e outros a evitar. Nesta situação podemos comprovar que as crianças consideram correto respeitar os outros mas referem ser errado mentir, enganar os outros e ser ganancioso. A compreensão destes aspetos, nomeadamente o respeito pelo outro e pelas suas características, é um aspeto fundamental para o tema que pretendemos estudar e desenvolver junto de alunos do 1.º ciclo do ensino básico.

Apresentamos em seguida os textos elaborados por cada um dos alunos em resposta à questão 4.

Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

Aluno A:

A Raposa - foi mentirosa, desonesta, intencional e bastante egoísta porque só pensou nela.

O sapo - sentiu-se bastante enganado entãõ acabou por fugir a medo.

Aluno B:

Na minha opinião a Raposa não agiu corretamente pois enganou o Lobo e o Texugo que tanto tinham trabalhado. Ainda por cima comeu-lhes a manteiga que prometera como jantar.

Penso que a atitude do Lobo não foi correta, pois apesar de a Raposa o ter enganado ele não deveria ter "roubado" o trigo. Ele portanto acho que era a atitude mais justa a fazer. Acho que a atitude do Texugo foi correta, pois ajudou o Lobo quando ele precisava, sem pedir nada em troca. Mesmo com essa bondade foi enganado por aquela covardosa e desleal Raposa.

Aluno C:

O Lobo foi correto ao aceitar o pedido da raposa, mas ficou triste com o comportamento dela.

O texugo ficou sempre do lado do lobo ajudando-o na caça.

A raposa também trabalhou na porção de terra, mas brigou ao ser ganhadora fazendo os almoses manteiga, comendo tudo e culpando os dois amigos.

O texugo agiu corretamente e os outros dois agiram incorretamente. Porque a raposa chamou os irmãos, quando deveria agir sozinho e a raposa perdeu pela sua esperteza.

Se todos trabalhassem honestamente não havia confusão, só alegria.

Aluno D:

Os animais do conto são a raposa e o sapo e o Tezugo.
 Para mim o sapo era, um animal,
 amigo e que gostava de martelhar e com
 outros as suas aventuras, por outro
 lado gostava muito de comer, o Tezugo
 era amigo de seu amigo sempre
 disposto a ajudar quem precisa. Se dele,
 quando a raposa era falada só
 pensava nela e com o Bem-estar
 dela, nem que para isso tivesse
 de fazer mal aos outros.
 Para mim que não agiu corre-
 tamente foi a raposa, não deveria
 enganar os outros, os seus
 amigos nem a natureza, o sapo só
 se deixou enganar uma vez, na
 segunda vez já não caiu na
 armadilha da raposa e conseguiu
 ver que ela não era assim tão esperta.

Aluno E:

A raposa não agiu corretamente porque enganou
 o sapo e o Tezugo. Ela queria matá-los e
 comer os seus ovos. O sapo e o Tezugo
 não se deixaram enganar e foram embora.
 O sapo ficou muito feliz porque trabalhou e tratou
 bem a raposa e o Tezugo.

Aluno F:

A raposa fazia-se passar por amiga do sapo,
 mas na verdade não era.
 A raposa usava o sapo para não ter trabalho,
 e aproveitava-se da bondade do sapo.
 Mas o sapo que não era parvo, só se deixou
 enganar a primeira vez.
 Na segunda a cordão do sapo, pegou uma parti-
 da a raposa, mostrando-lhe quem enganar
 gosta de ser enganada.
 Na próxima vez a raposa vai pensar duas vezes
 em enganar o sapo.

Estes textos demonstram que as crianças pensam que o texugo foi a personagem mais honesta e que agiu sempre de forma correta com todos os outros intervenientes no conto, estando sempre disponível para ajudar. Relativamente ao sapo, as crianças compreendem o seu comportamento de forma distinta. Se por um lado consideram que ele foi honesto e uma vítima da raposa, por outro lado referem que ele ao “vingar-se” da raposa acabou por agir incorretamente. Ainda assim, referem que ele apenas agiu dessa forma por ter sido traído pela amiga. A raposa, por outro lado, é a personagem que as crianças referem, de forma imediata, como sendo aquela que agiu de forma mais errada pois enganou o amigo em mais que uma situação. Referem que ela “usava o sapo para não ter trabalho” e “aproveitava-se da bondade do sapo”. Deste modo, qualquer comportamento menos positivo por parte do sapo é aceite pelas crianças uma vez que este apenas se defendeu de tudo o que a raposa lhe fez.

3. Conto Tradicional “O macaco e o cágado” - Moçambique

A segunda sessão de atividades decorreu nos dias 14 e 15 de maio de 2019 (Anexo G) e teve como ponto de partida o conto tradicional moçambicano “O macaco e o cágado”, recolhido por Inocência Mata, Abdulai Silá, Luís Costa e Juca Delgado e compilado no audiolivro *Contos tradicionais da CPLP*, sob coordenação de Celina Pereira, José Afonso e Sidney Cerqueira.



Figura 71: *Contos tradicionais da CPLP*

Este conto apresenta-nos a história de um cágado e de um macaco que são amigos. O macaco convida o amigo cágado para almoçar em sua casa mas apresenta-lhe a comida numa mesa a que este não consegue chegar. O cágado regressa a casa com fome mas antes convida o amigo macaco para também ele almoçar em sua casa. Como forma de dar uma lição ao amigo, apresenta-lhe uma situação idêntica, queimando o capim em redor da casa e pedindo ao macaco que lave as mãos no poço. Ora o macaco achou bem lavar as mãos mas, como seria de prever, voltava a sujá-las ao coloca-las no chão. Assim sendo, acabou o macaco por regressar a casa sem ter almoçado.

A escolha deste conto não foi aleatória. Para além de fazer referência ao macaco, um animal que não encontramos em Portugal mas que é comum em Moçambique, refere ainda vegetação típica deste país (*capim*), assim como algum vocabulário específico (*chima*)- relacionado com a gastronomia local.

Tal como anteriormente, as atividades foram desenvolvidas com os 20 alunos da turma, tendo sido analisadas apenas as atividades dos seis alunos da amostra.

Nesta segunda fase foi também utilizada uma caixa literária de modo a motivar os alunos para a atividade. Destaca-se que, nesta atividade, a caixa literária funcionou também como elemento integrador, não só da área do português mas de toda a unidade didática. Assim, assumiu a forma de uma mala de viagem de onde eram extraídos elementos que permitiam dar mote para a continuidade das atividades da unidade de forma divertida e coerente.

Num primeiro momento foi extraído um barquinho de papel e os alunos foram questionados sobre o que este representaria e para onde iria. Procedeu-se em seguida ao levantamento oral das ideias dos alunos. Depois foi retirada uma adivinha que remetia para o rio permitindo assim interligar com a área do estudo do meio em que foi abordada a temática dos meios aquáticos e dos elementos que constituem um rio.

Num segundo momento, focado na área do português deu-se destaque à educação literária, concretamente na exploração do conto tradicional moçambicano.

Os alunos receberam um protocolo de registos para a caixa literária e em seguida foram retiradas duas adivinhas da caixa literária. Cada uma delas remetia para um dos animais da história:






“É como um fole, / numas partes duro, noutras mole, / é terrestre e marinho,
/duro no lombo, macio no focinho. /O que é?” (**Cágado**)

“Por bananas sou um louco, /Só gosto de macacada. / Digam todos, não se enganem! /Sou um (**macaco**)! Mais nada!”

A primeira adivinha suscitou muitas dúvidas por ser muito elaborada e como tal foi necessário analisá-la, pouco a pouco, para que os alunos compreendessem de que forma remetia para o cágado. A segunda, bastante mais simples e direta foi rapidamente resolvida pelos alunos.

Em seguida foram extraídas imagens da caixa literária, estando algumas delas presentes no protocolo de registo. Eram elas:

Tabela 25: Imagens extraídas da caixa literária

 <p>Poço</p>	 <p>Macaco e cágado</p>
 <p>Casa</p>	 <p>Galo</p>
 <p>Mesa</p>	

Após a observação de todas estas imagens, em grande grupo, procedeu-se à elaboração de uma pequena história com o que os alunos pensavam que ia acontecer no conto.

Durante esta atividade foi visível que os alunos não criaram um enredo muito elaborado, mantendo-se muito presos às imagens e às conceções que tinham sobre cada um dos elementos. Apresentamos em seguida o texto elaborado em conjunto:

“Um cágado e um macaco comeram um galo que encontraram no meio do campo. Sentaram-se à mesa para comer o galo e beberam a água que retiraram do poço. Depois do almoço foram dormir a sesta na casa que tinham construído.”

Concluída a exploração prévia do tema e do vocabulário procedeu-se então à apresentação da história. Uma vez que o conto era moçambicano, foi explicado aos alunos qual a origem do conto e foi apresentado um mapa-múndi/mapa político identificando a localização de Moçambique e de Portugal. Junto de cada um dos países foi colado um pequeno barco de papel.

Em seguida apresentou-se o conto. Uma vez que este havia sido selecionado de um audiolivro pareceu-nos pertinente utilizar a versão áudio (disponível online na página da CPLP) pois o narrador era moçambicano. Deste modo foi possível criar um pequeno debate sobre as diferenças de pronúncia do português europeu e do português falado em Moçambique partindo de uma questão presente no guião de leitura: “O senhor que conta a história fala como tu?”. Após o levantamento e análise das ideias dos alunos chegou-se à conclusão de que “A pronúncia e o vocabulário é diferente do português europeu”.

No final, e uma vez que os alunos não tinham o conto em suporte de leitura, realizou-se uma atividade de reorganização de texto. Cada aluno recebeu todo o texto em tiras que devia organizar de forma coerente de acordo com o que havia sido escutado. Concluída esta tarefa os alunos puderam então ler o texto com mais atenção e sublinhar palavras desconhecidas.

Posto isto, realizou-se um pequeno diálogo em que se identificaram as personagens, os principais acontecimentos da história, o que foi feito por cada uma das personagens e abordaram-se os comportamentos das personagens, tendo os alunos referido se as personagens agiram de forma correta ou incorreta.

Foi também pedido aos alunos que em casa fizessem uma pesquisa sobre a fauna e a flora de Moçambique de modo a preparar uma atividade a realizar no dia seguinte.

No dia seguinte deu-se continuidade à exploração do conto. Numa primeira etapa os alunos recontaram oralmente o que tinham escutado e lido e posteriormente realizou-se a leitura em voz alta de modo a confirmar os dados apresentados no reconto.

Após a realização de algum trabalho de vocabulário e gramática do texto procedeu-se então à análise e interpretação da informação transmitida pelo conto. Para isso os alunos responderam às seguintes questões:

1. Concordas com a atitude final de cada animal? Podiam ter encontrado outra solução?
2. Achas que os animais da história podiam viver em Portugal? Porquê?
3. Que diferenças/semelhanças achas que há entre Portugal e Moçambique?
4. Se a história se passasse com outros animais em Portugal, pensas que as atitudes poderiam ser parecidas? Escreve um pequeno texto dando a tua opinião sobre estas questões.

Após a análise dos dados recolhidos optámos, uma vez mais, por apresentar os dados relativos às seis crianças da amostra, com recurso a tabelas com as respostas. Clarificamos também que as respostas escritas dadas pelos alunos não tiveram interferência da professora e como tal correspondem à opinião de cada aluno da amostra. Realçamos, ainda, que todos os textos são apresentados tal como foram escritos, existindo, portanto, erros ao nível da ortografia e/ou coerência do texto.

Tabela 26: Respostas dos alunos à questão 1 após leitura do conto “O macaco e o cágado”.

Aluno:	1. Concordas com a atitude final de cada animal? Podiam ter encontrado outra solução?
A	“Não. Pois poderiam ter ficado amigos se pensassem um no outro.”
B	“Não concordo com as atitudes de cada animal mas podiam arranjar outra solução”
C	“Não. O macaco e a macaca podiam ter ajudado o cágado a subir a mesa e o cágado podia limpar as cinzas e não ter deitado a água fora”
D	“Não. Porque não foram amigos um do outro. Sim ambos terem servido a refeição que todos conseguissem comer.”
E	“Não porque o macaco devia ter feito a ajudar o amigo.”
F	“Não concordo com a atitude do macaco. Porque podiriam ter usado luvas.”

As respostas à pergunta 1 revelam que os alunos da amostra não concordam com a atitude final de cada um dos animais. Apresentam, portanto, algumas soluções para a resolução do conflito resultando dos comportamentos do macaco e do cágado. É evidente pela resposta do aluno A que este compreendeu que ao longo da história cada animal pensou apenas em si, ignorando as limitações/ dificuldades do outro. Já o aluno C refere que o macaco poderia ter ajudado o cágado a subir à mesa para que este tivesse condições para almoçar na casa do amigo. Do mesmo modo, refere que na casa do cágado o macaco poderia ter almoçado se as cinzas tivessem sido limpas e a água não tivesse sido despejada. O aluno D vai um pouco mais longe ao referir que, logo à partida, as refeições deveriam ter sido servidas de modo a que todos pudessem comer, demonstrando assim que as limitações/ dificuldades resultantes da diferença surgem das atitudes de cada um e que com atitudes corretas é possível gerir as diferenças. O aluno D apresenta uma alternativa mais criativa para a dificuldade do macaco: se este usasse luvas (depois de lavar as mãos) conseguiria comer. Também daqui podemos

tirar algumas ilações: por mais complicada ou impossível que a situação possa ser, há sempre formas de a resolver, ou pelo menos, encontrar uma resposta o mais adequada possível.

Tabela 27: Respostas dos alunos à questão 2 após leitura do conto “O macaco e o cágado

Aluno:	2. Achas que os animais da história podiam viver em Portugal? Porquê?
A	“Não. Porque o macaco não vive em Portugal e o cágado vive em Portugal.”
B	“Sim, porque existem macacos e macacas no zoo e também existem cágados como animais de estimação”
C	“Sim, porque Portugal também há macacos e cágados e também falam português.”
D	“Sim ambos os animais podem viver em Portugal desde que tenham as condições que precisam para viver”
E	“Não porque Portugal não é um país tropical”
F	“Não. Porque na história falava em cabanas e em Portugal não há.”

Com base nas respostas obtidas na questão 2 relativamente ao facto de o macaco e o cágado poderem viver em Portugal, observamos que: o aluno A refere imediatamente que o macaco não vive em Portugal, apenas o cágado dando assim a entender que conhece os animais e identifica os locais em que estes habitam. Os alunos B e C remetem para a existência de macacos e cágados no jardim zoológico e enquanto animais de estimação, mas ignoram o cágado enquanto animal que vive na natureza.

O aluno C refere inclusivamente que também falam português. Não sabemos com certeza o porquê desta referência mas depreendemos que se relacione com o facto de ter sido dito no decorrer da atividade que, em Moçambique, a língua falada era o português. Outra possibilidade, menos fundamentada, para esta referência é o facto de os animais poderem viver em Portugal, sendo por isso “natural” que falem a língua do país.

O aluno D refere que os animais podem viver em Portugal desde que existam condições que lhes permitam viver. Este raciocínio alarga-se, certamente, ao ser humano – que pode viver em qualquer parte do mundo desde que lhe sejam concedidas condições para uma vida harmoniosa com base nos princípios da igualdade e da integração.

Os alunos E e F referem o facto de Portugal não ser tropical e como tal, cágados e macacos não podem cá habitar. Outro aspeto identificado é a ausência de cabanas no nosso país mas que são referidas na história. Estes dois aspetos permitem-nos entender que os alunos compreenderam que há aspetos diferentes de acordo com a região, sejam eles climáticos, habitacionais, entre outros, o que nos conduz à questão número 3, cujas respostas apresentamos na tabela seguinte.

Tabela 28: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto “O macaco e o cágado

Aluno:	3. Que diferenças/semelhanças achas que há entre Portugal e Moçambique?
A	“As diferenças são que moçambique é um país pobre e tem muita mais variedade de espécies de animais, e em Portugal não a tantas necessidades”
B	“As diferenças são: falam diferente, têm a pele mais escura e têm casas diferentes”
C	“As semelhanças são: os dois falam português, alguns animais são iguais”.
D	“Semelhanças: ambos falam a língua portuguesa. Diferenças: fuso horário”
E	“diferenças – casas, o clima, os animais e as plantas” “semelhanças- língua”
F	“Uma das diferenças é o fuso horário, semelhança a fala, diferença clima e semelhança comida”

Relativamente à questão 3, que aborda as diferenças e semelhanças entre Portugal e Moçambique, a maioria dos alunos referiu a língua como sendo uma semelhança, existindo, no entanto, um aluno a referir que a fala é diferente. Destacamos o facto de o aluno referir a “fala” e não a “língua” pois ao indicar “fala” pode querer referir-se à pronúncia das palavras e a vocabulário mais específico uma vez que essa questão foi abordada durante a análise do conto. No que se refere às semelhanças também foi referido que há animais comuns (como é o caso do cágado) e um aluno refere a comida.

Salienta-se o facto de os alunos A e B só terem referido diferenças, no entanto, os outros quatro referem diferenças e semelhanças. Em relação às diferenças é indicado o fuso horário, algo que nos surpreendeu uma vez que é um tema que não considerámos, mas efetivamente Moçambique tem um avanço horário de duas horas relativamente a Portugal. Outra das diferenças apontadas é o a riqueza do país, sendo referido por um aluno que “moçambique é um país pobre” e que “em Portugal não a tantas necessidades”. A cor da pele é indicada por um dos alunos que refere que em Moçambique “têm a pele mais escura”. A fauna e a flora são também apontadas pela maioria dos alunos como sendo diferentes, sendo este aspeto justificado pelo facto de o clima também ser diferente.

Tabela 29: Respostas dos alunos à questão 4 após leitura do conto “O macaco e o cágado

Aluno:	4. Se a história se passasse com outros animais em Portugal, pensa que as atitudes poderiam ser parecidas? Escreve um pequeno texto dando a tua opinião sobre estas questões.
A	“Sim. Porque se eles fossem egoistas como o macaco e o cágado iriam fazer a mesma coisa, apesar de eu achar que assim não se trata os amigos pois eu nunca iria fazer isto.
B	<i>Não respondeu.</i>
C	<p>“Um dia um cervo e uma rena tinham feito amizade com um javali. O cervo e a rena convidaram o javali para ir a sua casa comer um belo frango assado e farofa.</p> <p>No dia seguinte lá estava o javali a porta para comer o frango mas a mesa era muito alta e o javali não tinha altura suficiente.</p> <p>O Javali saiu esfomeado para casa dele, mas convidou o cervo e a rena para comer um frango assado na sua casa.</p> <p>No dia seguinte lá estavam a rena e o cervo para comer o frango mas casa era muito pequena eles não puderam entrar e saíram com muita fome.</p> <p>Se eles fossem bondosos e nada disso teria acontecido.”</p>
D	“ Em meu ver o que se passou com os animais não tem a haver com o país ou com o tipo de animal mas sim com a maneira de ser de cada um de nós. Na história tanto um como outro foram egoistas.”
E	“Sim, podiam porque os animais são irracionais e as suas atitudes são iguais.”
F	<p>“O cão e o gato</p> <p>Era uma vez um cão que fez amizade com um gato. O gato perguntou se queria almoçar á sua casa, o cão aceita. No dia seguinte o gato matou um rato o cão disse que não comia ratos o gato nem se empertou o cão ofendido disse que agora era o gato haver á casa do cão. Na semana seguinte o cão deitou o balde de água para o chão, disse para na quela ali o conselho parceu lógico o gato farto de andar com as patas de trás e usou as patas da frente o gato farto de as sujar ficou ofendido e ficou com fome e nunca mais foram amigos.”</p>

No que concerne à questão 4, em que é solicitado que os alunos opinem sobre as atitudes tomadas por outros animais caso a história ocorresse em Portugal, observamos alguns aspetos pertinentes. O aluno A refere que “se eles fossem egoistas como o macaco e o cágado iriam fazer a mesma coisa”, querendo com isto dizer que o que realmente importa são as atitudes/comportamentos tomadas por cada um e não o local de onde os intervenientes são originários. O mesmo é referido pelo aluno D que reforça que “o que se passou com os animais não tem a haver com o país ou com o tipo de animal mas sim com a maneira de ser de cada um de nós”. O aluno E também refere que as atitudes seriam semelhantes porque “animais são irracionais e as suas atitudes são iguais.”

Os alunos C e F não responderam como pretendido, ou seja, dando a sua opinião. No entanto, escreveram pequenas histórias de que é possível extrair alguns aspetos relevantes.

No caso do aluno C, mesmo não conhecendo a sua nacionalidade, era possível descobri-la ou, pelo menos, suspeitar. Na sua história faz referência a um cervo e a uma rena, animais pouco ou nada referidos por crianças portuguesas (com exceção da rena na época natalícia, o que não era o caso). Refere também o javali, sendo comum em Portugal, mas também noutros países. Por outro lado, ao referir-se à alimentação indica que as personagens iriam comer frango assado e “farofa”, que é um prato muito popular no Brasil. É facto que conhecíamos a nacionalidade do aluno, mas se dúvidas houvesse bastaria ler atentamente o seu texto. A história elaborada é em tudo idêntica ao conto analisado, no entanto, o aluno refere aspetos que remetem para o Brasil. Com isto subentendemos que independentemente de tudo o que possa acontecer, o local de origem não é factor que justifique atitudes tomadas. O aluno termina o seu texto referindo que “Se eles fossem bondosos e nada disso teria acontecido”.

O aluno F não deu a sua opinião, mas criou uma história idêntica à original utilizando animais muito comuns em Portugal: um cão e um gato. Durante a história refere comportamentos idênticos aos do cágado e do macaco o que nos permite subentender que o aluno considera que em Portugal as atitudes seriam semelhantes.

De forma geral consideramos que a atividade atingiu os objetivos propostos. Os alunos puderam contactar com outra cultura, aceitando uma realidade diferente sem criar juízos de valor sobre os factores culturais. Justificaram sempre os acontecimentos da história com as atitudes e comportamentos das personagens e não por estas serem de outro país. Mostraram-se muito interessados e participativos.

Podemos destacar dois aspetos que o comprovam: foi-lhes solicitada uma pesquisa sobre a fauna e flora de Moçambique e alguns alunos apresentaram o seu trabalho através de registos no caderno, livros feitos à mão, pesquisa exaustiva retirada da internet, cartazes e apresentações com recurso ao PowerPoint (Fig. 73). Alunos pouco motivados limitar-se-iam a registar algumas notas no caderno. Mas os trabalhos apresentados mostraram a dedicação e empenho dos alunos. Após a pesquisa recolhida, os alunos reuniram-se em pequenos grupos (Fig. 74) e elaboraram um texto com a informação recolhida pelos elementos do grupo que foi posteriormente apresentada e partilhada com a turma. A tabela 30, que em seguida se apresenta, reproduz a apresentação oral feita pelos alunos, que foi gravada em áudio, pelo que nem sempre foi perceptível o que era dito, o que justifica algumas frases incompletas de transcrição.

Tabela 30: Informação organizada pelos grupos e apresentada oralmente

<p>Texto 1:</p> <p>“Os ecossistemas constituem o habitat de espécies selvagens como o elefante, leões, leopardos, hipopótamos, chitas, crocodilos, macacos, tartarugas e grande número de aves, etc. A esta riqueza associam-se belas paisagens quer nas zonas altas, quer nas zonas costeiras.</p> <p>Moçambique é rico em fauna e flora terrestre e marítima. A orografia e o clima determinam três tipos de vegetação: floresta densa, nas terras altas do Norte e centro do país; floresta aberta e savana no Sul e na zona costeira e os mangais. O Moçambique sempre se afirmou como um polo cultural com intervenções marcantes de nível internacional no campo da arquitetura, pintura, música, literatura e poesia.”</p>
<p>Texto 2:</p> <p>“A fauna e a flora de Moçambique.</p> <p>Moçambique tem uma flora muito rica, por exemplo, acácia, eucaliptos, crótons. Os três tipos de vegetação mais importantes são: floresta densa, floresta aberta na savana do Sul e também rica na fauna, tendo muitos animais como elefante, leões, chitas e leopardos.”</p>
<p>Texto 3:</p> <p>“A fauna e a flora de Moçambique</p> <p>Moçambique é rico em fauna terrestre e marítima. As plantas de Moçambique são: plantas carnívoras, aloe vera, capim pé-de-galinha, babosa, (???), embondeiro. Fauna: impala, grou, zebra, girafa, elefante, crocodilo, leão, rinoceronte e hipopótamo.”</p>
<p>Texto 4:</p> <p>“A fauna e a flora de Moçambique</p> <p>Existem vários animais em Moçambique: palanca negra gigante, (???), elefantes da Gorongosa, hipopótamos da Gorongosa. Também existem várias espécies de plantas em Moçambique: abacateiro, acácia, sândalo, (???), camomila”.</p>
<p>Texto 5:</p> <p>Em Moçambique existem três tipos de vegetação: a floresta densa das terras altas do Norte e centro; floresta aberta e as savanas do sul e na zona costeira, os mangais. Os animais são: [nomes científicos que não conseguiram pronunciar].”</p>



Figura 72: Grupos de trabalho - fauna e flora de Moçambique

Figura 73: Trabalhos de pesquisa organizados pelos alunos

Outra situação que nos pareceu merecer destaque foi o facto de um aluno (da amostra) ter trazido um planisfério para mostrar às professoras e aos colegas e localizar novamente Portugal e Moçambique.

4. Conto Tradicional “Magia na Floresta Tropical” - Brasil

No dia 18 de junho de 2019 realizou-se a terceira e última atividade da presente investigação (Anexo H). Teve como ponto de partida o conto “Magia na Floresta Tropical”, recontado por Naomi Adler na obra *Contos de animais de todo o mundo*. A autora refere que o conto foi recolhido da tradição oral através de Indi Ramos, uma índia brasileira, em 1986.

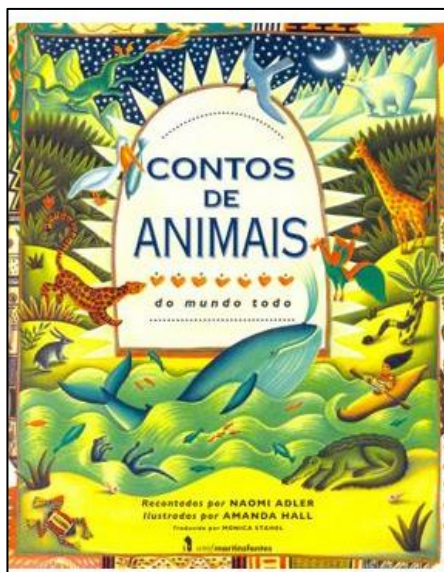


Figura 74: Contos de animais

Este conto apresenta-nos a história da floresta tropical, referindo a origem da noite que surgiu “de dentro do rio para o mundo” e a magia que envolve a floresta e quem lá habita. A história é muito rica em vocabulário, apresentando diversos animais, nomeadamente o quetzal, o tucano, o colibri, o papagaio, o armadillo, o papa-formigas, o tapir, o jaguar, a cobra, a águia harpia, entre outros. Essa foi uma das razões que levou à sua escolha, dado que muitos destes animais são típicos de uma geografia dos trópicos. Os protagonistas são a cobra, o jaguar e a águia harpia.

Como foi referido anteriormente, a turma é constituída por 20 alunos e as atividades foram desenvolvidas por todos, no entanto, seleccionámos uma amostra de seis alunos.

Nesta fase foi uma vez mais utilizada a mala de viagem de cartão como elemento integrador. A sua utilização, para além de interligar as diversas atividades, simboliza as viagens que podemos fazer para diversos pontos do mundo. Neste sentido, uma vez mais recorreremos ao barquinho de papel para representar as viagens. Nesta atividade em concreto, interessava-nos viajar até à floresta tropical no Brasil e até Moçambique, país africano, partindo de Portugal. Deste modo, e tratando-se da atividade final desta investigação, consegue-se interligar de forma didática os três contos dos três países estudados.

Quando iniciámos a aula, a mala de cartão já estava visível (Fig. 75 e 76), o que rapidamente despertou a atenção dos alunos, que imediatamente comentaram que era a segunda vez que viam aquela mala. De imediato, os alunos disseram que íamos “falar outra vez dos países” e “dos animais”. Após uma breve exploração da mala, uma aluna, de forma muito pertinente, questionou “se não faltava ali a bandeira do Brasil porque o texto que lemos em casa falava dos animais do Brasil”. Na atividade anterior a mala já tinha colada a bandeira de Portugal, e posteriormente colou-se a de Moçambique, logo, estava em falta a bandeira brasileira.



Figura 75: Mala de viagem com as bandeiras



Figura 76: Outra face da mala de viagem com mapa-múndi

Alguns alunos apresentaram justificações para não terem lido o texto, o que comprometeria um pouco a atividade pois seria necessário fazer uma análise mais detalhada que o previsto mas ainda assim foi possível.

Destacamos que esta aula foi gravada em vídeo, estando a câmara de filmar no fundo da sala de modo a perturbar o menos possível, mas ainda assim, causou alguma agitação nos alunos, dificultando por vezes o decorrer habitual da aula. Se por um lado adquirimos registos mais exatos, por outro, o facto de ser algo novo e diferente afeta um pouco o comportamento regular da turma.

Da mala de viagem foram retirados um barquinho de papel e o livro de onde o conto foi selecionado. Para facilitar a exploração da capa e uma vez que os alunos tinham apenas uma versão sem cores optámos por projetar a capa, enquanto os alunos acompanhavam o guião de leitura. Identificámos os vários animais que surgiam na capa e posteriormente agrupamo-los de acordo com os seus habitats e fizemos o registo no guião de leitura. Alguns alunos partilharam também com a turma outros animais que conheciam e a região de onde eram originários. Relembrámos também os animais dos contos anteriores: Portugal – Sapo, raposa e texugo; Moçambique – macaco e cágado.

No guião de leitura os alunos registaram os animais de que se lembravam da história lida em casa, assim como o nome do livro, da autora e ilustradora e foram questionados se o conto tinha sido escrito pela autora ou se este tinha sido recolhido junto de outras pessoas.

Voltámos a utilizar o mapa-múndi (Fig.77) para identificar a localização de Portugal, Moçambique e Brasil com recurso ao barquinho de papel e os alunos coloriram os países no mapa do seu guião. Colaram também as respetivas bandeiras.



Figura 77: Localização dos países no mapa-múndi

Em seguida procedemos à leitura de alguns excertos (previamente selecionados) do conto. A leitura foi feita em voz alta pelos alunos após uma leitura de exemplo pela professora.

Após a leitura os alunos foram questionados oralmente sobre alguns aspetos da história:

- Há muitos anos, como eram os dias e as noites na história?
- Quem trouxe a noite para a floresta?
- Porque é que é importante haver noite?
- Que outros animais entram na história que leram em casa e que não foram referidos na aula?
- Quais os animais (personagens) principais da história?

Os alunos responderam às questões colocadas, mas mostraram-se mais distraídos que o habitual. O facto de alguns não terem lido a história em casa como lhes havia sido indicado afetou o decorrer da aula. Apesar de terem sido lido alguns excertos na aula, os alunos queriam conhecer o resto da história, algo que não foi possível por falta de tempo. Foram também identificados os acontecimentos principais da história.

Como este conto referia muitos animais, muitos deles desconhecidos para os alunos, optámos por projetar a respetiva fotografia com o nome, aumentando assim o vocabulário dos alunos. É mais fácil memorizar algo que se conhece.

Quando questionados oralmente sobre os comportamentos dos animais, um dos alunos respondeu “sim e não” pois “a cobra fez mal e depois a águia fez mal mas também fez bem. A cobra fez mal aos olhos do jaguar mas a águia também roubou os olhos da cobra para ajudar o jaguar”. Depois de desenvolver um pouco mais as suas ideias este aluno considerou que tanto a cobra como a águia agiram mal, no entanto, considera que a águia não procedeu tão mal como a cobra pois queria ajudar o jaguar. A turma concordou com as suas ideias.

Outra das questões colocadas oralmente foi se pelo facto de os animais serem de países diferentes isso os leva a ter comportamentos diferentes. Uma das alunas da

amostra referiu que “Eu acho que, às vezes, ah... ah... as pessoas às vezes tratam mal outras pessoas porque são de outra raça. E os animais podem tratar mal os outros.” De modo a que pudesse dar seguimento ao seu raciocínio, a aluna foi questionada se achava que essas pessoas agiam corretamente. A aluna respondeu “Não. Porque as pessoas até podem ser diferentes mas têm os mesmos direitos das pessoas de outra raça. São iguais, só muda é a raça.” A resposta desta aluna sintetizou as várias ideias lançadas pela turma mas que não conseguira elaborar respostas coerentes. Ela demonstra, assim, compreender que as pessoas erradamente tratam de forma diferente pessoas de outras raças e que isso não deveria acontecer porque como ela diz; são iguais, só têm raças diferentes.

Em seguida, os alunos responderam por escrito a três questões, que de certa forma já haviam sido introduzidas oralmente:

1. Se em vez de animais a história tivesse personagens humanas achas que por ser de outro país/cultura essa pessoa deve ser tratada de forma diferente? Porquê?
2. Achas que devemos obrigar essas pessoas a viverem como nós ou podemos e devemos aceitá-las tal como são, com hábitos do seu país/cultura?
3. Podemos viver todos em harmonia e sem conflitos?

Lembramos que a turma é constituída por 20 alunos sendo a amostra composta por seis alunos. No dia em que esta atividade foi realizada um dos alunos da amostra não esteve presente e como tal analisaremos apenas as respostas de cinco elementos da amostra. Destacamos que o aluno em questão é de nacionalidade brasileira, chegado recentemente a Portugal e como tal teria sido uma mais valia dado que o conto trabalhado era originário do Brasil.

Os alunos serão identificados por letras, pela ordem alfabética com que surgem na pauta. As respostas serão apresentadas tal como foram redigidas pelos alunos sendo por isso natural que existam erros ortográficos e ao nível do conteúdo.

Tabela 31: Respostas dos alunos à questão 1 após leitura do conto “Magia na floresta Tropical”

Aluno:	1. Se em vez de animais a história tivesse personagens humanas achas que por ser de outro país/cultura essa pessoa deve ser tratada de forma diferente? Porquê?
A	“Não, porque todas as pessoas devem ser tratadas da mesma maneira.”
B	“Não, porque todas as pessoas têm de ser tratadas da mesma forma por serem pobres, de outra cultura, etc.”
C	FALTOU
D	“Não. Porque toda a gente é igual mas só muda a rasa.”
E	Não, porque as pessoas são todas iguais.”
F	“Não porque somos todos iguais”.

Ao analisar estas respostas e tendo em conta tudo o que foi dito pelos alunos em sala de aula parece haver consenso no que diz respeito à forma de tratamento de

peças de outros países ou culturas: todos devem ser tratados de igual forma uma vez que somos todos iguais, não importando se são de outra cultura, se são ricos ou pobres.

Tabela 32: Respostas dos alunos à questão 2 após leitura do conto “Magia na floresta Tropical”

Aluno:	2. Achas que devemos obrigar essas pessoas a viverem como nós ou podemos e devemos aceitá-las tal como são, com hábitos do seu país/cultura?
A	“Não, devemos aceitá-las como são as pessoas porque as pessoas são todas iguais.”
B	“Podemos e devemos aceitá-las como são porque não têm culpa de ser assim e de viver daquela forma”.
C	FALTOU
D	“Não. Porque devemos respeitar as outras pessoas de outra raça.”
E	“Acho que não devemos obrigar ninguém porque [RESPOSTA INCOMPLETA]
F	“Não devemos obrigá-las e aceitá-las como eles são.”

Também a esta resposta os alunos se mostraram muito coerentes, ainda que não tenham desenvolvido muito as suas respostas. No entanto, podemos afirmar que para estes alunos não devemos obrigar pessoas oriundas de outros países e culturas a viver de acordo com os nossos hábitos e costumes. Devemos, sim, aceitar o seu modo de vida, porque, nas suas palavras, essas pessoas “não têm culpa de ser assim e de viver daquela forma”, “as pessoas são todas iguais” e “devemos respeitar as outras pessoas de outra raça”.

Tabela 33: Respostas dos alunos à questão 3 após leitura do conto “Magia na floresta Tropical”

Aluno:	3. Podemos viver todos em harmonia e sem conflitos?
A	“Sim, porque todas as pessoas são iguais.”
B	“Sim para ser um mundo melhor”.
C	FALTOU
D	“Sim. Porque assim podemos viver sem harmonias.”
E	“Sim porque devemos ser todos amigos.”
F	“Sim porque assim o mundo é melhor.”

Quando questionados se podemos viver todos em harmonia e sem conflitos, os alunos, uma vez mais, mostraram-nos que ainda é possível ter esperança num mundo

melhor. Segundo eles, podemos viver em harmonia e sem conflitos pois “todas as pessoas são iguais”, “devemos ser todos amigos” e “porque assim o mundo é melhor”.

Conclui-se, através dos debates sobre cada um dos três contos, que as crianças revelam consciência das diferenças associadas a outros espaços e culturas mas não consideram essas diferenças de forma discriminatória.

Capítulo VIII- Considerações finais

1. Considerações finais

No capítulo que finaliza este Relatório de Estágio, destacamos a importância da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico na nossa formação enquanto futuras educadoras e/ou professoras. Tanto a PSEPE como a PES exigiram de nós muito trabalho e dedicação mas as crianças compensaram-nos no afeto e nas aprendizagens. Todos os momentos nos transmitiram ensinamentos. Não só aqueles que correram bem e foram um sucesso mas também os que não foram tão positivos e que nos permitiram compreender o que podemos fazer para melhorar e evoluir. É preciso, para isso, estar em constante processo de reflexão. Só assim podemos evoluir, evitando situações que à partida sabemos não serem facilitadoras de aprendizagem e procurar, constantemente, o que pode ser vantajoso para nós enquanto educadoras e/ou professoras e para as crianças com que trabalhamos.

Durante a nossa investigação começámos por explorar um conto português, por ser uma realidade mais próxima dos alunos e só depois partimos à descoberta de um conto moçambicano e, por fim, de um conto brasileiro.

Tendo em conta as duas questões da investigação: “Os contos tradicionais com animais de culturas lusófonas promovem aprendizagens interculturais em alunos do 1.º CEB?” e “Os contos tradicionais com animais são motivadores para a aprendizagem dos alunos do 1.º CEB?” verificamos que, em relação à primeira questão, os contos de culturas lusófonas promoveram aprendizagens interculturais nos alunos do 1.º ciclo, tendo estes compreendido que há diferenças e semelhanças entre as culturas mas que isso não é um fator discriminatório, é aliás, enriquecedor. Relativamente à segunda questão, sabíamos, por estudos realizados anteriormente e pela experiência pessoal, que os animais são desde sempre um elemento que atrai as crianças e com que estas se identificam. Como refere Bettelheim (1975, p.367), “As crianças têm uma afinidade natural com os animais e frequentemente se sentem mais próximas deles do que dos adultos (...)”. Tal veio, uma vez mais, a comprovar-se. Era uma turma que gostava de ouvir histórias mas, se estas envolvessem animais, as crianças ficam mais envolvidas. Deste modo, podemos afirmar que, efetivamente, os contos tradicionais com animais são motivadores para a aprendizagem dos alunos.

Quanto aos objetivos específicos, verificamos que conseguimos:

- a) Promover a sensibilidade à diversidade cultural em alunos do 1.º CEB através de contos tradicionais, pois a turma mostrou-se desde o início sensível à questão da diversidade cultural. A maior evidência disso era a total integração de um colega de origem brasileira, não existindo qualquer distinção entre ele e os outros colegas. A única “distinção” existente era pela positiva: logo no início da PES contaram alegremente que o colega era brasileiro e mostravam orgulho nisso. Este aluno era, inclusive, muitas vezes escolhido pelos colegas como

representante da turma ou como o melhor aluno da turma, em avaliação e comportamento, nas avaliações finais de período.

- b) Descrever a influência dos contos de animais dos países lusófonos em aprendizagens interculturais em alunos do 1.º CEB, uma vez que as crianças através dos contos compreenderam que há culturas que diferem da cultura portuguesa, no entanto, identificaram também a existência de semelhanças. Para esta turma, não são as diferenças culturais que definem uma pessoa, de forma negativa ou positiva, mas sim as suas atitudes e comportamentos. Nas palavras dos alunos “as pessoas são todas iguais” e “devemos respeitar as outras pessoas de outra raça”.
- c) Analisar a importância dos contos de animais para a motivação na aprendizagem dos alunos do 1.º CEB, pois foi possível comparar a aceitação/motivação das crianças na leitura de histórias com animais e sem animais. Ao longo da PES foram analisadas várias histórias, muitas delas sem animais, e foi evidente que os alunos mostravam mais entusiasmo e motivação sempre que as histórias envolviam animais.
- d) Desenvolver atitudes de respeito pelo meio ambiente em alunos do 1.º CEB, uma vez que os alunos sempre mostraram muito respeito pelos animais e pelas plantas. Ao longo das aulas tivemos sempre o cuidado de chamar a atenção para o respeito pelo meio ambiente e pela preservação da Natureza, nomeadamente a questão da poluição e a necessidade de proteger os animais e as plantas pois algumas espécies encontram-se em risco de extinção. Todos estes aspetos fazem parte do currículo e nunca é demais alertar para estas questões.

No entanto, verificámos que não alcançámos totalmente um dos objetivos: “Desenvolver atitudes de respeito pelo Outro em alunos do 1.º CEB”. Os alunos mostraram-se sempre muito recetivos à diferença e referiram que todos somos iguais e que não devemos ser tratados de forma diferente. Uma prova disso, como já referimos, era a relação que mantinham com o colega brasileiro. No entanto, o mesmo não acontecia no dia-a-dia com outro elemento da turma, oriundo do mesmo meio cultural que a turma. Tratava-se de uma criança de um meio social mais baixo, com algumas dificuldades de aprendizagem (estava sinalizada com NEE) e que mostrava alguma timidez, resultado das dificuldades que tinha em acompanhar a turma nas aprendizagens. Por norma, esta era uma criança que estava quase sempre sozinha e quando brincava com os colegas era, nas palavras de um aluno, “porque tenho pena de o ver sozinho”.

Podemos com isto concluir que os objetivos foram alcançados na sua quase totalidade, sendo evidente que a turma compreende e aceita eventuais diferenças

resultantes de outras origens culturais, revelando, ainda assim, que no quotidiano faz alguma distinção entre colegas de meios sociais mais baixos e/ou com algumas dificuldades de aprendizagem.

Ficámos bastante satisfeitas com o resultado alcançado, no entanto há ainda algum a desenvolver. Nem sempre os comportamentos das crianças são da sua exclusiva responsabilidade. Em muitos casos, e aqui estamos apenas a conjecturar uma vez que não temos evidências que o provem, as crianças espelham também aquilo que ouvem/vêem no meio familiar de onde são oriundas.

Toda a experiência foi enriquecedora e o estudo que realizámos permitiu-nos recolher dados que nos moldaram enquanto pessoas e futuras educadoras e/ou professoras. Nesta bola de neve que é a educação, muito há ainda a fazer e, como refere Romero (2010, p. 21), é fundamental “a necessidade de não exagerar as diferenças, de não perder de vista os aspetos comuns e as convergências, as componentes de classe e o estatuto social”.

Bibliografia

- AEAL (2014). *Regulamento Interno*. Castelo Branco: Agrupamento de Escolas Amato Lusitano.
- AEAL (2015). *Plano de Estudo e Desenvolvimento Curricular*. Castelo Branco: Agrupamento de Escolas Amato Lusitano.
- AEAL (2017). *Projeto Educativo*. Castelo Branco: Agrupamento de Escolas Amato Lusitano.
- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 20 de junho de 2017, in: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma Qualitativo%20\(1%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o atualizada\).pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma%20Qualitativo%20(1%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20atualizada).pdf)
- Araújo, P.C.A (s.d). Educação intercultural: Encontro entre culturas, diálogo de saberes. *Red Internacional de estudios interculturales*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú. Acedido a 12 de fevereiro de 2019, in <http://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/35.pdf>
- Balça, A. (2015). Contos tradicionais: Língua, Cultura e Imaginário. In F. Azevedo (Coord.), *Literatura Infantil e Imaginário*. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança/Instituto da Educação. PP.27-30. Acedido 12 de fevereiro de 2019, in <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/17120/3/Bal%C3%A7a%20Imagin%C3%A1rio%202015.pdf>
- Balça, A. e Pires, M. N. (2013). *Literatura Infantil e juvenil – Formação de Leitores*. Lisboa: Santillana.
- Balça, A. e Azevedo, F (2015). Os contos não têm fronteiras: releituras para crianças de um conto tradicional em Portugal e no Brasil, in *Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens*. Org. de Eliane Debus e Regina Michelli. Rio de Janeiro: Dialogarts. PP. 30-42. Acedido a 02 de fevereiro e 2019, in [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/17117/1/Angela Fernando.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/17117/1/Angela%20Fernando.pdf)
- Banks, J. A. (2016). Civic Education in the Age of Global Migration. In *Global Migration, Diversity, and Civic Education. Improving Policy and Practice*. Columbia: Columbia University. Teachers College Press. Acedido a 25 de agosto de 2017, in <https://www.amazon.com/Global-Migration-Diversity-Civic-Education/dp/0807758094>.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bettelheim, B. (2003). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. 10ª Edição. Viseu: Bertrand Editora.
- Bogdan, R. C. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bordoni, T. (s.d). *Descoberta de um Universo: A evolução do desenho infantil*. Acedido a 02 de outubro de 2017 in <http://www.profala.com/arteducesp62.htm>.
- Câmara Municipal de Castelo Branco (2017). Castelo Branco. Acedido a 10 de novembro de 2017, in <http://www.cm-castelobranco.pt/municipe/>.
- Canastra, F., Haanstra F., Vilanculos M. (2015). *Manual de Investigação Científica da Universidade Católica de Moçambique*. Beira: Instituto Integrado de Apoio à Investigação Científica. Universidade Católica de Moçambique. Acedido a 21 de junho de 2017 in: [http://reid.ucm.ac.mz/manual/Manual-de-Investigacao-da-UCM Janeiro-de-2015.pdf](http://reid.ucm.ac.mz/manual/Manual-de-Investigacao-da-UCM_Janeiro-de-2015.pdf).
- Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J.P e Rodrigues, I. (2008). *Sentido de número e organização de dados. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Comunidade de Países de Língua Portuguesa (2008). *O conceito de lusofonia e cooperação na promoção e difusão da língua portuguesa- Tópicos de intervenção*. Encontros de lusofonia em Torres Novas. Acedido a 05 de fevereiro de 2019, in <https://www.cplp.org/id-4447.aspx?Action=1&NewsId=588¤tPage=50&M=NewsV2&PID=10872>.

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (2017). *Língua, Cultura e Educação*. Acedido a 29 de setembro de 2017, in <https://www.cplp.org/id-4177.aspx>.

Correia, M.C. (2009). A Observação Participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, vol. 13, Nº 2, 2º semestre, pp. 30-36. Lisboa: Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Acedido a 15 de janeiro de 2019, in http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf.

Cortesão, L. e Pacheco, N. (1991). O conceito de educação intercultural: interculturismo e realidade portuguesa. *Inovação: Revista do Instituto de Inovação Educacional*. Vol. 4 Nº. 2 p. 31-44. Acedido a 25 de agosto de 2017, in https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=557872.

CSPR (2017). *Projecto Curricular de Grupo 2017/2018*. Castelo Branco: Centro Social Padres Redentoristas.

CSPR (2017). *Projecto Pedagógico 2017/2018*. Castelo Branco: Centro Social Padres Redentoristas.

CSPR (2017). *Regulamento Interno*. Castelo Branco: Centro Social Padres Redentoristas.

Decreto-Lei n.º 115-A/98 (1998). Diário da República, nº 102, Série I-A (04-05-1998).

Decreto-Lei n.º 241/2001 (2001). Diário da República, nº 201, Série I-A, (30-08-2001).

Denzin, N. e Lincoln. Y.S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.

Despacho Conjunto n.º 268/97 (1997). Diário da República, nº 195, série II, (25-05-1997).

Dolan, A.M (2014). Intercultural Education, Picturebooks and Refugees: Approaches for language teachers. *CLELE journal*, volume 2, Issue 1, pp.92-109. Acedido a 10 de janeiro de 2019, in <http://clelejournal.org/wp-content/uploads/2014/05/Dolan-Intercultural-Education-Picturebooks-and-Refugees.pdf>.

Holm, G. e Zilliacus (2009). Multicultural Education and Intercultural Education: Is There a Difference? *Dialogues on Diversity and Global Education*, pp.11-28. Berlin: Peter Lang. Acedido a 12 de janeiro de 2019, in https://www.researchgate.net/profile/Harriet_Zilliacus/publication/281555019_Multicultural_education_and_intercultural_education_Is_there_a_difference/links/5800c81108aec0ee86b89f27/Multicultural_education_and_intercultural_education_Is_there_a_difference.pdf.

Loizos, P. (2008). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer, M. W. e Gaskell, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

Lüdke, M., e André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU. Acedido a 20 de fevereiro de 2020, in https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4247151/mod_resource/content/2/Lud_And_cap3.pdf.

Marques, C. e Bastos, G. (2016). A educação intercultural e a literatura infantil: perspetivas e práticas na educação infantil. *Atas do XIII Congresso SPCE: Fronteiras, diálogos e transições na Educação*, pp. 479-485. Viseu: Escola Superior de Viseu. Acedido a 12 de janeiro de 2019, in http://www.esev.ipv.pt/spce16/atas/XIII_SPCE_2016_atas_D.pdf.

Martins, E.C. (2002). Programa de Educação Intercultural na Escola. *Revista Aprender*, n.º 26, pp.96-107. Portalegre: Escola Superior de Portalegre. Acedido a 13 de dezembro de 2018, in <http://legado.esep.pt/aprender/index.php/downloads?download=168:revista-aprender-n-26>.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, L. (2006). O conto tradicional português na aula: proposta de atividades. *Actas do 6.º Encontro Nacional (4.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração* (pp.146-157). Braga: Universidade do Minho. Acedido a 02 de janeiro de 2019, in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13556>.

Morgado, M. e Pires, M. N. (2010). *Educação intercultural e literatura infantil: vivemos num mundo sem esconderijos*. Lisboa: Edições Colibri.

Pais, A. (2010). *Fundamentos didatológicos e técnico-didáticos de desenho de unidades didáticas para a área de Língua Portuguesa*. Castelo Branco: Escola Superior de Educação do IPCB. Acedido 20 de dezembro de 2018, in https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1072/1/Artigo_UD.pdf.

Pereira, L. (2011). O contributo africano para o fabulário da expressão portuguesa. *Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura, dos Colóquios de Lusofonia*, 0, (p.133-144). Acedido a 09 de janeiro de 2019 in <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/22028/1/O%20contributo%20africano%20para%20o%20fabul%C3%A1rio%20da%20express%C3%A3o%20portuguesa%20-%20pp.%20133-144.pdf>.

Perotti, A. (2003). *Apologia do Intercultural*. Lisboa: Ministério da Educação.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. 4.ª edição. Lisboa: Gradiva.

Ramos, A.M (2005). As fábulas e os bestiários na literatura de receção infantil contemporânea. *Forma breve 3 A Fábula*. Aveiro: Universidade de Aveiro. PP.169-194. Acedido a 19 de janeiro de 2019, in <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/231/201?fbclid=IwAR1OZx3B8KsM8P18BV2neifCN11LwzUHuTltWk1J8ze5sqA7E9selazQR3o>.

Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Edições Almedina.

Resolução da Assembleia da República n.º 54/2007 (2007). Diário da República, 1.ª série, N.º 54. (16-03-2007).

Ribeiro, L.M.P.P. (2007). *O Homem e o poder nos Contos Tradicionais portugueses*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Acedido a 22 de agosto de 2017, in https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/80/1/msc_lmppribeiro.pdf.

Rodrigo, M. (2000). La comunicación intercultural. *Aula Abierta, Lecciones Básicas*. Portal de la Comunicación de la Universitat Autònoma de Barcelona. Acedido a 14 de dezembro de 2018 in http://portalcomunicacion.com/lecciones_det.asp?lng=esp&id=1.

Romero, C.G. (2003). Pluralismo, multiculturalismo e interculturalidad. Propuesta de clarificación y apuntes educativos". *Editorial CES - Don Bosco - EDEBÈ*. Acedido a 12 de fevereiro de 2019, in <http://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/100416.pdf>.

Romero, C.G. (2010). *Interculturalidade e mediação*. Lisboa: ACIDI. Acedido a 12 de fevereiro de 2019, in <https://www.acm.gov.pt/documents/10181/233158/4.+Interculturalidade+e+Media%C3%A7%C3%A3o.pdf/2c32448e-acee-4788-90f1-483e101f2ff9?version=1.0>.

Sales, M. (2014). *A presença das Narrativas Tradicionais no imaginário dos jovens em Idade Escolar*. Évora: Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais. Acedido a 10 de fevereiro de 2019, in http://www.rdpuc.uevora.pt/bitstream/10174/12239/2/Dissertacao_Maria%20da_Luz.pdf.

Santos, D. (2013). *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula: opiniões e perspectivas de um grupo de professores do 3ºciclo e do Secundário de uma escola de Lisboa*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Instituto de Educação. Acedido em junho, in

http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/5146/Dionisia_Santos_Disserta%C3%A7%C3%A3oFinal.pdf?sequence=1.

Sierra Bravo, R. (1991). *Técnicas de investigación social. Teoría y ejercicios*. 7ª. Edição (revista). Madrid: Editorial Paraninfo SA.

Silva, L.T. B, Moura, M.F.E.M., Silva, S.TL.B. e Santos, S.D.M (2017). Literatura Infantil e Cultura: Trajetórias para a Inclusão social. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Culturas e Sociedade*, Vol. 3, ed. Especial, artigo n.º 458. Acedido a 15 de janeiro de 2019 in <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/458/239>.

Silva, V.A e Rebolo, F. (2017). A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor. *Interações*, v.18, n.1, pp.179-190. Acedido a 10 de janeiro de 2019, in <http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/1483/pdf>.

Sisto, C. (2010). O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa mundo, atravessa o homem. *Revista Tabuleiro de letras*. Número especial. Acedido a 15 de Dezembro de 2018, in http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_especial/pdf/revista_completa_numeroespecial.pdf.

Sol, H. (2009). Em meses de inverneira, histórias à lareira. Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade. *Carnets, cultures littéraires:nouvelles performances et développement*, n.º spécial, automne/hive, (pp.105-113). Acedido em janeiro de 2019, in https://www.researchgate.net/publication/265291674_Herminia_EM_MESES_DE_INVERNEIRA_HISTORIAS_A_LAREIRA_Proverbios_e_dizeres_enquanto_transmissores_de_valores_culturais_e_de_identidade/link/54073a7f0cf2bba34c1e9507/download.

Traça, M.E. (1992). *O fio da memória. Do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

UNESCO (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Acedido a 25 de agosto de 2018, in http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf.

Vieira, A.M. (2006). *O contributo da literatura infantil para a educação intercultural. Experiência em contexto de sala de aula*. Tese de mestrado, Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 10 de novembro de 2018, in <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/639/1/LC165.pdf>.

Vieira, G. S. (s.d). *Contos africanos e seu universo mágico: literário e artístico*. São Leopoldo/RS: Escola E.M.E.F. Maria Edila Da Silva Schmidt. Acedido a 10 de junho de 2017, in <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016707.pdf>.

Anexos

Anexo A - Grelha de observação das crianças da sala dos três anos

Categorias		Identificação das Crianças			
		Criança E	Criança F	Criança H1	Criança H2
Motivação/bem-estar		Mostra-se à vontade no JI mas não se sente confortável em atividades de dança/música	Gosta de estar no JI e mostra interesse pelas atividades.	Boa adaptação ao JI. Chega alegre mas por vezes faz birras (à chegada). Brinca com as outras crianças.	Mostra-se contente ao chegar ao JI. Interessa-se pelas atividades desenvolvidas.
Autonomia		Escolhe brincadeiras (cantinho da garagem); para realizar outras atividades estas têm de lhe ser impostas,	Realiza as tarefas do quotidiano de forma autónoma; escolhe as suas brincadeiras e conhece o local de todos os brinquedos.	Escolhe brincadeiras; come e bebe sem ajuda. Quando se sente inseguro vai à mochila buscar a mochila.	Escolhe as suas brincadeiras. Sabe onde estão os brinquedos/jogos que usa com regularidade. É autónomo nas tarefas quotidianas.
Interações sociais		Interage com as outras crianças e adultos mas não é de resposta pronta. Prefere não falar quando questionado sobre algo.	Interage com crianças e adultos.	Interage com os adultos e crianças. Muito alegre, de sorriso fácil. Gosta de mimos.	Interage com crianças e adultos de forma alegre e mostrando à vontade.
Comunicação	Compreensão	Compreende o que lhe é dito mas por vezes prefere ignorar.	Compreende as informações que lhe são transmitidas, a si e aos colegas.	Compreende com clareza as informações que lhe são transmitidas.	Compreende o que lhe é dito e responde/reagem em conformidade.
	Expressão	Pouco conversador. Fala com mais à vontade e clareza quando não está na presença de outras crianças.	Expressa-se com clareza e à vontade. Conversa com adultos e crianças.	Faz pedidos e expressa-se de forma clara.	Expressa-se de forma clara e audível.

Linguagem	Verbal	Comunica com as crianças durante as brincadeiras mas nem sempre dá resposta quando questionado pelos adultos da sala,	Comunica com os amigos durante as brincadeiras. É fácil de compreender e usa vocabulário em contexto.	Linguagem clara e perceptível.	É uma criança faladora. Linguagem clara e perceptível. Faz pedidos, mostra os brinquedos e conta pequenas histórias.
	Não verbal	Gosta de dar abraços. Desvia o olhar ou olha para cima quando falam com ela e não quer responder.	O seu entusiasmo nas brincadeiras é visível através da sua posição corporal.	Gosta de dar abraços como forma de dar e receber carinho.	A sua expressão corporal demonstra o interesse pelas atividades e brincadeiras.
Desenvolvimento	Motor	Adequado à idade. Come e bebe sem ajuda (quando não se distrai em brincadeiras). Calça-se e descalça-se.	Adequado à idade. Conhece o seu corpo e explora as suas capacidades.	Adequado à idade.	Adequado à idade. Por vezes não mede a força que tem quando brinca com as outras crianças.
	Cognitivo (org. do pensamento; compreensão do mundo físico e social)	Raciocínio claro (quando o demonstra verbalmente).	Raciocínio organizado; aplica no quotidiano os conhecimentos que adquiriu sobre o mundo físico e social.	Pensamento organizado visível na forma como aplica os conhecimentos que já possui.	No jogo dos “preguinhos” organiza as peças por cores. É muito distraído.
	Socio-emocional	É uma criança meiga, por vezes traquina e relutante em cumprir algumas indicações.	Criança meiga, mostra prazer em estar com as outras crianças e em brincar com elas.	É uma criança alegre e meiga. É interessada e gosta de dar/receber mimo.	É uma criança meiga, conversadora e alegre. Gosta de brincar com os outros e interage facilmente com os adultos.

Anexo B - Teatro de Fantoques (pré-escolar) - redigido pelas estagiárias

TEATRO COM FANTOCHES O Pão por Deus

PERSONAGENS:

- AVÓ MARIA FANTOSINA
- CRIANÇA 1 - TOMÁS
- CRIANÇA 2 - MARIANA

AVÓ: - Olá meninos! Bom dia. Querem ouvir uma história que vos vou contar?

- *Sim (crianças da sala)*

CRIANÇAS 1 e 2 (EM CORO): - Bom dia avó!! Também podemos ouvir a tua história?

AVÓ: - Claro que sim!

CRIANÇA 1: -A história é sobre o quê, avó?

AVÓ: - Sabem.... É que os meninos agora só falam nisso do Halloween, ou lá como se diz, mas quando eu era da vossa idade não havia nada disso!

CRIANÇA 2: Não havia? Como é isso possível? É tão giro!

AVÓ: - Mas eu também me divertia.... E muito! Eu ia pedir o Pão-por-Deus!

CRIANÇAS 1 E 2: - Pão-por-Deus? O que é isso avó?

AVÓ: - Na aldeia onde eu morava os meninos iam com um saquinho pedir doces à casa das pessoas.

CRIANÇAS (1 e 2): - Mas isso é o que nós fazemos!

AVÓ: - Pois... Mas vejam lá se também cantavam assim:

*"Pão por Deus,
Fiel de Deus,
Bolinho no sacco,
Andai com Deus. "*

CRIANÇA 1: - Nós não cantamos isso, mas perguntamos assim:

-Doçura ou travessura?

AVÓ: - No meu tempo, quando nós batíamos à porta de alguém que nos dava alguma coisa, maçãs, castanhas, diospiros, laranjas, nozes, broas, dinheiro ou rebuçados ou até pão nós cantávamos:

*"Esta casa cheira a pão e broa
Aqui mora gente boa.
Esta casa cheira a vinho
Aqui mora algum santinho."*

CRIANÇA 2: - Então e quando não davam nada?

AVÓ: - Então, quando não davam nada nos cantávamos outra cantiga:

*"Esta casa cheira a alho
Aqui mora um espantalho*

CRIANÇA 1: - Ai que engraçado!

AVÓ: - No final da manhã os meninos juntavam-se todos e dividiam o que receberam ao longo da manhã.

CRIANÇA 2: - Sabes avó, nós também vamos pedir doces e outras coisas, mas nós vamos mascarados.

CRIANÇA 1: - Há meninos que vão mascarados. Vão vestidos de fantasmas, bruxas, abóboras, morcegos...

AVÓ: - Também parece engraçado. Então e de que é que vocês se vão mascarar este ano?

CRIANÇA 1: - Eu vou vestir-me de bruxa!

CRIANÇA 2: - Eu este ano vou ser um fantasma!!

CRIANÇA 1: - Olha avó nós temos que ir embora. Vamos ajudar os nossos pais a decorar a casa para o Halloween. Assim, quando os outros meninos baterem à porta para pedir doces ou travessuras, a nossa casa vai ser a mais bonita da rua.

AVÓ: - Então vão lá meninos. Divirtam-se muito. Depois quero saber como correu o vosso Halloween!

CRIANÇA 1: - Nós depois quando viermos fazer uma visita contamos-te tudinho. Gostamos muito de ti avó.

Anexo C - Planificação da semana de 11 a 14 de dezembro de 2017 (Educação Pré-escolar)

Cronograma das Planificações – Educação Pré-Escolar

11 de dezembro de 2017	O Natal: treino da consciência fonológica
12 de dezembro de 2017	Natal
13 de dezembro de 2017	Ensaio geral
14 de dezembro de 2017	Natal: treino da motricidade fina

Grelha de Planificação Quinzenal	
Área de Conteúdo Domínio ou Componentes ▪ Subdomínio	Aprendizagens a promover
Área de formação Pessoal e Social – Independência e autonomia; – Consciência de si como aprendiz	– Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros; – Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar; – Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver dificuldades e problemas que se lhe colocam
Área de Expressão e Comunicação Comunicação oral Prazer e motivação para ler e escrever	– Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; – Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) – Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação;

<p>Consciência linguística</p> <p>– Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais</p> <p>Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (consciência fonológica) – Identificar diferentes palavras numa frase (consciência da palavra); – Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas (colagens e pinturas). – Apreciar espetáculos teatrais e outras práticas performativas
<p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <p>– Conhecimento do mundo físico e natural</p> <p>– Mundo Tecnológico e Utilização das Tecnologias</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. – Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens

Roteiro Diário: 11 de dezembro (2.ª f) Tema: Natal: treino da consciência fonológica			
Área de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Atividades Previstas • Recursos Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas
<p>Área de formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> – Independência e autonomia; <p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> – Conhecimento do mundo físico e natural <p>Área de Expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> – Comunicação oral 	<ul style="list-style-type: none"> – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros – Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. – Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; – Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) 	<p>Acolhimento Brincadeiras livres Entoação da canção do Bom dia; Que tempo faz lá fora – registo no quadro do tempo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogos da sala; • Quadro do tempo; 	<ul style="list-style-type: none"> – Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização de jogos, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa. – Identifica o tempo que faz lá fora; – Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo; – Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções
<p>Área de Expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> – Prazer e motivação para ler e escrever 	<ul style="list-style-type: none"> – Compreender que a leitura e a escrita são atividades 	<p>Hora da história: <i>“Uma prenda de Natal”</i> de Uma M. Christina Butler</p> <ul style="list-style-type: none"> • Computador • Projetor 	<ul style="list-style-type: none"> – Ouve atentamente histórias, mostrando prazer e satisfação;

Área de conhecimento do Mundo – Mundo Tecnológico e Utilização das Tecnologias	que proporcionam prazer e satisfação; – Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens.	<ul style="list-style-type: none"> • Tela • Ficheiro com a história 	– Fala sobre recursos tecnológicos utilizados na projeção da história;
Área de Expressão e comunicação	– Tomar consciência gradual sobre diferentes segmentos orais que constituem as palavras (consciência fonológica) – Identificar diferentes palavras numa frase (consciência da palavra);	Treino da consciência fonológica – “Vamos brincar com as palavras”	– Identifica o número de palavras de uma frase; – Identifica o número de sílabas de uma palavra;
		Ensaio de Natal	
Área de Formação Pessoal e Social – Independência e autonomia	– Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar. – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.	Brincadeiras livres	– Escolhe as atividades que pretende realizar e vai adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo.
		Higiene Almoço Sesta	– Realiza de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).

Estratégias:

- Enquanto aguardamos a chegada de todas as crianças, as que estão presentes na sala realizam atividades livres;
- Após a chegada de todas ou da grande maioria indico às crianças que devem arrumar e sentar-se na manta;
- Cantamos a canção do Bom dia; observamos e registamos o estado do tempo;
- Para a exploração da história/consciência fonológica:

Antes de contar:

- Identifico o tema da história: os animais e as prendas de Natal;
- Questiono as crianças sobre os animais que conhecem e registo, por escrito, todos os animais ditos por elas;
- Aproveito os que entram na história e crio suspense (“Será que este animal vai entrar na nossa história?”);

Durante a história:

- Antes de começar, indico às crianças que devem estar atentas para descobrirem quais os animais que já dissemos e que entram na história;
- Sempre que as crianças reconhecerem um dos animais, assiná-lo esse facto: “Muito bem, ainda se lembram!”

Depois da história:

- Após a história, construo pequenas frases sobre os animais da história:
 - O ouriço recebeu uma prenda do Pai Natal.
 - O coelho é amigo do ouriço.
 - O texugo estava com frio
 - A raposa tinha um gorro.
- Cada uma das frases é dita lentamente;
- As crianças devem bater uma palma por cada uma das palavras da frase.
- As frases são escritas numa folha (colocada no cavalete).
- Por baixo de cada frase, depois de as crianças identificarem/contarem cada uma das palavras, coloco uma bolinha para cada uma das palavras;
- Depois indico às crianças que se devem levantar e fazemos uma roda, na sala.
- Retiro uma imagem de uma saquinha (antes uso a cantiga da “saquinha das surpresas”). De acordo com a imagem retirada (correspondente a um animal) batemos com o pé no chão por cada sílaba (“bocadinho”). Repetimos para cada um dos animais retirados da saquinha (apenas os da história).
- Colamos a imagem no cavalete e por baixo representamos, com um triângulo, cada uma das sílabas da palavra.

- A cor das figuras é diferente para cada um dos animais.
- Por fim, indico às crianças que podem realizar atividades livres.
- Ensaio de Natal.

Roteiro Diário: 12 de dezembro (3.ª f)			
Área de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Atividades Previstas • Recursos Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas
<p>Área de formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> – Independência e autonomia; <p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> – Conhecimento do mundo físico e natural <p>Área de Expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> – Comunicação oral 	<ul style="list-style-type: none"> – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros – Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. – Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; – Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) 	<p>Acolhimento Brincadeiras livres Entoação da canção do Bom dia; Que tempo faz lá fora – registo no quadro do tempo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogos da sala; • Quadro do tempo; 	<ul style="list-style-type: none"> – Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização de jogos, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa. – Identifica o tempo que faz lá fora; – Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo; – Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções
		Ginástica	
		Música	

		Ensaio para a festa de Natal	
Área de Formação Pessoal e Social – Independência e autonomia	– Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar. – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.	Brincadeiras livres	– Escolhe as atividades que pretende realizar e vai adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo.
		Higiene Almoço Sesta	– Realiza de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).

Estratégias:

- Enquanto aguardamos a chegada de todas as crianças, as que estão na sala realizam atividades livres;
- Sentamos um pouco na manta, cantamos a canção do Bom dia e observamos e registamos o estado do tempo;
- Antes de irem para as aulas de Ginástica e Música as crianças realizam a sua higiene;
- Após estas aulas e uma vez que estiveram algum tempo sentadas na aula de Música, as crianças realizam atividades livres;
- Depois as crianças realizam um ensaio para a festa de Natal;
- Antes do almoço realizam a sua higiene;
- Após o almoço veem um pouco de televisão e depois preparam-se para a sesta;

Roteiro Diário: 13 de dezembro (4.ª f)			
Área de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Atividades Previstas • Recursos Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas
<p>Área de formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> – Independência e autonomia; <p>Área de Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> – Conhecimento do mundo físico e natural <p>Área de Expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> – Comunicação oral 	<ul style="list-style-type: none"> – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros – Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural. – Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; – Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade) 	<p>Acolhimento Brincadeiras livres Entoação da canção do Bom dia; Que tempo faz lá fora – registo no quadro do tempo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogos da sala; • Quadro do tempo; 	<ul style="list-style-type: none"> – Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização de jogos, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa. – Identifica o tempo que faz lá fora; – Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo; – Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções
<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> – Domínio da Educação Artística <ul style="list-style-type: none"> – Subdomínio das Artes Visuais 	<ul style="list-style-type: none"> – Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de 	<p>Conclusão da pintura de decorações de Natal realizadas com massa de sal;</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Tem prazer em explorar e utilizar a pintura, recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores)

	experimentações e produções plásticas.		
		Ensaio geral de Natal	
Área de Formação Pessoal e Social – Independência e autonomia	<ul style="list-style-type: none"> – Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar. – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros. 	Brincadeiras livres	<ul style="list-style-type: none"> – Escolhe as atividades que pretende realizar e vai adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo.
		Higiene Almoço Sesta	<ul style="list-style-type: none"> – Realiza de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).

Estratégias:

- Enquanto aguardamos a chegada de todas as crianças, as que estão presentes na sala realizam atividades livres;
- Após a chegada de todas ou da grande maioria indico às crianças que devem arrumar e sentar-se na manta;
- Cantamos a canção do Bom dia; observamos o tempo que faz lá fora e registamos no quadro do tempo;
- Em seguida terminamos a pintura de algumas decorações de natal, realizadas com massa de sal, que havíamos iniciado na semana anterior.
- À medida que terminam as crianças podem realizar atividades livres;
- A meio da manhã tem início o ensaio geral de Natal.
- Antes de almoço realizam a sua higiene;
- Almoço;
- Televisão;
- Higiene e sesta;

Roteiro Diário: 14 de dezembro (5.ª f)			
Área de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Atividades Previstas • Recursos Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas
<p>Área de formação Pessoal e Social – Independência e autonomia;</p> <p>Área de Conhecimento do Mundo – Conhecimento do mundo físico e natural</p> <p>Área de Expressão e comunicação – Comunicação oral</p>	<p>– Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros</p> <p>– Descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações que observa no meio físico e natural.</p> <p>– Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</p> <p>– Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade)</p>	<p>Acolhimento Brincadeiras livres Entoação da canção do Bom dia; Que tempo faz lá fora – registo no quadro do tempo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogos da sala; • Quadro do tempo; 	<p>– Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização de jogos, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa.</p> <p>– Identifica o tempo que faz lá fora;</p> <p>– Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo;</p> <p>– Canta, reproduzindo de forma cada vez mais correta as letras das canções</p>
		Ginástica	

Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais	– Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas (colagens).	Desenvolvimento da motricidade fina: criação de pequenas bolas de papel e colagem na Rena Rodolfo (Anexo A1)	– Enrola os pedaços de papel de modo a criar bolinhas (desenvolve a motricidade fina); – Cola as bolinhas criadas no local correto;
		Ensaio de Natal	
Área de Formação Pessoal e Social – Independência e autonomia	– Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar. – Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.	Brincadeiras livres	– Escolhe as atividades que pretende realizar e vai adquirindo progressivamente maior autonomia na seleção dos recursos disponíveis para as levar a cabo, sem perturbar o grupo.
		Higiene Almoço Sesta Lanche	– Realiza de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.).
Área de expressão e comunicação – Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro Área de Formação Pessoal e Social – Consciência de si como aprendiz	– Apreciar espetáculos teatrais e outras práticas performativas – Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver dificuldades e problemas que se lhe colocam	Dramatização sobre o Pai Natal e a Mãe Natal	– Interessa-se pelo teatro e comenta o que observou. – Compreende que não há motivos para ter medo do Pai Natal.

Estratégias:

- Enquanto aguardamos a chegada de todas as crianças, as que estão na sala realizam atividades livres;
- Antes de irem para a aula de Ginástica.
- Depois da aula explico às crianças que hoje vamos decorar a rena do Pai Natal. Ainda se lembram como se chama? (Rodolfo)
- Para isso indico as crianças para se sentarem nas mesas e fazerem bolinhas com os pedaços de papel que estão em cima da mesa;
- Depois de já terem as bolinhas vamos então começar a colar, individualmente, as bolinhas castanhas na cara do Rodolfo;
- Antes do almoço realizam a sua higiene;
- Após o almoço veem um pouco de televisão e depois preparam-se para a sesta;
- Quando acordam calçam-se, realizam a sua higiene e vão lanchar.
- Após o lanche, com a cooperação da educadora realizamos uma dramatização/brincadeira com o Pai Natal e a Mãe Natal para que as crianças percebam que não há motivos para terem medo do Pai Natal.

**Anexo D - Matriz de Planificação didática N° 3 - 1.º CEB
(26, 27 e 28 de março de 2019)**



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

UNIDADE DIDÁTICA Nº3

"O fantástico mundo dos animais"

(26, 27 e 28 de março de 2019)



Autora

Ana Catarina Freire Dias

Professora Cooperante: Sara Vieira

Equipa de PES:

Professor António Pais

Professora Dolores Alveirinho

Professora Paula Peres

Professor Paulo Afonso

INTRODUÇÃO

Os conteúdos a lecionar nesta unidade didática tiveram como ponto de partida o Bloco 3 “À Descoberta do Ambiente Natural”, de Estudo do Meio, mais concretamente com base no conteúdo “Os seres vivos do ambiente próximo: os animais.”

Partindo deste ponto tentou interligar-se os restantes conteúdos e estruturar as aprendizagens a desenvolver. O elemento integrador escolhido foi um puzzle com uma imagem sobre animais. Será constituído por 20 peças, uma peça por aluno, sendo que a dimensão de cada peça estará também associada aos conteúdos de matemática (decímetro).

Na área do Português será feita a consolidação dos verbos e dos pronomes pessoais. Será ainda feita a leitura, análise e interpretação de texto. Na área da Matemática abordar-se-ão as unidades de medida de comprimento (metro e decímetro). Relativamente ao Estudo do Meio, como já foi referido, abordar-se-ão os animais, concretamente a sua comparação e classificação (animais vertebrados e invertebrados, alimentação e cadeias alimentares).

A unidade didática encontra-se programada para três dias letivos, correspondendo a cada um deles, um percurso de ensino e aprendizagem.

No primeiro dia, terça-feira, dia 26 de março, serão dedicados 90 minutos à área de Estudo do Meio, 60 minutos dedicados à área do Português e 60 minutos dedicados à área da Matemática.

No segundo dia, quarta-feira, dia 27 de março, serão dedicados 90 minutos à Matemática, 90 minutos ao Português e 90 minutos de Apoio ao Estudo, sendo este tempo dedicado ao desenvolvimento dos conteúdos de Estudo do Meio, uma vez que a carga semanal para esta área é pouca e há muitos conteúdos a lecionar e ao Português. Esta alteração é apoiada pela professora cooperante. Salienta-se que neste dia as atividades de Português se encontram integradas na investigação do projeto “*Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico*”. Tal foi possível pois os alunos na área de Estudo do Meio abordarão precisamente os animais, que são os principais intervenientes dos Contos selecionados para o Projeto.

No terceiro dia, quinta-feira, dia 28 de março, serão dedicados 90 minutos à Matemática, 90 minutos ao Português e 90 minutos dedicados à área das Expressões, que transitou para a tarde por ser um período em que os alunos estão mais agitados. Deste modo, utiliza-se o período da manhã para a área do Português e da Matemática que exigem dos alunos uma maior concentração e trabalho cognitivo.

Convém destacar que no geral será seguido o horário normal da turma, mas que em acordo com a professora cooperante foi definido que o Apoio ao Estudo seria dedicado ao Estudo do Meio e na quinta-feira as expressões seriam lecionadas durante a tarde.

FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

A presente unidade didática “O fantástico mundo dos animais” está construída para a concretização de três dias letivos, tal como já foi referido.

Assim, no que diz respeito aos conteúdos a lecionar nesta unidade, na área de Português, já conhecem os verbos e os pronomes, de modo que estes conteúdos serão apenas consolidados. Não será introduzido qualquer novo conteúdo, mas obviamente será feita a leitura, interpretação e análise de texto, não só através da escrita, mas também recorrendo à oralidade. Relativamente à Matemática, os alunos já tiveram contacto com o conceito de medição, tendo aliás, feito algumas medições incluindo a sua altura. Na área de Estudo do Meio, os alunos no ano anterior já adquiriram conhecimentos sobre os animais nomeadamente sobre animais domésticos e selvagens e o seu habitat. Deste modo, esta unidade didática permitirá a ampliação dos conhecimentos já adquiridos especialmente em relação as características dos animais.

A turma em que será aplicada esta unidade didática é uma turma heterogénea no que se refere à aprendizagem. Como tal, há crianças com algumas dificuldades de aprendizagem, outras num nível intermédio de aprendizagem e outras, cuja aprendizagem decorre de acordo com o esperado. Há três crianças sinalizadas com NEE, uma devido a dislexia e as outras duas devido a questões associadas a défice de atenção, participando no dia a dia normal da turma, mas saindo da sala em algumas situações de apoio. Nos momentos em que se encontram na sala é necessário dar-lhes mais tempo para a realização das tarefas e se necessário repetir e/ou adaptar a explicação para que as aprendizagens sejam alcançadas por todos os alunos.

Em termos metodológicos, a unidade didática baseia-se na interação entre a estagiária e a turma, desenvolvendo, sempre que possível a linguagem oral. Do mesmo modo, tentar-se-á sempre partir dos conhecimentos que os alunos já possuem e desenvolver os conteúdos partindo desse ponto. A maioria das atividades decorrerá em grande ou pequeno grupo possibilitando assim a participação de todos os alunos. Haverá momentos de trabalho individual.

Para esta unidade didática considero que uma das bases principais de trabalho, principalmente ao nível do Estudo do Meio, seja a Aprendizagem significativa inspirada por Ausubel e Novak, uma vez que a construção das aprendizagens é feita a partir do conhecimento prévio dos alunos, introduzindo em seguida novos conhecimentos que os alunos devem adquirir. No entanto a aprendizagem pela descoberta (Bruner) também está presente uma vez que vamos explorar uma imagem e descobrir o que representa e é a partir dela que depois vão sendo desenvolvidos os conhecimentos que os alunos devem adquirir.

Ao longo da unidade estão também presentes atividades com base no behaviorismo uma vez que há uma prática continuada de modo a gerar, consolidar e reelaborar o conhecimento, assim como a aprendizagem construtivista de Piaget pois os alunos participam ativamente no desenvolvimento das tarefas de ensino e aprendizagem, construindo assim o próprio conhecimento. Isto é mais visível na área da Matemática e do Português.

Hora da leitura

Nesta unidade didática será explorado um texto literário da tradição popular, concretamente o conto “A Raposa e o Sapo”, numa versão recolhida e adaptada por Ana de Castro Osório. Para uma melhor compreensão do texto foi necessário proceder a algumas alterações ao nível da pontuação (e a ortografia da palavra “seara” para ceara. A seleção deste texto prende-se, tal como foi referido anteriormente, com o Projeto de investigação.

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA					
Seleção do conteúdo programático					
Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares					
ESTUDO DO MEIO					
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Descritores de desempenho	Atitudes, valores e normas	Produtos da aprendizagem
Bloco 3 "Á Descoberta do Ambiente Natural	C1: Os seres vivos do ambiente próximo	O1/C1: Comparar e classificar animais segundo as suas características e modo de vida.	DD1/O1: Compara e classifica animais segundo as suas características externas e modo de vida.	<p>O aluno deve:</p> <p>Respeitar as regras da sala de aula;</p> <p>Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar;</p> <p>Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;</p> <p>Interagir com colegas e professores em atitudes de</p>	<p>Texto oral sobre os animais;</p> <p>Registos no caderno;</p> <p>Tabela preenchida com informações sobre os animais;</p> <p>Exercícios de aplicação resolvidos;</p>

				tolerância e respeito; Respeitar e preservar o meio ambiente (animais e plantas);	
PORTUGUÊS					
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Atitudes, valores e normas	Produtos da aprendizagem
		Objetivos	Descritores de desempenho		
Oralidade	Compreensão do oral <ul style="list-style-type: none"> Vocabulário Informação essencial e acessória; Ideia principal Facto e opinião; Instruções, indicações; Intencionalidade comunicativa. 	O1: Escutar para aprender e construir conhecimentos	DD1/O1: Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas. DD2/O1: Identificar informação essencial. DD3/O1: Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu.	O aluno deve: Respeitar as regras da sala de aula; Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar;	Registos no caderno; Grelha de registos com antecipação de conteúdos sobre o texto (partindo de caixa literária preenchida); Mapa semântico sobre os animais;
	Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> Articulação, acento, entoação, pausa Vocabulário Planificação do discurso: tema; seleção e hierarquização da 				

	<p>informação essencial de acordo com o objetivo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relato, reconto, descrição • Informação, explicação, aviso, pergunta, pedido, recado, instrução • Formas de tratamento • Regras e papéis da interação oral 	<p>_____</p> <p>03: Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.</p>	<p>DD5/02: Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e estruturas fráscas cada vez mais complexas.</p>	<p>realização das atividades;</p> <p>Interagir com colegas e professores em atitudes de tolerância e respeito;</p> <p>Falar de forma clara e audível;</p>	<p>Exercícios de interpretação do texto resolvidos;</p> <p>Exercícios de gramática sobre pronomes e verbos (loto dos pronomes e saquinha dos verbos);</p>
<p>Leitura e escrita</p>	<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da consciência fonológica • Leitura em voz alta • Tipo, estrutura e componentes do texto. • Textos narrativos • Enriquecimento vocabular • Intenção comunicativa (informar) 	<p>04: Ler em voz alta palavras e textos.</p> <p>05: Ler textos diversos.</p> <p>_____</p> <p>06: Apropriar-se de novos vocábulos.</p> <p>07: Organizar os conhecimentos do texto</p>	<p>DD6/03: Adaptar o discurso às situações de comunicação.</p> <p>DD7/03: Recontar, contar e descrever.</p> <p>DD8/03: Informar, explicar.</p> <p>_____</p> <p>DD9/04: Ler um texto com articulação e entoação corretas</p> <p>_____</p> <p>DD10/05: Ler pequenos textos narrativos, informativos e descritivos</p> <p>_____</p> <p>DD11/06: Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo</p> <p>_____</p> <p>DD12/07: Identificar, por expressões de sentido equivalente, informações contidas explicitamente em textos narrativos, informativos e descritivos, de cerca de 300 palavras.</p>	<p>Manter o seu espaço limpo e organizado;</p>	<p>Exercícios resolvidos sobre a compreensão do oral;</p> <p>Respostas orais sobre o texto escutado;</p> <p>Respostas orais sobre o texto lido;</p> <p>Verbos e pronomes sublinhados com a cor correta.</p>

Leitura e escrita	Escrita		<p>DD13/08: Formular questões intermédias e enunciar expectativas e direções possíveis durante a leitura de um texto.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Ortografia • Registo e organização da informação • Planificação de textos • Produção de textos narrativos • Revisão de textos 	<p>O8: Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo.</p> <p>O9: Monitorizar a compreensão</p> <p>O10: Planificar a escrita de textos.</p> <p>O11: Redigir corretamente.</p> <p>O12: Escrever textos narrativos</p>	<p>DD14/09: Sublinhar as palavras desconhecidas, inferir o significado a partir de dados contextuais e confirmá-lo no dicionário.</p> <p>DD15/010: Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as.</p> <p>DD16/011: Utilizar uma caligrafia legível.</p> <p>DD17/011: Usar vocabulário adequado.</p> <p>DD18/011: Trabalhar um texto, amplificando-o através da coordenação de nomes, de adjetivos e de verbos</p> <p>DD19/012: Escrever pequenas narrativas, incluindo os seus elementos constituintes: <i>quem, quando, onde, o quê, como.</i></p> <p>DD20/013: Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas.</p> <p>DD21/013: Verificar a adequação do vocabulário usado.</p>	

<p style="text-align: center;">Iniciação à Educação Literária</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informação essencial e acessória • Tema e assunto • Reconto • Personagem, espaço, tempo, ação • Expressão de ideias e sentimentos • Regras e papéis da interação oral 	<p>013: Rever textos Escritos</p> <p>014: Ler e ouvir ler textos literários.</p> <p>015: Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p>	<p>DD22/013: identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha.</p> <p>DD23/014: Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</p> <p>DD24/014: Praticar a leitura silenciosa.</p> <p>DD25/015: Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo.</p> <p>DD26/015: Identificar, justificando, as personagens principais.</p> <p>DD27/015: Fazer inferências (de tempo atmosférico, de estações do ano, de instrumento – objeto).</p> <p>DD28/015: Recontar textos lidos</p> <p>DD29/015: Interpretar sentidos da linguagem figurada;</p> <p>DD30/015: Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre os textos.</p>		
--	--	---	---	--	--

<p>Gramática</p>	<p>_____</p> <p>Conhecimento explícito da língua</p> <ul style="list-style-type: none"> Flexão verbal: conjugação (1.^a, 2.^a, 3.^a); pessoa (1.^a, 2.^a, 3.^a) singular, plural; número (singular, plural) Pronomes pessoais (forma tónica) 	<p>016: Ler para apreciar textos literários;</p> <p>_____</p> <p>017: Conhecer propriedades das palavras</p>	<p>DD31/016: Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular;</p> <p>DD32/016: Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.</p> <p>_____</p> <p>DD33/017: Identificar as três conjugações verbais.</p> <p>DD34/017: Identificar pronomes pessoais (forma tónica)</p>		
MATEMÁTICA					
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos da aprendizagem</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>		
	<p>Medidas de comprimento</p>	<p>01: Medir comprimentos</p>	<p>DD1/01: Relacionar as diferentes unidades de medida de comprimento do sistema métrico.</p>	<p>O aluno deve:</p>	<p>Exercícios resolvidos no</p>

<p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Medida 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades de medida de comprimento do sistema métrico; conversões. 		<p>DD2/01: Medir distâncias e comprimentos utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões (metro e decímetro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar as regras da sala de aula; • Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; • Mostrar interesse e empenho na realização das atividades; • Interagir com colegas e professores em atitudes de tolerância e respeito; • Falar de forma clara e audível; • Manter o seu espaço limpo e organizado; • Desenvolver o raciocínio matemático; 	<p>quadro/ caderno do aluno;</p> <p>Exercícios resolvidos no manual (pág.109 e 110)</p> <p>Exercícios resolvidos no caderno de fichas pág. 51)</p> <p>Medições realizadas pelos alunos;</p>
---	---	--	--	--	---

EXPRESSÕES: EXPRESSÃO PLÁSTICA					
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Descritores de desempenho	Atitudes, valores e normas	Produtos da aprendizagem
<p>Bloco 2- Descoberta e organização Progressiva de superfícies</p>	<p>C1: Pintura: atividades de pintura sugerida</p>	<p>O1/C1: Pintar em superfícies planas</p>	<p>DD1/O1: Pinta, em superfície predefinida (ovos da Páscoa), utilizando os dedos e cores diversas.</p>	<p>O aluno deve:</p> <p>Respeitar as regras da sala de aula;</p> <p>Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar</p> <p>Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;</p> <p>Interagir com colegas e professores em atitudes de tolerância e respeito;</p> <p>Falar de forma clara e audível;</p>	<p>Pintura com os dedos de ovo da Páscoa concluída;</p> <p>Painel da Primavera</p>

				Manter o seu espaço (e o dos colegas) limpo e organizado;	
Elementos de integração didática					
<p>Tema integrador: Os animais</p> <p>Vocabulário</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Estudo do Meio:</u> animais vertebrados e invertebrados; mamíferos, peixes, aves, répteis, anfíbios, insetos e moluscos; animais carnívoros, insetívoros, herbívoros, granívoros e omnívoros; cadeias alimentares; • <u>Português:</u> conto tradicional; fantoche; <i>fantocheiro</i>; verbo; infinitivo; conjugações verbais: 1.ª (-ar), 2.ª (-er) e 3.ª (-ir); pronomes pessoais; seara; porção; foice; sementeira; compadre; manjar; desembaraço; lambarice; afinco; monda; colheita; eira; debulha; “grão limpo e bem arneirado”, finória; regozijo; traça; • <u>Matemática:</u> unidades de medida de comprimento; metro e decímetro; régua graduada; fita métrica; metro extensível; metro articulado; odómetros; paquímetro; régua; medição; • <u>Expressões:</u> Páscoa; Ovos; Pintura com os dedos. 			<p>Recursos a utilizar:</p> <p>Guião do aluno (anexo 1)</p> <p>Estudo do meio:</p> <p>Manual Alfa Estudo do Meio 3.º ano;</p> <p>Puzzle (anexo 2)</p> <p>Tabela para preencher sobre os animais (anexo 3);</p> <p>Português</p> <p>Computador com acesso a internet: https://www.classtools.net/random-name-picker/77_ZN454a (pronomes)</p> <p>https://www.classtools.net/random-name-picker/54_KX25Dga (nomes alunos)</p> <p>Jogo do Bingo com pronomes: cartões com frases para completar (anexo 5)</p> <p>Manual Alfa Português 3.º ano;</p> <p>Caderno do aluno pautado;</p> <p>Texto “A raposa e o sapo” (recolha e adaptação de Ana de Castro Osório – texto editado); (anexo 10)</p> <p>Fantoches: raposa, texugo e sapo;</p>		

<p><i>Elemento(s) integrador (es):</i></p> <p>O elemento integrador é um puzzle composto por 20 peças, cada uma com dimensões de 10*x10 de modo a estabelecer relação com as medidas e unidades de comprimento. O puzzle representa vários animais. Depois de montado permite identificar o tema integrador da semana. Em português o texto trabalhado também envolve animais e como tal pode ser feita a exploração da imagem de modo a identificar se os animais do texto estão ou não no puzzle.</p>	<p><i>Fantocheiro;</i></p> <p>“Caixa literária”</p> <p>Imagens associadas à história e ao respetivo vocabulário para colocar dentro da caixa; (anexo 7)</p> <p>Tabela de registos: previsões sobre o texto; (anexo 8)</p> <p>Tabela para registo de vocabulário; (anexo 11)</p> <p>Ficha com questões de interpretação sobre o texto “A raposa e o sapo”. (anexo 12)</p> <p>Telemóvel/Computador com acesso à Escola Virtual e colunas;</p> <p>Ficha de Registo para compreensão da oralidade (anexo 21);</p>
<p><i>Princípios de avaliação</i></p> <p>Observação direta e exercícios/atividades desenvolvidas pelos alunos.</p>	<p>Matemática</p> <p>Manual Alfa Matemática 3.º ano;</p> <p>régua graduada;</p> <p>fita métrica;</p> <p>metro extensível;</p> <p>metro articulado;</p> <p>paquímetro;</p> <p>régua;</p> <p>caderno quadriculado do aluno;</p> <p>Exercícios para colar no caderno e/ou resolver através do quadro (anexo 13);</p> <p>Caderno de fichas Alfa</p> <p>Expressão Plástica</p> <p>Desenho de ovo da Páscoa (anexo 23);</p> <p>Tinta guache de diversas cores;</p>

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guiões de aula Aula 1 - Terça-Feira 26/03/2019	
<p>SUMÁRIO I</p> <p>Estudo do Meio: Comparação e classificação de animais;</p> <p>Português: Consolidação de verbos e pronomes pessoais.</p> <p>Matemática: Unidades de medida de comprimento: metro e decímetro.</p>	
<p>Ação didática 1 - Motivação</p> <p>Apresentação do elemento integrador.</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>Descoberta/Apresentação do elemento integrador</p> <p>1.1. Cada aluno deve descobrir na sala 20 peças previamente colocadas nas mesas;</p> <p>1.2. Colar as peças no quadro de modo a montar um puzzle, sendo chamados ordenadamente ao quadro; (O puzzle (anexo 2) ficará colado no quadro durante toda a semana).</p> <p>1.3. Identificação do tema a abordar durante a semana através do puzzle.</p> <p>1.4. Distribuição do guião do aluno.</p> <p style="text-align: right;">(15 min)</p>
<p>1. Ação didática 2 – Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p style="text-align: center;">Manhã:</p> <p style="text-align: center;">Estudo do meio (9h)</p> <p>1. Comparação e classificação de animais</p> <p>1.1. Resolução do desafio nº.1.</p>

<p>Área: Estudo do Meio/expressões</p> <p>A atividade prevista nesta unidade didática para o Estudo do Meio terá como finalidade didática a introdução às características de diferentes animais possibilitando assim a sua comparação e classificação. Será uma atividade em grande grupo, com tempo previsto 90 minutos. A atividade está orientada para o grande grupo e as atividades decorrerão centradas no quadro e no que nele está exposto. A componente de procurar e montar o puzzle permite a integração curricular com a área das expressões.</p>	<p>1.2. Correção oral do desafio n.º 1. (5 min)</p> <p>1.3. Partindo da observação do puzzle montado no quadro os alunos vão comparando e classificando os animais presentes de acordo com as características indicadas por eles ou sugeridas pela professora estagiária.</p> <p>(Caso seja previsível que a imagem seja demasiado pequena para que se observem todos os animais a imagem será projetada.)</p> <p>1.3.1. Que animais observam? Registo no quadro.</p> <p>1.3.2. Como é o seu corpo? Têm esqueleto? Explicação oral sobre o que são animais vertebrados e invertebrados. Projeção do esqueleto interno (anexo 24) de alguns animais levar os alunos a compreender o que são animais vertebrados. Será explorado que os animais que não possuem este tipo de esqueleto são animais invertebrados. Reorganização dos registos no quadro.</p> <p>1.3.3. Ainda com os animais do puzzle e outros que serão apresentados (por não estarem no puzzle) levar-se-ão os alunos a distinguir entre mamíferos, peixes, aves, répteis, anfíbios; insetos e moluscos de acordo com as respetivas características que os distinguem. Tais como tipo de reprodução, tipo de revestimento, tipo de locomoção e tipo de superfícies respiratórias. Nova reorganização dos dados (para facilitar a compreensão e os registos na tabela)</p> <p>Nota - À medida que estas questões são colocadas, os alunos preenchem uma tabela, de acordo com as indicações orais e com os registos no quadro.</p> <p>(anexo 3)</p> <p style="text-align: right;">(40 min)</p>
--	--

<p>Área: Português</p> <p>A atividade prevista nesta unidade didática para português terá como finalidade didática a consolidação de conteúdos de gramática (nomes e pronomes pessoais). Será uma atividade em grande grupo (com componente individual), uma vez que será realizado um jogo lúdico (loto dos pronomes) e um outro que permite a consolidação das conjugações verbais (saquinha dos verbos), com tempo previsto de 60 minutos. A atividade está orientada para o grande grupo.</p>	<p>2. Resolução de exercícios para consolidação de aprendizagens (anexo 4). (30 min.)</p> <p style="text-align: center;">Português (11h)</p> <p>1. Consolidação de conteúdos de gramática</p> <p>1.1. Loto dos pronomes</p> <p>1.1.1. Projeção de uma roleta com os pronomes. A roleta gira e indica o pronome a utilizar.</p> <p>1.1.2. Os alunos recebem dois cartões com frases para completar (com os pronomes sucessivamente indicados pela roleta. O aluno que em primeiro lugar conseguir completar os seus cartões deve colocar o dedo no ar e dizer “loto”. A professora estagiária confirma a correção das frases. Se de facto as frases estiverem corretas esse aluno é o vencedor. As frases dos cartões variam de aluno para aluno (anexo 5). Pode haver vários vencedores.</p> <p>1.1.3. Os restantes alunos continuam a jogar até terminar de preencher os seus cartões. (30 min)</p> <p>1.2. A saquinha dos verbos</p> <p>1.2.1. Numa saquinha são colocadas várias frases (anexo 6) para completar com verbos. Recorrendo uma vez mais à roleta, mas desta vez com os nomes dos alunos, é feita a seleção dos alunos que tiram um papel da saquinha.</p> <p>1.1.1.1. O aluno ao tirar o papel deve ler a frase em voz alta. Depois deve tentar completar a frase com um verbo de acordo com as indicações dadas oralmente (verbo no infinitivo, conjugação...).</p> <p>1.1.1.2. No final cada aluno cola a sua frase numa cartolina para ficar exposta na sala.</p>
--	--

<p>Área: Matemática</p> <p>A atividade prevista nesta unidade didática para Matemática terá como finalidade didática a revisão e ampliação de conhecimentos sobre as unidades de medida de comprimento. Será uma atividade em grande grupo uma vez que será dirigida a toda a turma, e em pequeno grupo quando se trata da realização de medições. Tem um tempo previsto de 60 minutos. A atividade está orientada para o grande grupo.</p>	<p style="text-align: right;">(30 min)</p> <p style="text-align: center;">Matemática (12h)</p> <p>1. Unidades de medida de comprimento</p> <p>1.1. Resolução do desafio n.º 2. Correção.</p> <p>1.2. Questionar os alunos sobre o que sabem sobre medidas de comprimento. Será que antigamente se media da mesma forma que agora (tema já abordado no ano anterior – revisão)? Reforço da ideia de que essas medidas não eram eficazes pois nem todos somos iguais logo as medidas seriam diferentes de pessoa para pessoa e como tal houve necessidade de criar uma medida padrão: metro</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que é o comprimento? O que é medir? • Que instrumentos de medida conhecem? <p>1.3. Demonstração e utilização de alguns instrumentos de medida da atualidade;</p> <p>1.4. Formulação e registo de hipóteses/previsões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quanto mede uma girafa? (qual a sua altura). • Qual a altura do elefante? • Qual a altura de um Camelo? • Qual o comprimento de uma serpente? <p>Trabalho para casa pra 5.ª feira: pesquisa para confirmação das previsões.</p> <p style="text-align: right;">(60 min)</p>
<p>Ação Didática 3 – Encerramento da aula</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>2. Síntese dos conteúdos abordados;</p>

Aula 2 - Quarta-feira-Feira**13/03/2019****SUMÁRIO II****Português:** Leitura, análise e interpretação do conto tradicional “A raposa e o sapo”.**Matemática:** Unidades de medida de comprimento; metro.**Apoio ao estudo:****Português:** Leitura, análise e interpretação do conto tradicional “A raposa e o sapo” – continuação. [Manhã (30 min.)].**Estudo do Meio:** Alimentação dos animais e cadeias alimentares. [Tarde (60 min)].

Ação didática 1 - Motivação	<p>Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Resolução do desafio n.º 3 do guião do aluno; correção. (5 min.)</p>
<p>Ação didática 2 – Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</p> <p>Área: Português/Apoio ao Estudo</p> <p>A atividade prevista nesta unidade didática para português terá início com a resolução do desafio no guião do aluno. Posto isto, aborda-se um conto tradicional apresentado através de um teatro de fantoches. Esta atividade encontra-se integrada no projeto de relatório de estágio e como tal não segue o padrão das outras aulas. Está orientada para o grande grupo mas com algumas tarefas de carácter individual. A atividade será realizada num tempo previsto de 90 minutos de Português mais 30 minutos de Apoio ao Estudo.</p>	<p>Procedimentos de execução</p> <p>Manhã:</p> <p>Português (9h) + Apoio ao Estudo</p> <p>1. Atividade de leitura e escrita (compreensão do texto)</p> <p>1.1. Antes de ler:</p> <p>2.1.1. Breve apresentação e explicação sobre o funcionamento de um “Caixa literária”:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Em breve irão escutar/ler um texto (dramatizado com fantoches); – Dentro da caixa fechada estão imagens (anexo 7) relacionadas com o texto; – De dentro da caixa é retirado uma imagem de cada vez; – Os alunos devem identificar a imagem e preencher uma grelha (anexo 8): o que é que aquela imagem sugere sobre o texto?

	<p>– Breve explicação sobre o que é um texugo, pois algumas crianças podem não saber de que animal se trata;</p> <p>Nota 1: os registos na tabela podem ser atualizados no decorrer da aula;</p> <table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">Objeto/imagem</th> <th style="width: 33%;">O que sugere sobre o texto - previsões</th> <th style="width: 33%;">O que de facto aconteceu no texto?</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table> <p>Nota 2. A caixa literária permite fazer registos sobre o conteúdo do texto (tema/ assunto), antecipar o conteúdo do texto e explorar o vocabulário;</p> <p style="text-align: right;">(20 min)</p> <p>2.1.2. Exploração do vocabulário:</p> <p>– Diálogo sobre animais de estimação;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Que relação mantêm (os alunos) com os animais de estimação?</i> ○ <i>Que animais de estimação têm (ou conhecem) e como se relacionam entre si? Partilham o espaço? Partilham a comida? Brincam juntos?</i> ○ <i>Que razões acham que levam os animais a comportar-se de uma forma ou de outra?</i> ○ <i>E se fossem pessoas? Teriam comportamentos diferentes ou não? Porquê?</i> <p>– Elaboração de um mapa semântico no quadro; os alunos registam nos cadernos;</p> <p style="text-align: right;">– (15 min)</p>	Objeto/imagem	O que sugere sobre o texto - previsões	O que de facto aconteceu no texto?						
Objeto/imagem	O que sugere sobre o texto - previsões	O que de facto aconteceu no texto?								

	<p>2.2. Leitura</p> <p>2.2.1. Apresentação do conto “A Raposa e o Sapo” (anexo 9) com recurso a um teatro de fantoches;</p> <p>2.2.2. Diálogo sobre a história escutada:</p> <ul style="list-style-type: none">– <i>Identificação de personagens</i>– <i>Que outros personagens entram na história e não estão “visíveis”?</i>– <i>O que é que a raposa comeu?</i>– <i>O sapo ficou contente? Como se sentiu?</i>– <i>O que fez o sapo e como se sentiu a raposa?</i> <p>2.2.3. Distribuição de uma folha com o texto anteriormente escutado (anexo 10) e de uma folha para registo de vocabulário (anexo 11);</p> <p>2.2.3.1. Leitura silenciosa e registo de palavras desconhecidas. (30 min)</p> <p>2.3 Depois de ler</p> <p>2.3.1. Registos de análise:</p> <p><i>Tema, assunto e “fábula”</i></p> <ul style="list-style-type: none">– Exploração e registo das ações do conto – ordenação de acontecimentos: identificação oral dos acontecimentos da história e respetiva ordenação no quadro: os alunos registam no caderno; (10 min) <p><i>Vocabulário/gramática do texto:</i></p> <p>Exploração de vocabulário: seara, sementeira, monda, ceifa, debulha, “grão limpo e bem arneirado”, colheita, eira, toca (da raposa). Registos na grelha e explicação oral. (20 min.)</p> <p style="text-align: right;">)</p>
--	---

<p>Área: Matemática</p> <p>A atividade prevista nesta unidade didática para a Matemática terá início com o desafio para os alunos. Esse desafio permitirá introduzir a noção de metro e de unidades de medida. Será representado o metro no quadro através de medição e desenho do mesmo. Serão ainda efetuadas medições em pequeno grupo. Haverá também momentos de trabalho individual. A atividade será realizada num tempo previsto de 90 minutos.</p>	<p>2.3.2. Registos de interpretação</p> <p>2.3.2.1. Resolução perguntas de interpretação, por escrito, numa folha de registos (anexo 12) distribuída pelo chefe e por um ajudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> – <i>Achas que estes animais têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?</i> – <i>Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?</i> – <i>Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?</i> – <i>Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais.</i> (20 min) <p style="text-align: right;">(90 min. Português + 30 min. Apoio ao Estudo)</p> <p style="text-align: center;">Matemática (11h30 min.)</p> <p>1. Unidades de medida de comprimento: o metro.</p> <p>1.1. Resolução do desafio n.º 4. Correção.</p> <p>1.2. Apresentação/demonstração da unidade metro;</p> <ul style="list-style-type: none"> 1.2.1. Com a ajuda de um aluno, e utilizando uma régua graduada, fazemos a medição de um metro no quadro. Desenho de uma linha no quadro com um metro de comprimento. 1.2.2. Medição da sala com recurso a um metro extensível; Registo das medidas no caderno. A medição é feita por alunos e orientada pela professora. 1.2.3. Medição da mesa com recurso a uma fita métrica ou metro extensível. (30 min) <p>2. Resolução de exercícios no caderno do aluno (anexo 13), copiados do quadro/colados no caderno. (30 min)</p>
---	---

<p>Área de Apoio ao Estudo: Português/ Estudo do Meio</p> <p>Na área de português dar-se-á continuidade à atividade do Relatório de estágio e à análise e interpretação de texto.</p> <p>Em Estudo do Meio, as atividades têm como finalidade didática a ampliação e consolidação de conhecimentos. A atividade é orientada para o grande grupo, mas atividades que exigem trabalho individual (registos). As atividades têm um tempo previsto de 90 minutos. (30+60)</p>	<p style="text-align: center;">Tarde:</p> <p style="text-align: center;">Matemática (14h) – continuação</p> <p>3. Resolução de exercícios de aplicação do caderno do aluno, pág. 51 (anexo 14), individualmente. Correção no quadro (em grande grupo).</p> <p style="text-align: right;">(30 min)</p> <p style="text-align: center;">Apoio ao Estudo: Estudo do Meio</p> <p>1. Resolução do desafio n.º 5. Correção.</p> <p>2. Observação dos animais presentes na imagem do puzzle: Identificação do tipo de alimentação de alguns deles:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Águia (carnívoro) ○ Porco (omnívoro) ○ Galo (herbívoro-granívoro) ○ Ovelha/cordeiro (herbívoro) ○ Ouriço (carnívoro/insetívoro) <p>2.1. Definição de cada um dos tipos de alimentação – diálogo com os alunos;</p> <p>2.1.2. Explicação sobre o que é uma cadeia alimentar;</p> <p style="padding-left: 40px;">2.1.2.1. Elaboração de algumas cadeias alimentares com os alunos – Colagem de imagens no quadro (anexo 15) - registo no caderno.</p> <p>2.1.3. Colagem no caderno de uma síntese de conteúdos (anexo 16).</p>
<p>Ação Didática 3 – Encerramento da aula</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>3. Síntese dos conteúdos lecionados durante o dia.</p>

Aula 3 - Quinta-Feira 14/03/2019	
<p>SUMÁRIO</p> <p>Matemática: Unidades de medida de comprimento: metro e decímetro.</p> <p>Português: Compreensão da oralidade: audição e compreensão do conto “A gaita milagrosa”, de João Pedro Mésseder</p> <p>Expressões: Pintura com os dedos de desenhos sobre a Páscoa.</p>	
Ação didática 1 - Motivação	<p>Procedimentos de execução</p> <p>1. Resolução do desafio n.º 6. Correção. (10 min)</p>
<p>Ação didática 2 – Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</p> <p>Área: Matemática</p> <p>As atividades previstas para a Matemática permitirão o desenvolvimento da noção de metro e a introdução do conceito de decímetro. Serão realizadas atividades práticas (medições) e depois exercícios de consolidação. Haverá também momentos de trabalho individual. A atividade será realizada num tempo previsto de 90 minutos.</p>	<p>Atividades e procedimentos de execução</p> <p>Manhã:</p> <p>Matemática (9h)</p> <p>1. Unidades de medida de comprimento: o decímetro.</p> <p>1.1. Explicação de que um metro corresponde a 10 decímetros, ou seja, a décima parte do metro.</p> <p>1.1.1. Demonstração prática através de um metro articulado.</p> <p>1.1.2. Medição da mesa em decímetros.</p> <p>1.1.3. Realização de alguns cálculos utilizando metros e decímetros para reforçar a ideia de que na adição/subtração (anexo 17) de comprimentos é necessário utilizar a mesma unidade – conversões.</p> <p>1.1.4. Realização de exercícios do manual:</p>

<p style="text-align: center;">Área: Português</p> <p>As atividades de Português têm como finalidade didática o desenvolvimento de competências de compreensão oral e de produção de texto. A atividade está dirigida para o grande grupo (com caráter individual) e posteriormente de trabalho individualizado na produção de texto. As atividades estão previstas para 90 minutos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Página 109 (anexo 18) ▪ Página 110 (anexo 19) <p style="text-align: right;">(60 min)</p> <p>1.2. Correção do trabalho de casa sobre as estimativas de altura e animais.</p> <p>1.3. Medição e registo da altura dos alunos da turma, com recurso a uma fita métrica. Registo em tabela (anexo 20).</p> <p>1.3.1. Identificação dos alunos mais altos e dos alunos mais baixos.</p> <p style="padding-left: 40px;">Nota: Se possível será feita a comparação com os dados recolhidos no ano anterior.</p> <p style="text-align: center;">Português (11h)</p> <p>2. Compreensão da oralidade</p> <p>2.1. Resolução do desafio n.º 7. Correção.</p> <p>2.2. Reprodução áudio do conto “<i>A gaita milagrosa</i>” de João Pedro de Méseder.</p> <p>2.3. Repetição do áudio. Os alunos devem escutar com atenção e responder a questões, assinalando com X a resposta correta (anexo 21).</p> <p>2.4. Correção oral das questões sobre o conto.</p> <p>2.4.1. Explicação de algum vocabulário desconhecido pelos alunos.</p> <p>2.5. Diálogo sobre o conto escutado;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quantas e quais as personagens que entram na ação?
--	--

	<ul style="list-style-type: none">• Localiza a ação no espaço.• Localiza a ação no tempo.• Quais as ações desta narrativa? <p style="text-align: right;">(30 min)</p> <p>3. Produção de texto</p> <p>3.1. Antes de escrever</p> <p>3.1.1. Planificação: distribuição de uma matriz (anexo 22) com indicações para a elaboração de um texto narrativo;</p> <p style="padding-left: 40px;">3.1.1.1. Leitura e explicação da matriz;</p> <p>3.1.2. Redação: redação de um texto narrativo, individual, em que os alunos deem continuidade à história:</p> <ul style="list-style-type: none">• <i>Imagina que o burro gostou tanto de dançar que resolveu ter aulas de dança e tornar-se bailarino. Continua a história, contando uma aventura que ele tenha vivido enquanto viajava pelo mundo a dançar.</i> <p>3.1.3. Revisão/edição/correção</p> <p style="padding-left: 40px;">3.1.3.1. Após a redação do texto os alunos devem reler com atenção o texto escrito, corrigindo erros de ortografia, construção de frases e pontuação.</p> <p>3.2. Reescrita do texto, de forma ordenada e sem erros (“passar a limpo”)</p> <p style="text-align: right;">(40 min)</p>
--	---

<p>Área: Expressão Plástica</p> <p>A atividade tem por objetivo a celebração da Páscoa e o desenvolvimento de competências motoras e sensoriais, uma vez que os alunos não estão habituados a trabalhar diretamente com os dedos enquanto pintam. Se houver oportunidade os alunos poderão dar continuidade ao Pannel da primavera que permite estimular o trabalho em equipa.</p>	<p>4. Gramática do texto</p> <p>4.1. Cada aluno deve sublinhar no seu texto (“passado a limpo”), a verde os verbos e a vermelho os pronomes pessoais.</p> <p style="text-align: right;">(20 min)</p> <p style="text-align: center;">Tarde Expressão plástica (14h)</p> <p>5. Pintura com os dedos</p> <p>5.1. Distribuição de tintas e folhas com o desenho simples de um ovo (anexo 23).</p> <p>5.1.1. Cada aluno deve decorar o ovo da forma que preferir, utilizando os dedos para pintar.</p> <p>5.2. Há medida que terminarem esta atividade, podem dar continuidade ao painel da primavera, da unidade anterior.</p> <p style="text-align: right;">(70 min)</p>
<p>Ação Didática 3 – Encerramento da aula</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>6. Preenchimento da autoavaliação dos guiões do aluno. (20 min)</p>

**Anexo E: Pedidos de Colaboração para realização de
Relatório de Estágio - Diretor do Agrupamento,
Coordenador de Estabelecimento e Encarregados de
Educação**

Castelo Branco, 19 de março de 2019

. Exmo. Diretor do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Assunto: Colaboração para a realização do Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre

Chamo-me Ana Catarina Freire Dias, sou aluna do segundo ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Encontro-me a desenvolver um relatório de estágio, intitulado “Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, orientado pela Professora Doutora Maria da Natividade Pires.

A temática assenta na análise do contributo da literatura para a infância, concretamente dos contos tradicionais, na promoção de uma educação intercultural no 1.º ciclo do Ensino Básico

Deste modo, solicitamos a V. Exa. permissão para observar e implementar algumas atividades na Escola João Roiz onde me encontro a realizar a Prática Supervisionada em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Todos os registos (áudio/vídeo/fotografia) recolhidos servirão unicamente para fins académicos, estando assegurado o anonimato e privacidade dos alunos.

Para qualquer esclarecimento adicional, disponibilizo o meu endereço eletrónico.

Subcrevo-me, com os melhores cumprimentos,

Ana Catarina Freire Dias

(endereço eletrónico)

Castelo Branco, 19 de março de 2019.

Exmo. Coordenador de Estabelecimento na Escola João Roiz

Assunto: Colaboração para a realização do Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre

Chamo-me Ana Catarina Freire Dias, sou aluna do segundo ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Encontro-me a desenvolver um relatório de estágio, intitulado “Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, orientado pela Professora Doutora Maria da Natividade Pires.

A temática assenta na análise do contributo da literatura para a infância, concretamente dos contos tradicionais, na promoção de uma educação intercultural no 1.º ciclo do Ensino Básico. Pretende-se que as crianças problematizem algumas situações presentes nos contos tradicionais, adquirindo uma educação intercultural, compreendendo a importância do respeito pelo outro e pela sua cultura. Pretende-se ainda que as crianças contactem com a realidade e a riqueza cultural presente nos contos tradicionais de diversos países de origem lusófona.

Deste modo, solicitamos a V. Exa. permissão para observar e implementar algumas atividades na Escola João Roiz onde me encontro a realizar a Prática Supervisionada em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Todos os registos (áudio/vídeo/fotografia) recolhidos servirão unicamente para fins académicos estando assegurada a identidade e privacidade dos alunos.

Para qualquer esclarecimento adicional, disponibilizo o meu endereço eletrónico.

Subcrevo-me com os melhores cumprimentos,

Ana Catarina Freire Dias
(endereço eletrónico)

Castelo Branco, 19 de março de 2019.

Exmo(a) Sr(a). Encarregado(a) de Educação

Assunto: Colaboração para a realização do Relatório de Estágio para obtenção do grau de mestre

Chamo-me Ana Catarina Freire Dias, sou aluna do segundo ano do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Encontro-me a desenvolver um relatório de estágio, intitulado “Contos de animais dos países lusófonos - Promoção de uma educação intercultural no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, orientado pela Professora Doutora Maria da Natividade Pires.

No âmbito do trabalho pedagógico a desenvolver com as crianças prevê-se o registo das atividades, através da recolha de fotografia, vídeo e áudio, com o propósito único de enriquecer a qualidade da prática educativa. Todos os registos recolhidos servirão unicamente para fins académicos estando a identidade e privacidade do (a) vosso(a) educando assegurada.

Assim sendo, vimos por este meio solicitar a vossa autorização para observar e implementar algumas atividades com o(a) vosso(a) educando(a) permitindo esta forma de registo de dados.

Para qualquer esclarecimento adicional, disponibilizo o meu endereço eletrónico.

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Ana Catarina Freire Dias
(endereço eletrónico)

✂-----

Caros pais/Encarregados(as) de Educação

Solicito a Vossas Excelências autorização para observar e implementar algumas atividades com o(a) vosso(a) educando(a)_____.

Todos os dados recolhidos serão apenas e somente utilizados na realização deste relatório de estágio.

Agradecida pela atenção e compreensão.

Ana Catarina Freire Dias

- Autorizo a recolha de registos vídeo, áudio e fotográfico
- Não autorizo a recolha de registos vídeo, áudio e fotográfico

O(A) Encarregado (a) de Educação:

Anexo F - Fichas de Trabalho realizadas pelos alunos da amostra sobre o conto “A Raposa e o Sapo”



Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Nome: _____

Data: _____

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto "A Raposa e o Sapo", responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Não, porque estão habitados ao seu habitat.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Não, porque eles morriam com as temperaturas elevadas e falta de alimentação.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim, porque a maioria gente que ingama os outros também mentem.

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

A Raposa - foi mentirosa, desonesta, intencional e bastante egoísta porque só pensou nela.

O Sapo - sentiu-se bastante enganado até que acabou por fazer o mesmo.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. <p>Proposta de trabalho individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual das questões colocadas; 	Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento;	-Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida.	- Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;



Escola Superior de Educação



AEAL

Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Nome: _____

Data: _____

8/4/2019

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto “A Raposa e o Sapo”, responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Não, porque eles precisam de ter as condições ideais e existem determinados locais onde isso não acontece, reservando de animal para animal.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Não, não haverá raposas nem sapos no deserto porque a temperatura é muito quente e eles assim não conseguiriam sobreviver muito tempo.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim, as pessoas que podem ter comportamentos como estes animais, mas não devem.

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

Na minha opinião a Raposa não agiu corretamente, pois enganou o Sapo e o Texugo que tanto tinham trabalhado. Ainda por cima prometeu-lhes a manteiga que prometera levar ao jantar.

Penso que a atitude do Sapo não foi correta, pois apesar de a Raposa o ter enganado ele não deveria ter roubado o trigo. Ele portanto acho que era a atitude mais justa a fazer.

Acho que a atitude do Texugo foi correta, pois ajudou o Sapo quando ele precisava, sem pedir nada em troca. Mas com essa bondade foi enganado por aquela raposa e desleal Raposa.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. <p>Proposta de trabalho individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual das questões colocadas; 	<ul style="list-style-type: none"> Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento; 	<ul style="list-style-type: none"> -Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;



Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Nome: _____

Data: 16/4/2019

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto “A Raposa e o Sapo”, responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Não. Porque em outras partes do mundo pode não haver rementeiros, colchitas e comida para alimentá-los.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Não. Porque o deserto não é o habitat do sapo nem da raposa.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim. Porque há pessoas que são gananciosas.

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

O sapo foi correto ao aceitar o pedido do texugo, mas ficou triste com o comportamento dela.

O texugo ficou sempre ao lado do sapo ajudando-o na vida.

A raposa também trabalhou na procura de comida, mas levou ao ser enganada fazendo o alambique mantendo, comendo tudo e culpando os dois amigos.

O texugo agiu corretamente e os outros dois agiram incorretamente. Porque o sapo chamou os amigos, quando deveria agir sozinho e a raposa perdeu pela sua esperteza.

Se estes trabalhassem honestamente não havia confusão, só alegria.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. <p>Proposta de trabalho individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual das questões colocadas; 	<ul style="list-style-type: none"> Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento; 	<ul style="list-style-type: none"> -Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;



Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Nome: [REDACTED]

Data: 22/04/2019

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto "A Raposa e o Sapo", responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Não, porque em todo o mundo não existe floresta e campos.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Sim, porque no deserto não há água e estes animais precisam de água para viverem.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim, porque as seres humanos muitas vezes também têm as atitudes dos Raposa, enganar os outros, e quem não está de ser enganado reage como o Sapo. Logo devemos todos respeitarmos uns a outros.

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

Os animais do conto são a raposa e o sapo e o texugo.
 Para mim o sapo era, bom animal,
 amigo e que gostava de partilhar com os
 outros as suas aventuras, por vezes
 sendo gostam muito de comer, o texugo
 era amigo do seu amigo sempre
 disposto a ajudar quem precisa dele,
 quando a raposa era capaz de
 pensar nela e com o Bem-estar
 dela, nem que para isso tivesse
 de fazer mal aos outros.
 Para mim que não agiu corre-
 tamente foi a raposa, não deveria
 enganar os outros, os seus
 amigos nem a mulher, o sapo não
 se deixou enganar uma vez, na
 segunda vez já não caiu na
 armadilha da raposa e conseguiu
 ver que ela não era assim tão esperta.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. <p>Proposta de trabalho individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual das questões colocadas; 	Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento;	-Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida.	- Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;



Nome: [REDACTED]

Data: _____

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto “A Raposa e o Sapo”, responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Sim, porque animais que não conseguem viver na água e outros na terra.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Os sapos que não a água.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim.

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

A raposa não agiu corretamente porque comeu a mãe da gazela. Também a gazela não agiu corretamente porque não se defendeu e acabou a matar a mãe da gazela. A gazela não agiu muito bem porque trabalhou e tratou bem a raposa e a gazela.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> - Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. <p>Proposta de trabalho individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual das questões colocadas; 	<ul style="list-style-type: none"> Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento; 	<ul style="list-style-type: none"> -Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;



Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Nome: _____

Data: 23/04/2019

PORTUGUÊS

Agora que já escutaste e leste o Conto “A Raposa e o Sapo”, responde a algumas questões. Lê com atenção antes de responderes.

1. Achas que os animais do conto têm condições para viver em qualquer parte do mundo? Porquê?

Não. Porque a parte do mundo que é muito calor e partes mundo que são muito frias.

2. Haverá raposas no deserto, por exemplo? Ou sapos? Porquê?

Não. Porque no deserto não há água nem alimento, assim nenhum dos animais sobrevive.

3. Pensas que as pessoas podem reagir/ter comportamentos como estes animais?

Sim, há pessoas que não querem as coisas por elas e só pensam nela próprias.

jh

4. Escreve um pequeno texto em que expliques o que pensas sobre o comportamento de cada um dos animais do Conto. Achas que cada um dos animais agiu corretamente? Porquê? Não te esqueças de referir cada um dos animais e o que pensas sobre cada um deles.

A raposa fugiu - se passou por amigo do sapo,
 mas na realidade não era.
 O sapo usou o sapo para não ter trabalho,
 e apropriou-se da liberdade do sapo.
 Mas o sapo que não era porco, só se deixou
 enganar a primeira vez.
 Ele, segundo a cor do sapo, prepare uma parti-
 da a raposa, mostrando-lhe quem enganar
 gosta de ser enganado.
 Na próxima vez a raposa vai pensar duas vezes
 em enganar o sapo.

Objetivos	Conteúdos		
	Conceitos	Procedimentos	Atitudes
- Escutar para aprender e construir conhecimentos; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Redigir corretamente. - Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo. - Monitorizar a compreensão; - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.	Compreensão de texto; Diversidade; Habitat; Comportamento;	-Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pela história ouvida/lida.	- Participar oralmente, colocando previamente o dedo no ar e aguardar autorização para participar; -Mostrar interesse e empenho na realização das atividades;
Proposta de trabalho individual - Resolução individual das questões colocadas;			

**Anexo G - Atividades da investigação desenvolvidas na
Unidade Didática n.º 5**



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação



AEAL
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

UNIDADE DIDÁTICA N.º 5

"Viagem"

(14 a 16 de maio)



Autora

Ana Catarina Freire Dias

Professora Cooperante: Sara Vieira

Equipa de PES:

Professor António Pais

Professora Dolores Alveirinho

Professora Paula Peres

Professor Paulo Afonso

Roteiro das atividades desenvolvidas no âmbito da investigação

14 de maio de 2019

Conto “O macaco e o Cágado”

1. Descoberta e apresentação do elemento integrador: uma mala de cartão;
 - 1.1. Extração de um barquinho de papel da mala, como representação das viagens;
 - 1.1.1. Questionar os alunos sobre o que representará aquele barquinho e para onde poderá ir.
 - 1.1.2. Levantamento oral das ideias dos alunos.
 - 1.2. Resolução do desafio nº.1, extraído da mala de cartão. Registo da adivinha no caderno.

Sem voz encanto quem me ouve;

Tenho leito e não durmo;

E, como o tempo, corro sempre

R: Rio

2. Educação literária: conto tradicional moçambicano

2.1. Antes de ler

- 2.1.1. Distribuição de um protocolo de registos para a caixa literária
- 2.1.2. Apresentação de duas adivinhas retiradas da mala de cartão – caixa literária;
 - 2.1.3. Registo das adivinhas no protocolo. Resolução das adivinhas. Registo da resposta.

*É como um fole,
numas partes duro, noutras mole,
é terrestre e marinho,
duro no lombo, macio no focinho.*

O que é?

R: O cágado.

*Por bananas sou um louco,
Só gosto de macacada.
Digam todos, não se enganem!
Sou um ...! Mais nada!*

R: O macaco.

(11 min)

2.1.4. Observação de imagens retiradas da caixa literária (algumas delas presentes no protocolo de registo).

2.1.4.1. Elaboração de uma pequena história, em grande grupo, com previsões sobre o texto, com base nas ilustrações retiradas da mala de cartão. Registo da história no quadro e no protocolo.

(20 min)

2.2. Leitura

2.2.1. Informação de que o conto é moçambicano. Identificação no mapa-múndi/mapa político onde fica Moçambique e Portugal. Colocação de um barquinho junto de cada um dos países.

2.2.2. Audição da história em modo áudio (narrada por um moçambicano) - ficheiro CPLP (<https://www.dropbox.com/s/jpk18atcnwtvn25/Contos%20CPLP%2018%20Anos%20Final%20v2.zip>).

2.2.3. Debate sobre as diferenças de pronúncia do português europeu e português de Moçambique.

2.2.4. Comparação da história ouvida com a história elaborada em grupo.

2.2.5. Distribuição de tiras com excertos do texto.

2.2.5.1. Ordenação dos acontecimentos da história. Cada aluno deve ordenar a história na sua folha. Depois de ordenada e verificada a ordem, cada aluno cola-a no protocolo.

2.2.6. Leitura silenciosa do texto anteriormente reordenado. Sublinhar palavras desconhecidas.

2.2.7. Diálogo sobre a história.

- Quais os acontecimentos principais da história?
- Quem participa na história?
- O que fez o macaco? E o cágado?
- As personagens procederam de forma correta?

Nota: uma vez que esta atividade está enquadrada no projeto final, as respostas serão gravadas em áudio para análise posterior.

Trabalho para casa: realizar uma pesquisa sobre a fauna e a flora de Moçambique.

(30 min)

15 de maio de 2019

1. Educação literária: conto tradicional moçambicano (continuação).

1.1. Depois de ler:

1.1.1. Reconto oral da história escutada e lida no dia anterior.

1.1.2. Leitura em voz alta para confirmação dos dados apresentados no reconto.

(12 min)

1.2. Vocabulário/gramática do texto

1.2.1. Registo e análise de vocabulário desconhecido (no protocolo).

1.2.2. Identificação de verbos, nomes e adjetivos no penúltimo parágrafo do texto (no protocolo).

(20 min)

1.3. Registos de interpretação

1.3.1. Resolução de questões escritas sobre o conto:

- Concordas com a atitude final de cada animal? Podiam ter encontrado outra solução?
- Achas que os animais da história podiam viver em Portugal? Porquê?
- Que diferenças/semelhanças achas que há entre Portugal e Moçambique?
- Se a história se passasse com outros animais em Portugal, pensas que as atitudes poderiam ser parecidas? *Escreve um pequeno texto dando a tua opinião sobre estas questões.*

(30 min)

1.3.2. Trabalho de grupo: fauna e flora de Moçambique.

1.3.2.1. Em grupos de 4 elementos, os alunos devem preparar um pequeno texto com os dados recolhidos por cada um deles, em casa.

1.3.2.2. Apresentação oral, em grupo, sobre a informação recolhida e organizada.

1.3.2.3. Os textos de cada grupo ficarão expostos na sala.

(30 min)

Anexo H- Atividades da investigação desenvolvidas na Unidade Didática n.º 8

UNIDADE DIDÁTICA N.º 8

(18 e 19 de junho)

Viagem à Floresta Tropical



Autora

Ana Catarina Freire Dias

Professora Cooperante: Sara Vieira

Equipa de PES:

Professor António Pais

Professora Dolores Alveirinho

Professora Paula Peres

Professor Paulo Afonso

Roteiro das atividades desenvolvidas no âmbito da investigação

18 de junho de 2019

Conto “Magia na Floresta Tropical”

1. Redescoberta e apresentação do elemento integrador: uma mala de cartão (utilizada anteriormente noutra unidade didática)

- 1.1.Extração de um barquinho de papel da mala, como representação das viagens;
- 1.2.Questionar os alunos sobre o que representará aquele barquinho e para onde poderá irá desta vez (já nos levou até Moçambique anteriormente);
- 1.3.Exploração da mala de viagem (possui bandeiras de Portugal e Moçambique – com o decorrer da aula será acrescentada a bandeira do Brasil – destino final desta viagem);
- 1.4.Extração do livro *Contos de animais de todo o mundo*, Naomi Adler.

2. Educação literária: conto tradicional brasileiro

2.1.Antes de ler

2.2.Exploração da capa do livro *Contos de animais de todo o mundo* (observação do livro e projeção da capa para observação dos detalhes).

2.3.Identificação de animais da capa: urso polar, girafa, cobra, baleia, crocodilo, jaguar, coelho, sapo/rã, aves e peixes;

- 2.3.1. Dos animais identificados quais existem em Portugal? E no Brasil? E em África (Moçambique)? E noutras zonas do planeta? Registo no guião de leitura.

Portugal	Moçambique	Brasil	Outras regiões do globo
Baleia	Girafa	Crocodilo/jacaré	Urso polar
Coelho	Baleia	Baleia	
Peixes	Coelhos	Jaguar	
Sapos/rãs	Peixes	Sapos/rãs	
Aves: galo	Sapos/rãs	Cobras	
	aves	Aves:	

No caso de determinados animais que podem existir em diferentes zonas mas de espécies diferentes:

Ex: **Portugal:** cobra- rateira, víbora cornuda (venenosa);

Brasil: jiboia-constritora, jararacuçu;

Moçambique/África: cobra-das-árvores; mamba-negra;

O que têm de diferente/semelhante?

- *Cobra-rateira e víbora cornuda*- qual é venenosa? (*víbora cornuda*)
- *sucuri; jiboia-constritora*- qual o tipo de habitat? (A *sucuri* pode chegar até aos 11 metros (maior que a *jiboia*) e é semiaquática; a *jiboia-constritora* é terrestre e arborícola (não é venenosa));
- *cobra-das-árvores; mamba-negra* (extremamente venenosa- umas das mais mortíferas do continente africano; é de cores escuras; gosta de ambientes abertos e dorme muitas vezes em árvores ocas, fendas de rochas e tocas.; A *cobra-das-árvores* -é venenosa; por norma encontra-se em cima das árvores mas por vezes desce das árvores para caçar.;

2.4. Identificação de mais alguns animais de diferentes regiões conhecidos pelos alunos;

2.5. Após identificação do sapo (caso refiram a rã, questionar se haverá outro animal semelhante) questionar se se lembram de que país era o conto que tinha um sapo. Que outros animais entravam na história? (conto português: sapo, raposa, texugo);

2.6. E o outro conto que lemos com animais era de que país? Que animais entravam na história? (Moçambique: cágado, macaco);

3. Leitura

Nota: Devido à extensão do conto, este foi previamente distribuído aos alunos para lerem em casa.

3.1. Identificação do conto como sendo brasileiro

3.2. Identificação no mapa-múndi/mapa político onde fica o Brasil, Moçambique e Portugal.

3.2.1. Colocação de um barquinho junto de cada um dos países.

3.3. Leitura de um excerto do conto: leitura do primeiro parágrafo pela professora; leitura do segundo parágrafo por um aluno;

4. Depois de ler:

4.1. Diálogo sobre a história:

- Há muitos anos, como eram os dias e as noites na história? (*Houve uma altura em que não havia escuro, nem noite, nem sono*)
- Quem trouxe a noite para a floresta? (*Foram as grandes e velhas árvores que viviam na floresta tropical porque sabiam muitas coisas e trouxeram a noite de dentro do rio*).
- Porque é que é importante haver noite? (*Há animais que “vivem” durante a noite. Durante o dia não estão ativos*)
- Que outros animais entram na história que leram em casa e que não foram referidos ali na aula? (*jaguar e águia harpia*):
- Quais os animais (personagens) principais da história? (*Jaguar, cobra e águia harpia*)

4.2. Exploração de vocabulário:

- 4.2.1. Identificação dos animais que participam na história; Projeção em PPT de animais e plantas da floresta tropical e de um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=vcnGsCUXu5Q>)

4.3. Análise e interpretação

4.3.1. Quais os acontecimentos principais da história? Registo de ideias principais.

- a. surgimento da noite e de todas as criaturas (os paus e as raízes das árvores transformaram-se em animais; as pedras e os seixos dos rios transformaram-se em peixes e caracóis);
- b. a cobra deslizava pela margem do rio e admirava os seus olhos refletidos na água; cantava e os seus olhos saíam da sua cabeça e dançavam na magia da noite voltando depois ao seu lugar;
- c. o jaguar fica espantado e pergunta à cobra como é que ela consegue fazer aquilo; A cobra ensina-o e os olhos do jaguar também dançam na magia da noite;
- d. o jaguar pede para a cobra fazer aquela magia novamente, mas desta vez ela chama os olhos do jaguar para si e engole-os;
- e. o jaguar fica cego e circula desorientado pela floresta;
- f. a águia harpia descobre a situação do jaguar e resolve ajudá-lo; procura a cobra e pede-lhe para ela lhe mostrar o que faz pois ela não acredita em magia; a cobra mostra-lhe, exibindo-se, mas a águia desce rapidamente e apanha os olhos da cobra com o bico; egressa para junto do jaguar e deixa cair os olhos nas suas órbitas;
- g. o jaguar volta a ver; vê melhor e mais longe que antes; agradece à águia e caça um tapir para a águia se alimentar;
- h. os dois amigos alimentam-se com o tapir e desse dia em diante o jaguar deixa sempre parte da sua caça para a águia.
- i. Os olhos da cobra voltaram a crescer, mas nunca mais dançaram na magia da noite;

4.3.2. Análise do comportamento dos animais (2 primeiras perguntas orais; às duas últimas os alunos respondem por escrito):

- As personagens procederam de forma correta?
- O facto de os animais serem de países diferentes leva-os a ter comportamentos diferentes?
 - E se em vez de animais a história tivesse personagens humanas? Acham que o facto de uma pessoa ser de outro país/cultura significa que deve ser tratada de forma diferente?
 - Acham que devemos obrigar essas pessoas a viverem como nós ou podemos e devemos aceitá-las tal como são, com hábitos do seu país/cultura?
 - Podemos viver todos em harmonia e sem conflitos?

Nota: uma vez que esta atividade está enquadrada no projeto final, as respostas serão gravadas em áudio/vídeo para análise posterior.

